

AUGUSTUS NICODEMUS

O CULTO SEGUNDO DEUS

A MENSAGEM DE MALAQUIAS
PARA A IGREJA DE HOJE


VIDA NOVA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lopes, Augustus Nicodemus

O culto segundo Deus: a mensagem de Malaquias para a igreja de hoje / Augustus Nicodemus Lopes. – São Paulo: Vida Nova, 2012.

ISBN 978-85-275-0503-1

1. Bíblia AT. Malaquias – Comentários
2. Bíblia AT. Malaquias – Crítica e interpretação
3. Deus – adoração e amor
4. Palavra de Deus (Teologia Missão da Igreja) I. Título.

12-09482

CDD-224.9907

Índices para catálogo sistemático:

1. Malaquias: livros proféticos: Bíblia: comentários 224.9907

AUGUSTUS NICODEMUS

O CULTO
SEGUNDO
DEUS

A MENSAGEM DE MALAQUIAS
PARA A IGREJA DE HOJE

Copyright © Edições Vida Nova

1.ª edição: 2012

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA,
Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970.
www.vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos,
eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem
em banco de dados etc.), a não ser em citações breves
com indicação de fonte.

ISBN 978-85-275-0503-1

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Marisa K. A. de Siqueira Lopes

REVISÃO
Josemar de Souza Pinto

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura

REVISÃO DE PROVAS
Josiane S. de Almeida

DIAGRAMAÇÃO
Sk Editoração

CAPA
Panorâmica Com & Mkt

Todas as citações bíblicas, salvo indicação contrária, foram
extraídas da versão Almeida Século 21, publicada no Brasil
com todos os direitos reservados por SOCIEDADE RELIGIOSA
EDIÇÕES VIDA NOVA.

SUMÁRIO

Prefácio	7
Introdução	11
CAPÍTULO 1	
Por que cultuar a Deus se tudo está dando errado?....	19
CAPÍTULO 2	
Cultuar a Deus exige devoção verdadeira e sinceridade de coração	31
CAPÍTULO 3	
Cultuar a Deus exige fidelidade na pregação da Palavra	53
CAPÍTULO 4	
Cultuar a Deus exige vida pessoal e moral reta.....	73
CAPÍTULO 5	
Por que cultuar a Deus se o mal existe, os ímpios prosperam e os justos sofrem?	89
CAPÍTULO 6	
Cultuar a Deus exige obediência	109
CAPÍTULO 7	
Cultuar a Deus exige temor ao seu nome	125
CAPÍTULO 8	
Resumindo os princípios do culto a Deus.....	143

PREFÁCIO

Muitos evangélicos pensam que pouco ou nada podemos aprender com aquilo que o Antigo Testamento nos fala acerca do culto a Deus. Afinal, argumentam eles, o culto em Israel consistia basicamente da matança ininterrupta de animais no altar do templo de Jerusalém, feita por sacerdotes e levitas que seguiam um ritual detalhado, prescrito por Moisés. Havia ainda cerimônias de purificação, entrega de ofertas e dízimos, leituras da Lei e participação de corais formados por levitas. Todas estas coisas, segundo os autores do Novo Testamento, eram simbólicas e foram encerradas com a morte e ressurreição de Jesus Cristo. A igreja, agora, cultua a Deus em espírito e verdade, sem as leis cerimoniais do culto da antiga dispensação.

Contudo, muitos ficarão surpresos ao descobrir que os profetas – e entre eles, Malaquias – ao levantarem sua voz contra o povo de Deus de sua época, por haverem desvirtuado o culto ao Senhor, usaram como argumentos princípios relativos à adoração a Deus que certamente se aplicam ao povo de Deus de todas as épocas. E isso inclui a igreja de Deus no Brasil, em nossos dias.

Entre esses princípios, claramente expostos pelo profeta Malaquias e registrados no livro que leva o seu nome, estão a centralidade de Deus no culto, as razões corretas

para cultuarmos a Deus, a relação entre o culto e a nossa vida diária, a necessidade de adorarmos a Deus de acordo com o que ele nos revelou e não de acordo com nossa criatividade, para mencionar alguns. É por essa razão que Malaquias é bastante atual e relevante. E por isso, um livro que estude sua mensagem é igualmente atual e relevante para a igreja de hoje.

Este livro é o resultado de uma série de mensagens em Malaquias que preguei pela primeira vez num acampamento de jovens da Primeira Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte. Devido à boa aceitação das exposições, preguei a série em outros locais, nos anos que se seguiram, sempre com grande proveito. E por fim, vieram os pedidos e sugestões para que essas mensagens fossem colocadas em forma de livro, a fim de que a mensagem de Malaquias sobre o culto a Deus pudesse alcançar um número maior de pessoas.

Portanto, ele não é exatamente um comentário exegetico em Malaquias. Há bons comentários disponíveis para os que desejam se aprofundar nas questões interpretativas que estão presentes nas palavras do profeta. O objetivo desta obra é entender e apresentar, em forma de exposição bíblica, a mensagem central do livro, que é a necessidade de cultuarmos a Deus de acordo com a sua vontade. Em função disso, o leitor haverá de perceber o formato de pregação expositiva que marca seus capítulos. A versão bíblica utilizada é a Almeida Século 21.

Meus agradecimentos a todos que colaboraram para que este livro pudesse ser feito. Gostaria de agradecer em especial a Josué Marcionilo dos Santos, que

PREFÁCIO

transcreveu as mensagens a partir dos áudios originais. Minha oração é que este livro seja usado por Deus para abençoar aqueles que desejam, de fato, adorá-lo em espírito e em verdade.

São Paulo, julho de 2012.
Augustus Nicodemus Lopes

INTRODUÇÃO

O livro do profeta Malaquias é perfeito para ser usado como base de mensagens sobre sua temática, a qual gira em torno do culto que se deve prestar a Deus *conforme ele deseja*. A razão principal disso — outras serão examinadas mais à frente — é que a profecia de Malaquias foi proferida e registrada em um contexto muito parecido com o que os evangélicos vivem hoje no Brasil. Em outras palavras, o livro, assim como os dias que hoje vivemos, situa-se em um contexto no qual adorar a Deus parece não fazer diferença visível na vida dos que o buscam constantemente nos locais de culto.

Ao longo da história, nem sempre ficou claro para os cristãos o privilégio que têm de adorar a Deus, ser-lhe leal e fazer sua vontade. Qual é o proveito de servir a Deus, cultuá-lo e dedicar tempo para honrá-lo? Vamos refletir sobre essa questão ao longo do estudo do livro de Malaquias.

O contexto histórico

As profecias de Malaquias foram proferidas em um tempo de profundo desânimo para o povo de Deus. Fazia cerca de cem anos que os judeus tinham regressado do cativeiro. Deus havia mandado o povo de Israel para o exílio, por volta de seiscentos ou quinhentos anos antes de Cristo, em

razão da reiterada idolatria e falta de arrependimento. Para isso usou os babilônios, que levaram seu povo, a nação de Israel, cativa para a Mesopotâmia. Parte do povo foi para o Egito, outra se dispersou e muitos outros morreram. Durante setenta anos, o povo permaneceu cativo na Babilônia.

Tempos depois Deus o trouxe de volta à terra prometida. Esse período está registrado nos livros de Esdras e Neemias, dois homens levantados por Deus para liderar o retorno da nação à terra prometida. Porém, nem todos regressaram; parte do povo ficou na Babilônia; outra permaneceu no Egito. Mas um grande contingente voltou para a terra de Israel, a terra que fora prometida a Abraão, Isaque e Jacó.

Quando regressaram, os judeus pensavam ter chegado o tempo do cumprimento das grandes promessas que os profetas de Israel haviam feito. Isaías, Ezequiel e Jeremias profetizaram um tempo maravilhoso para o povo de Deus após a restauração, e o povo acreditava que aquele seria o tempo em que essas promessas se cumpririam.

Só que cem anos se passaram desde a volta do cativo, e as coisas não estavam acontecendo conforme a expectativa. Promessas tinham sido feitas, mas a realidade não estava de acordo com elas. Deus havia prometido renovar a aliança com seu povo, mas tudo continuava como antes. Por meio dos profetas o Senhor prometera uma grande restauração de seu povo na terra, mas somente parte dele retornara da Babilônia. Os profetas haviam mencionado um período de paz, mas eles ainda estavam cercados por inimigos. O povo continuava tendo problemas com

as nações pagãs vizinhas. As promessas de renovação do culto a Deus não se concretizaram, uma vez que as celebrações no templo em Jerusalém eram caracterizadas pelo excesso de formalismo. O culto era vazio, superficial, como veremos no decorrer de nosso estudo. Os profetas tinham apontado para a continuidade da linhagem sacerdotal, mas os sacerdotes haviam se corrompido e estavam totalmente desmotivados.

Ezequiel falara da construção de um templo glorioso; todavia, o templo ora construído era menor que o de Salomão. Aquela nova era de um reino messiânico de paz de que os profetas tanto haviam falado parecia estar muito distante, pois os judeus continuavam sob o domínio dos persas, e a situação econômica era muito difícil. Eles passavam por grandes necessidades, eram oprimidos, pagavam pesados impostos e enfrentavam seca e escassez de coisas básicas. Novamente era tempo de esperar pelo cumprimento das antigas promessas.

Diante de tudo isso, o povo começou a desanimar. O amor pelas coisas de Deus foi pouco a pouco diminuindo, e o povo começou a se dispersar em busca de seus próprios interesses.

Os sacerdotes, que eram os responsáveis pelo culto, começaram a pensar como o mundo ao seu redor, a se tornar indignos, a deixar de fazer seu trabalho da maneira correta, em vez de zelar pela casa de Deus. Começaram a tolerar determinadas práticas no culto que eram contrárias à vontade de Deus, revelada na Lei de Moisés. Os cultos a Deus viraram mero formalismo, rituais mecânicos e sem vida. O coração do povo não estava mais neles. Cada

um dava prioridade a seus assuntos pessoais, em vez de se dedicar a terminar a reconstrução do templo e prestar culto a Deus. Cada um investia em seu pedaço de chão, em sua moradia, em seu negócio e só dava a Deus o que sobrava. Era uma época de esfriamento do povo em relação a Deus.

O profeta

Nesse contexto surge o profeta Malaquias. Pouca coisa se sabe sobre ele. Há quem especule que ele era um levita, a julgar pelo zelo que demonstra pelo culto no templo. Todavia, não temos como provar essa suposição. Seu nome significa “mensageiro de Yahweh” (1.1). Existe uma discussão entre os estudiosos sobre “Malaquias” ser um título ou um nome próprio. As razões para se pensar que era um título são estas: 1) Nada sabemos sobre um profeta chamado Malaquias; 2) Malaquias pode significar também “meu mensageiro”, expressão que aparece em 3.1 em referência ao mensageiro de Deus que haverá de vir. Todavia, essas razões não são fortes o suficiente para sobrepujar o fato de que todos os livros proféticos foram escritos por profetas cujo nome está claramente identificado no início de seu livro. Malaquias, portanto, é o nome daquele profeta que Deus levantou no período final de Neemias para chamar o povo ao culto verdadeiro.

Não há certeza se ele profetizou durante o período de Esdras e Neemias, sendo, assim, contemporâneo de Ageu e Zacarias. A situação que ele denuncia é muito similar à descrita nos livros de Esdras e Neemias, bem como nos de Ageu e Zacarias — ou seja, uma situação de descaso

para com as coisas de Deus, corrupção do clero, casamentos mistos e abusos por parte dos poderosos. No entanto, Malaquias menciona um “governador” (1.8) em sua época que não poderia ter sido Neemias, uma vez que este declara em seu livro que nunca aceitou esse posto (cf. Ne 5.15,18). Além disso, Malaquias pressupõe um templo já construído e terminado, onde os serviços regulares ocorriam semanalmente. Talvez, então, seja mais seguro situar Malaquias no período final de Neemias ou logo depois deste, ou seja, uma data em torno de 450 a 430 a.C.

Uma antiga tradição rabínica, conforme relatada por Jerônimo no século quarto, considera que Malaquias e Esdras são a mesma pessoa, atribuindo a este último a autoria do livro. Todavia, não há nenhum suporte textual para essa afirmação. Todos os manuscritos do livro de Malaquias fazem atribuição à sua autoria, nunca a Esdras. Além disso, nunca Malaquias é chamado de escriba, tampouco Esdras é chamado de profeta. Outras tradições atribuem o livro a Neemias ou a Zorobabel, mas sem fundamentação convincente.

Malaquias é uma voz solitária, que aparece para chamar ao arrependimento o povo da aliança, especialmente os sacerdotes. É por esse motivo que a profecia de Malaquias é tão relevante para nosso entendimento acerca do culto que agrada a Deus, pois sua mensagem é dirigida, em grande parte, aos sacerdotes, àqueles que eram responsáveis por manter o culto devido a Deus da maneira correta.

Nesse pequeno livro, o profeta chama os sacerdotes e o povo ao arrependimento. Sua mensagem afirma que o

povo tinha de permanecer fiel a Deus, mesmo em tempos difíceis, e devia cultuá-lo e servi-lo independentemente das circunstâncias em que se encontrava. O povo de Deus deveria permanecer fiel e aguardar o tempo em que ele haveria de cumprir todas as suas promessas.

Mais tarde, o próprio Malaquias, ou alguém ligado a ele, registrou por escrito e organizou essas palavras dirigidas ao povo de Israel e a seus sacerdotes. Tais palavras, inspiradas por Deus, servem para a igreja de todas as épocas como uma orientação a respeito do culto segundo a vontade de Deus.

O livro

O livro pode ser dividido em oito partes. Cada uma delas trata do culto, embora enfocando diferentes aspectos relacionados à situação do povo. A maioria dessas oito partes segue a mesma estrutura: Deus faz uma declaração, o povo a questiona, e então Deus responde, refutando o argumento apresentado pelo povo. Esse padrão — uma declaração de Deus, o questionamento do povo, seguido por uma resposta de Deus — aparece praticamente em todas as partes do livro.

Não há razão para duvidarmos de que essa estrutura reflita a maneira pela qual Malaquias de fato profetizou ao povo de Judá. Ele trazia uma palavra da parte de Deus ao povo. O povo, então, replicava — geralmente com desdém e incredulidade. Malaquias, então, falando em nome de Deus, explicava a razão pela qual ele havia feito tal declaração, respondendo ao questionamento cínico do povo.

Esse estilo dialógico de Malaquias o destaca dentre os demais profetas. Quem está familiarizado com Isaías, Jeremias, Ezequiel e Amós, por exemplo, pode estranhar o estilo de Malaquias. Nesses livros temos os profetas trazendo a palavra de Deus, ensinando o povo e declarando: “Assim diz o Senhor”. Mas, em Malaquias, Deus, por meio do profeta, entra em diálogo com o povo. É isso que torna o livro de Malaquias distinto dos demais. Aqui o profeta serve de mediador em um diálogo entre Deus e o povo, no qual este questionava cada afirmação de Javé.

Os questionamentos do povo eram estes:

1. Deus nos ama?
2. Em que estamos profanando o culto a Deus?
3. Por que Deus não aceita nossa oferta?
4. Por que não aceita nossos sacerdotes?
5. Em que estamos desagradando a Deus?
6. Em que estamos roubando a Deus?
7. Em que estamos difamando a Deus?

A julgar por esses questionamentos, o povo de Israel parecia acreditar que não havia motivo para Deus enviar um profeta para questioná-los a respeito da vida que levavam ou a respeito do culto que ofereciam ao Senhor todos os sábados, no templo de Jerusalém. Assim, tem início um diálogo entre Deus e o povo, o que torna o livro de Malaquias, por sua estrutura, diferente dos livros dos demais profetas. O livro termina com a promessa do grande dia do SENHOR, quando Deus irá definitivamente sanar toda dúvida e silenciar todo questionamento.

Malaquias é o último mensageiro inspirado por Deus no Antigo Testamento. É ele que anuncia a chegada do primeiro grande mensageiro do Novo Testamento, João Batista (4.5,6). Com João, teria início um novo tempo para o povo de Deus, tempo em que o Senhor será adorado por verdadeiros adoradores, no Espírito e em verdade.

Esta obra tratará dos princípios do culto a Deus, apresentados por Malaquias a um povo que não mais tinha ânimo para adorá-lo e que havia perdido a visão do culto verdadeiro. O objetivo desse estudo é que possamos entender esses princípios e aplicá-los aos nossos dias, pois, assim como nos dias de Malaquias, um reavivamento do culto bíblico hoje também se faz extremamente necessário.

CAPÍTULO 1

POR QUE CULTUAR A DEUS SE TUDO ESTÁ DANDO ERRADO?

Malaquias 1.1-5

Palavra do SENHOR contra Israel, por intermédio de Malaquias. Eu sempre vos amei, diz o SENHOR. Mas vós perguntais: De que maneira nos tens amado? Por acaso não era Esaú irmão de Jacó?, diz o SENHOR. No entanto, amei Jacó e rejeitei Esaú. Fiz dos seus montes uma desolação e dei sua herança aos chacais do deserto. Ainda que Edom diga: Estamos arruinados, mas voltaremos e reconstruiremos as ruínas, o SENHOR dos Exércitos diz assim: Eles reconstruirão, mas eu demolirei. Serão chamados: Terra da Maldade, povo contra quem o SENHOR está irado para sempre. E com os olhos o vereis e direis: O SENHOR é grande até mesmo além das fronteiras de Israel.

Deus nos ama porque nos escolheu

Introdução

No versículo 1, temos a introdução do livro: “Palavra do SENHOR contra Israel, por intermédio de Malaquias”. Essas

palavras foram pronunciadas por meio de Malaquias, mas não como algo que ele tenha inventado de sua cabeça; na verdade, ele foi apenas o mensageiro. A propósito, o nome “Malaquias” em hebraico significa “meu mensageiro”. Daí alguns eruditos especularem se Malaquias ganhou esse nome depois de se tornar profeta ou se era de fato o nome dele, e se, quando ganhou esse nome, ele já era um profeta de carreira.

No entanto, pouco sabemos a respeito dele. Não temos informação de onde ele veio, de quem era, tampouco do nome de seus pais. Geralmente os profetas se apresentavam assim: “Palavra de Isaías, filho de Amoz”; “Palavra de Ezequiel, filho de Buzi”. Os profetas geralmente se identificavam — o que incluía uma menção à família a que pertenciam. No entanto, quase nada sabemos acerca de Malaquias, a não ser seu nome, que ele era um profeta e profetizou cerca de cem anos após o retorno do cativo, que durante esse período os persas se tornaram a grande potência mundial e que seu nome significa “meu mensageiro”; nada mais (veja a Introdução para maiores detalhes).

Palavra do SENHOR contra Israel

Malaquias não trouxe uma palavra fácil; por essa razão, em algumas versões sua palavra é chamada “sentença” (termo usado na ARA) ou “peso” (termo usado na ARC). O termo “sentença” no hebraico significa “peso”. Essa é uma palavra usada no Antigo Testamento para se referir aos oráculos dos profetas. Mas por que chamá-la “peso”? O texto diz literalmente *peso de Deus contra Israel*, ou seja, faz referência ao fato de que sua mensagem é uma

palavra pesada. Para quem essa palavra representava um peso?

Em primeiro lugar, para quem a pregava. Imagine o profeta ter de trazer uma palavra como essa ao povo! Geralmente quem fala procura agradar seus ouvintes, quer ser apreciado por todos. Afinal, quem não deseja conquistar popularidade quando fala, prega ou faz uma apresentação? Todo mundo quer ser aplaudido. Mas a palavra que Malaquias trazia, no entanto, nada tinha de doce ou agradável. Era uma palavra de denúncia, uma palavra de crítica, por isso era chamada de sentença, peso.

Em segundo lugar, era peso não somente para quem a pregava, mas também para quem a ouvia. Ponha-se no lugar do povo de Israel. Quem gostaria de ficar ouvindo coisas do tipo: “Prestem atenção, Deus não está aceitando o culto de vocês”; “O Senhor não está aceitando as ofertas de vocês, aliás, nem as tragam, porque Deus está enfadado de vocês”; “Deus está bocejando... e não vê a hora de esse culto terminar”. Não é fácil ouvir esse tipo de coisa ou reconhecer os próprios erros, daí a razão de o povo questionar, dizendo: “Por quê? Onde é que temos errado? O que é que está errado?”.

Assim, a mensagem trazida pelo profeta era de fato um peso, uma palavra pesada, dirigida contra Israel, o povo de Deus. Israel era a igreja do Antigo Testamento. Há uma continuidade na história do povo de Deus; somos parte do mesmo povo, da mesma aliança da graça. Dessa forma, podemos dizer que aqueles crentes do Antigo Testamento são nossos companheiros, e que a palavra de Deus é proferida contra toda a sua igreja, contra seu povo,

sempre e toda vez que ocorrer a profanação do culto, a desobediência aos mandamentos, a falta de interesse nas coisas de Deus e a ausência de fé em tempos difíceis. É em razão disso que Deus levanta seus profetas.

O profeta era o homem que Deus chamava para determinado momento, dando-lhe sua palavra, enquanto o sacerdote era o pastor regularmente instituído, o ministro, aquele que cuidava das coisas de Deus cotidianamente. O profeta não tinha formação, nem estudos, nem tinha sido ordenado. Mas trazia, com toda a autoridade, o peso da palavra de Deus contra os pastores, o povo e o mundo daquela época.

A declaração de Deus

Embora a palavra de Malaquias seja um peso, veja como ela começa: “Eu sempre vos amei, diz o SENHOR” (1.2). É curioso que, embora seja um peso, uma palavra dirigida contra o povo, Deus comece dizendo: “Eu vos amo, eu sempre vos tenho amado”. O verbo “amei” em hebraico usado por Malaquias traz a ideia de que Deus não somente amou um dia, mas continua amando seu povo. Ele diz: “Eu vos tenho amado” (ARA); em outras palavras, “sempre amei vocês”.

E essa é a mensagem de Malaquias para o povo. Ela falava de um amor antigo que vinha desde a escolha soberana de Abraão, um pagão que Deus escolhera para entrar em aliança com ele. Aos descendentes de Abraão Deus deu a Lei, os sacerdotes e as promessas. Através de toda a longa história de Israel, Deus sempre abençoara e protegera esse povo; Deus o tinha amado. Bastava a nação de Israel olhar para sua história que constataria

essa verdade. Deus sempre tinha amado aquele povo; sempre o tinha protegido, abençoado, concedido privilégios, revelado-se a ele. Essa era a mensagem que curiosamente o povo precisava ouvir naquela situação em que se encontrava, pois estava desanimado e sem interesse pelas coisas de Deus. Então, o Senhor vem, por meio do profeta, e diz: “Eu sempre vos amei”.

O que Deus queria ouvir do povo ao dizer isso? Que o povo, em resposta, dissesse: “Deus, aceitamos seu amor e vamos amá-lo também”. Mas o que foi que ele ouviu?

O questionamento do povo

Deus ouviu a seguinte resposta do povo: “De que maneira nos tens amado?” (1.2). É uma pergunta cínica, não? Ela pode ser traduzida nos seguintes termos: “Que amor é esse? Nossa situação financeira está cada vez mais difícil, os persas dominam sobre nós... Que amor é esse, se o Senhor prometeu e não cumpriu? Onde estão as promessas que os profetas fizeram? Que amor é esse? Estamos passando dificuldades... Em que o Senhor nos amou?”.

Esse tipo de questionamento não é algo exclusivo do povo daquela época. Ao longo da história, as pessoas têm procurado medir o amor de Deus por meio de coisas materiais, de sua situação financeira e do conforto que têm ou deixam de ter. Elas questionam Deus por causa dessas coisas: Será que Deus me ama mesmo? Estou desempregado, estou doente, meu marido me deixou, meu filho não passou no vestibular, fui reprovado na entrevista de emprego, meu namorado não quer saber mais de mim. Será que Deus me ama de verdade?

A resposta de Deus

A resposta de Deus parece não ter nada a ver com o assunto, mas, na verdade, o que ele faz é conduzir a discussão para outro nível. A resposta de Deus faz referência à predestinação: “Por acaso não era Esaú irmão de Jacó?, diz o SENHOR. No entanto, amei Jacó e rejeitei Esaú”. A resposta de Deus é esta: “A prova de que eu tenho amado vocês é que, quando eu poderia ter escolhido Esaú, que é o pai dos edomitas, dos árabes, escolhi o pai de vocês, Jacó, e isso quando ambos ainda não tinham feito nem bem nem mal, quando ainda estavam no ventre da mãe”. Aqui há uma referência ao episódio registrado em Gênesis, quando Rebeca perguntou a Deus por que as duas crianças em seu ventre brigavam tanto entre si. “E o SENHOR lhe respondeu: Há duas nações no teu ventre, e desde as tuas entranhas dois povos se separarão, e um povo será mais forte que o outro, e o mais velho servirá ao mais moço” (Gn 25.23).

O comentário de Paulo sobre esse texto, em Romanos 9.10-16, diz que a escolha soberana de Deus é apresentada por Malaquias não apenas como prova de que ele é soberano, mas como prova do amor livre que Deus tem para com o seu povo, sua igreja e a nação de Israel, da qual somos continuação.

Assim, quando os judeus questionavam a Deus, “de que maneira nos tens amado?” Deus respondia: “Vocês querem uma prova de amor maior do que essa? Vocês poderiam estar entre aqueles que eu rejeitei para sempre, mas estão entre os que escolhi amar soberanamente, e essa é a maior prova de amor que posso dar a vocês”. A escolha soberana

de Jacó como o pai da nação israelita era a maior prova do amor de Deus.

A resposta de Deus, portanto, tem três pontos:

O primeiro ponto é este: “Escolhi Jacó; essa é a prova de que vos ameí”. Essa é uma verdade que devemos aplicar à nossa vida. Não podemos medir o amor de Deus por questões transitórias, como situação financeira, estabilidade familiar ou posição social. Não meçamos o amor de Deus por isso, mas sim por esta questão crucial: Pertencço a Deus ou não? Se faço parte do povo de Deus, é porque o Senhor me escolheu para ser seu filho; então, tenho a maior prova de amor que Deus pode dar; do contrário, eu faria parte do povo que Deus escolheu aborrecer para sempre, os descendentes de Esaú.

O segundo ponto é que Deus nos ama porque não nos rejeitou para sempre. “... e rejeitei Esaú. Fiz dos seus montes uma desolação e dei sua herança aos chacais do deserto” (1.3). Aqui Deus se refere a um episódio ocorrido alguns séculos antes, no qual os edomitas, que eram descendentes de Esaú e moravam nos montes, foram forçados a sair de seu lugar de refúgio e fugir para o norte do Neguebe, como castigo de Deus por sua participação na invasão dos povos daquela região. Essa é uma referência aos descendentes de Esaú, que foram desalojados de sua terra. Veja o contraste: se, por um lado, Deus estava trazendo Israel de volta para sua terra, por outro, tinha expulsado os descendentes de Edom definitivamente da terra deles. O que essa escolha revelava? Era algo para Israel pensar.

Terceiro, Deus diz que está irado para sempre contra aquele povo: “Ainda que Edom diga: Estamos arruinados,

mas voltaremos e reconstruiremos as ruínas, o SENHOR dos Exércitos diz assim: Eles reconstruirão, mas eu demolirei. Serão chamados: Terra da Maldade, povo contra quem o SENHOR está irado para sempre” (1.4). Com excesso de confiança, os edomitas afirmavam que, se Edom fosse destruída, seria edificada novamente. Deus, porém, diz que, caso ela fosse reerguida, ele a destruiria novamente. Já imaginou se Deus dissesse isso a você? Imagine só dizer isso a um povo: “Vocês podem edificar, mas eu vou tornar a derrubar”? Enquanto a nação de Israel, que tinha sido derrubada, seria edificada, Deus estava destruindo definitivamente a nação daqueles contra quem ele estaria irado para sempre.

Com essa afirmação — de que Deus escolheu soberanamente pecadores para fazer parte do povo dele — nos é assegurada a salvação eterna, mesmo que aqui neste mundo passemos por dificuldades, provações, privações e outras realidades que acometem a todos nós. Independentemente dessas realidades, se somos de Deus, sabemos que isso tudo é passageiro. Somos peregrinos; a terra pela qual esperamos não é a terra de Canaã, mas sim a glória eterna, um novo céu e uma nova terra onde habita a justiça. É para lá que iremos, é para lá que estamos destinados, se somos parte desse povo que Deus amou e vai amar para sempre. Saber que pertencemos a essa comunidade é uma evidência do amor de Deus, cuja maior expressão é Jesus Cristo, morrendo na cruz por nós para pagar por nossos pecados, a fim de que pudéssemos ativamente herdar a terra prometida, a Nova Jerusalém celestial, a glória eterna.

A prova do amor de Deus é que você não faz parte desse povo que Deus resolveu odiar para sempre, “povo contra quem o SENHOR está irado para sempre”. Esse povo contra quem o Senhor está irado para sempre, que está debaixo de seu “decreto espantoso” segundo Calvino, pode até ter uma vida boa aqui neste mundo. Muitos dos que a ele pertencem podem até ser ricos, bonitos, populares, ter prosperidade ou poder; porém, o que os aguarda não é a felicidade eterna, e sim a ira de Deus para todo o sempre. Por isso, quando o povo questiona no livro de Malaquias: “De que maneira nos tens amado?”, a resposta de Deus, em outras palavras, é esta: “Pelo fato de que eu escolhi vocês para serem meus filhos e herdeiros do novo céu e da nova terra”.

Portanto, não devemos medir o amor de Deus pelas dificuldades e problemas que enfrentamos. Grandes servos de Deus foram presos, decapitados, surrados, insultados e difamados. Ao longo da história, homens e mulheres de Deus, tementes ao Senhor, têm feito parte desse povo que ele amou e tiveram seu quinhão e sua porção de tristeza, dor, sofrimento e aflição.

Não devemos medir o amor de Deus pelas coisas difíceis e dolorosas que estamos passando hoje, porque às vezes apraz a Deus nos submeter a tempos difíceis para nos preparar para a glória. Às vezes apraz a Deus que a doença, o desemprego, a solidão e tantas outras coisas venham sobre nós em preparação para aquela glória que ele tem reservada. Isso não é nada, se comparado com o que Deus tem preparado para nós: “E com os olhos o vereis e direis: O SENHOR é grande até mesmo além

das fronteiras de Israel” (1.5). Quando Deus destruir os ímpios e trazer seu povo para a glória, então, em vez de o povo dizer: “Em que Deus nos amou?”, certamente exclamará: “Grande é o Senhor!”.

Conclusão e aplicações

Essas verdades estão intimamente relacionadas com o culto, pois a atitude que Deus espera no culto não é a de pessoas que o questionem cinicamente a respeito de seu amor, quando passam por tempos difíceis. Perceba que existe uma diferença sutil entre questionar a Deus com sinceridade e questioná-lo com cinismo.

Há muitas pessoas que vêm cultuar a Deus, mas estão tão desanimadas por causa da situação que estão vivendo ou estão tão abatidas pelos problemas que acabam questionando o amor de Deus. “Deus, eu não consigo perceber o teu amor. Não estou animado para te adorar, para te servir, porque estou passando por lutas. Eu estou com dúvidas. As pessoas ao meu redor dizem que tu não existes. Afinal, tu existes ou não?”. Não é pecado chegar diante de Deus e abrir o coração.

Mas essa é uma atitude diferente da que o povo de Israel demonstrou, pois sua atitude beirava o cinismo, era de fato uma pergunta debochada. Na verdade, o povo não estava esperando uma resposta. O que quero enfatizar aqui é que o culto ideal a Deus pressupõe pessoas submissas a ele, que entendem o seu amor e o adoram, mesmo que estejam passando por doenças, dificuldades, desemprego, problemas financeiros, problemas emocio-

nais ou psicológicos, solidão ou abandono. A conclusão é que o nosso culto a Deus, a nossa devoção a Deus, não devem depender das circunstâncias.

Como vimos, a mensagem de Malaquias não é semelhante à de determinados pregadores de hoje que tentam associar o amor de Deus com a prosperidade. Ouvi recentemente um conhecido pregador na televisão, cujo nome não precisa ser citado, que chamava os crentes de “trouxas”. Ele dizia mais ou menos assim: “Você vem à casa de Deus, traz sua oferta e diz que não quer nada da parte de Deus? Você está apenas trazendo essa oferta como um ato de devoção? Você é um “trouxa”. Tem de trazer sua oferta e dizer: ‘Deus, eu quero de volta; eu quero a bênção material’”. E esse pregador prosseguia, chamando os crentes de “trouxas”.

O que Malaquias apresenta como o crente fiel — aquele que vem cultuar e servir a Deus sem de fato estar preocupado com a sua situação e com o retorno que Deus possa dar — é hoje chamado de “trouxa” por esses pregadores da prosperidade, por aqueles que pregam essa mensagem deturpada. Essa mensagem não tem nada a ver com o evangelho de Cristo, pois para ela é como se o culto a Deus fosse uma transação comercial: “Olha, Senhor, eu vim te servir, vim te trazer meu louvor, meu culto, mas estou esperando em troca aquele(a) namorado(a) que prometeste” ou “um emprego” ou “um aumento de salário”. Não, não é esse tipo de culto que Deus deseja; ele quer que as pessoas o adorem porque o amam pelo que ele é, não por alguma suposta recompensa que lhes possa dar em troca desse amor.

Eu não sei qual é a sua opinião quanto a isso, mas creio que todos nós devemos refletir a respeito da atitude

do nosso coração, do amor de Deus para conosco, do quanto estamos convencidos de que somos amados por Deus. Isso vai fazer toda a diferença em nosso culto a Deus, no louvor, na oração, no ouvir a Palavra de Deus e nas ofertas que apresentamos a ele.

CULTUAR A DEUS EXIGE DEVOÇÃO VERDADEIRA E SINCERIDADE DE CORAÇÃO

Malaquias 1.6-14

O filho honra o pai, e o servo, o seu senhor. Se eu sou pai, onde está a minha honra? Se eu sou senhor, onde está o temor de mim?, diz o SENHOR dos Exércitos a vós, sacerdotes, que desprezais o meu nome. E vós perguntais: Como temos desprezado o teu nome?

Ofereceis alimento impuro sobre o meu altar e ainda perguntais: Como temos te profanado? Quando dizeis que a mesa do SENHOR é desprezível.

Quando ofereceis em sacrifício um animal cego, isso não é errado? E quando ofereceis o animal aleijado ou doente, isso também não é errado? Ora, apresenta-o ao teu governador. Será que ele se agradará disso? Ele vos atenderá?, pergunta o SENHOR dos Exércitos.

Suplicai, agora, o favor de Deus, para que tenha compaixão de nós. Com esse tipo de oferta, será que ele vos atenderá?, pergunta o SENHOR dos Exércitos.

Ah, se houvesse entre vós alguém que fechasse as portas, para que não acendêsseis em vão o fogo do meu altar! Eu não tenho prazer em vós, nem aceitarei vossa oferta, diz o SENHOR dos Exércitos.

Mas o meu nome é grande entre as nações, do oriente ao ocidente; e em todo lugar oferecem ao meu nome incenso e uma oferta pura; porque o meu nome é grande entre as nações, diz o SENHOR dos Exércitos.

Mas vós o profanais, quando dizeis: A mesa do Senhor é impura, e seu alimento é desprezível.

Afirmais também: Que canseira! E o desprezais, diz o SENHOR dos Exércitos. Trazeis como oferta o que foi roubado, o aleijado e o doente, e ainda quereis que eu aceite isso da vossa mão?, pergunta o SENHOR.

Maldito seja o enganador que, tendo animal macho sem defeito no seu rebanho, promete oferecê-lo, mas sacrifica ao Senhor um animal defeituoso. Pois eu sou grande rei, e o meu nome é temível entre as nações, diz o SENHOR dos Exércitos.

Deus nos ama e quer o melhor de nós

Introdução

O profeta Malaquias surge no cenário da história cerca de cem anos depois que o povo havia voltado à terra prometida. Aparentemente já havia passado a época de Ageu, Zacarias, Esdras e Neemias, e o próprio povo já começava

a se instalar na terra; porém, não com a mesma glória e a mesma prosperidade de antes. O povo achava que as promessas feitas pelos grandes profetas, como Isaías, Ezequiel e Jeremias, não estavam se cumprindo. Promessas como a plena restauração da posse da terra (que não se concretizara) e de um templo grandioso e glorioso não havia se concretizado. O templo ainda estava em processo de construção, pois só seria efetivamente concluído quatrocentos anos mais tarde, na época do rei Herodes, que fez nele uma grande reforma. Nos dias de Malaquias, no entanto, o templo era mesmo muito pequeno e modesto, se comparado com o anterior, que fora edificado por Salomão.

O povo começou, então, a fazer comparações com as promessas que haviam sido feitas. As coisas não estavam acontecendo, e o povo estava desmotivado e começou a desanimar em sua devoção a Deus. Perdera o zelo e a motivação que marcaram a época da volta do cativo.

Então, pouco a pouco cada um começou a cuidar de suas coisas, de seus negócios, e o culto a Deus foi ficando em segundo plano. Os próprios sacerdotes haviam se corrompido e não mais executavam suas tarefas da forma devida; com isso, o culto já não estava dentro do padrão que Deus havia estabelecido como aceitável.

Durante a leitura de Malaquias, vamos perceber que, ao menos duas vezes, Deus diz que não aceitaria as ofertas do povo. É nesse contexto que surge Malaquias, o mensageiro que Deus levantou para aquele momento. Os profetas eram homens escolhidos por Deus para um determinado momento. Eles não tinham uma função regular, não eram ordenados, mas sim chamados pelo próprio Deus. Apareciam quando a religião institucionalizada falhava,

quando os reis e sábios falhavam, quando os sacerdotes que eram responsáveis por conduzir o culto a Deus também falhavam. Os profetas eram o último recurso de Deus para comunicar sua vontade ao povo. Deus levantava os profetas, que vinham no poder do Espírito Santo e na autoridade de Deus, chamando o povo ao arrependimento ou advertindo-o das consequências de seus atos. Às vezes pensamos que o papel do profeta era prever o futuro, que essa era sua função principal, mas na verdade não era — a previsão do futuro era uma parte relativamente pequena do seu ofício. A tarefa principal do profeta era chamar o povo ao arrependimento e à obediência da Lei.

A declaração de Deus

Vimos no primeiro capítulo que o livro apresenta um diálogo entre Deus e seu povo que se deu pela mediação de Malaquias. Deus começou dizendo: “Eu sempre vos amei”. O objetivo de Deus era atrair o povo para o seu culto, mas o povo respondeu: “De que maneira nos tens amado?” Nós estamos pobres, sob opressão do jugo inimigo, o templo não voltou a ser o que era, nosso povo não voltou integralmente do exílio — uma parte está na Mesopotâmia e outra no Egito. Onde estão as provas do seu amor?” Eles mediam o amor de Deus pela prosperidade financeira, política e social que os cercava. E a resposta de Deus ao questionamento do povo foi que a prova de que ele os amou estava no fato de que escolhera Jacó e rejeitara Esaú. Já vimos como a eleição de Deus é a prova maior de seu amor para conosco. E devemos dar graças a Deus por não fazer parte do povo contra o qual ele está irado para sempre (1.4). Esse

é o motivo de cultuarmos a Deus, de amarmos a Deus, e a prova do seu amor por nós.

Agora estamos diante de um novo diálogo, que tem mais diretamente a ver com o culto a Deus.

Deus diz aos sacerdotes: “O filho honra o pai, e o servo, o seu senhor. Se eu sou pai, onde está a minha honra? Se eu sou senhor, onde está o temor de mim?, diz o SENHOR dos Exércitos a vós, sacerdotes, que desprezais o meu nome” (1.6). Aqui Deus declara que os sacerdotes estavam profanando seu culto e desprezando seu nome.

Vejamos a queixa de Deus (1.6). O Senhor usa duas figuras — o pai e o senhor — que inspiram respeito e que, teoricamente, as pessoas costumam honrar. “Ora, eu os gerei e constituí como meu povo; portanto, sou vosso pai e senhor. Então, onde está a honra que me é devida? Onde está o temor ao meu nome?”.

Duas vezes nesses versículos Deus diz “o meu nome é grande [ou temível] entre as nações” (1.11,14). Ele era digno de honra, mas o povo não o tratava como se fosse. Seis vezes no livro de Malaquias aparece a expressão “meu nome”. Deus tem zelo por seu nome, sua glória e sua reputação. Tudo isso estava sendo descartado pelos sacerdotes, e essa era a queixa de Deus: ele não estava recebendo a honra e a glória que lhe eram devidas. Os sacerdotes, os próprios responsáveis pelo culto, estavam profanando o nome de Deus. O povo estava trazendo ofertas impuras a ele; por isso o Senhor faz esse questionamento queixoso.

O questionamento dos sacerdotes

A reação dos sacerdotes é semelhante à reação que o povo tinha tido: “Como temos desprezado o teu nome?” (1.6), perguntam de forma cínica. A resposta de Deus é que eles estavam profanando o culto ao oferecer aquelas ofertas que ele proibira. Estavam prestando um culto que não estava de acordo com o que Deus prescrevera, e também demonstravam uma atitude de tédio. Os sacerdotes estavam enfadados de servir a Deus e consideravam o culto e as ofertas uma coisa desprezível, imunda. Por isso, Deus disse que não iria aceitar o culto que estavam prestando a ele.

Estamos diante de um problema muito sério. Às vezes as pessoas pensam que as partes do culto público são um aspecto menor daquilo que constitui a igreja. Na verdade, o culto a Deus é onde desembocam todas as faces da igreja. É onde desemboca o discipulado, a doutrina, aquilo que acreditamos sobre Deus e a igreja — todos esses aspectos são como vertentes que acabam desaguando no culto. Na realidade, o culto é a expressão pública do que a igreja acredita sobre Deus, sobre si mesma e sobre a salvação. Portanto, o culto é assunto muito sério.

Muitos pensam que a Reforma Protestante teve a ver apenas com a centralidade das Escrituras e a salvação pela fé sem as obras da lei, a justificação. Sem dúvida, esses temas deflagraram a Reforma iniciada por Martinho Lutero. Contudo, logo em seguida, essa Reforma que se iniciara com a redescoberta das Escrituras (*sola Scriptura*) e a justificação somente pela fé (*sola Fide*) alcançou a questão do culto. Isso ocorreu porque o

culto da Igreja Católica Romana na Idade Média refletia o que ela acreditava acerca da salvação, ou seja, que esta teria de ser mediada pela igreja, por meio dos sacramentos e sacerdotes, ou ministros e padres católicos.

Assim, o culto da Idade Média era a expressão daquilo que se acreditava a respeito da salvação. No momento em que Lutero descobriu que a salvação não é mediada pela igreja, pelos padres, que a salvação não é por obras, mas pela graça, mediante a fé em Jesus Cristo, então, não somente a teologia, mas o próprio culto mudou. O culto passou a ser diferente entre aqueles que passaram a aceitar a doutrina da justificação pela fé somente. Acabaram-se aquelas expressões no culto que refletiam o conceito equivocado de salvação sustentado pela igreja de Roma, e o culto passou a ser simples. As imagens dos santos, que eram considerados mediadores, foram descartadas, e todos aqueles rituais por meio dos quais supostamente se alcançava a graça foram eliminados da igreja. O culto tornou-se simples, e Deus passou a ser o centro da adoração.

Logo, vemos que o culto é importante. Ele é a parte mais importante daquilo que fazemos para Deus como igreja. Infelizmente, muitos hoje não têm olhado para o culto com essa perspectiva e seriedade, o que só têm feito a igreja perder.

E é justamente de uma perspectiva errada em relação ao culto que fala o livro de Malaquias, quando Deus se queixa de que os sacerdotes estavam profanando e desprezando o culto. E a resposta cínica dos sacerdotes foi: “Como temos desprezado o teu nome?” (1.6) “Como temos te profanado?” (1.7) Não havia razão para que eles fizessem

esse tipo de pergunta, pois os sacerdotes e os levitas eram instruídos sobre como agir no templo. Eles sabiam muito bem que tipos de ofertas deveriam trazer a Deus, que tipo de disposição deveriam ter, e que não estavam realizando as suas funções como deveriam. A resposta dos sacerdotes em forma de pergunta, portanto, era capciosa e cínica, e refletia com perfeição o estado espiritual deles e do povo àquela altura.

A resposta de Deus

A resposta de Deus (1.7-14), por sua vez, pode ser dividida em quatro partes.

1. Deus dá prova de que eles estavam desprezando o culto.
2. Deus diz que não aceitava aquele tipo de culto.
3. Deus volta a dizer que o culto que eles estavam oferecendo era uma profanação.
4. Deus termina amaldiçoando o enganador — aquele que pretende prestar culto a Deus prometendo algo, mas que não o faz como deveria.

1. Deus dá prova de que eles estavam desprezando o culto

Vamos iniciar com a resposta de Deus à pergunta cínica dos sacerdotes: “Ofereceis alimento impuro sobre o meu altar e ainda perguntais: Como temos te profanado? Quando dizeis que a mesa do SENHOR é desprezível” (1.7).

Para entender essa acusação de Deus contra os sacerdotes precisamos voltar um pouco no Antigo Testamento e

lembrar qual era a função do sacerdote no culto a Deus. O culto a Deus no Antigo Testamento era, em grande parte, composto por diversos tipos de ofertas que eram trazidas ao templo pelos israelitas. A Lei de Moisés descrevia em detalhes os vários tipos de ofertas. Havia a oferta queimada, a oferta pelo pecado, a oferta de gratidão, as ofertas de cereais. Para quem não podia oferecer animais, havia a prescrição de oferecer determinado tipo de ave. Havia toda uma legislação minuciosa que Deus estipulara, por meio de Moisés, em relação ao seu culto. Ele queria ser adorado daquela maneira.

Qual era o objetivo dessas leis e desses sacrifícios? Preparar a nação de Israel para a vinda do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo e que seria sacrificado pelo próprio Deus na cruz, em holocausto definitivo, em prol do povo de Deus. Todos aqueles sacrifícios eram um tipo, uma figura do sacrifício maior de seu próprio Filho que Deus haveria de fazer em prol dos pecados do seu povo. Esse sacrifício foi único e anulou de uma vez por todas os outros sacrifícios, pois por meio dele Deus realizou de uma vez para sempre a reconciliação dos pecadores, perdendo definitivamente os pecados do seu povo.

Os sacerdotes, integrantes da tribo de Levi, tinham como função cuidar do culto a Deus. Eles não faziam mais nada além disso, eram pastores em tempo integral, tanto que o salário deles vinha dos dízimos do povo. A tarefa deles, então, era a de serem conhecedores da Lei de Deus para que, na hora em que o povo trouxesse o sacrifício, eles examinassem o animal e as ofertas e decidissem se eram ou não válidos. Eles deveriam saber como cortar o

animal, acender o incenso, enfim, tinham a função de estar totalmente inteirados de como o culto a Deus deveria ser prestado. Eles tinham outra função, que Malaquias vai também enfatizar: ensinar a Lei de Deus ao povo. Veremos isso mais adiante, pois o que está em pauta aqui é a responsabilidade dos sacerdotes de manter o culto a Deus de acordo com a Palavra revelada.

De acordo com a Lei que Deus revelou em todos os detalhes, eles não deveriam mudar absolutamente nada do culto. Quando Deus os acusa de profanar o culto, e eles devolvem a pergunta cinicamente, isso mostra que sabiam muito bem que estavam pecando, pois tinham ideia clara de suas funções como ministros de Deus e responsáveis pelo culto dedicado a ele.

A resposta de Deus veio nestes termos: “Ofereceis alimento impuro sobre o meu altar e ainda perguntais: Como temos te profanado? Quando dizeis que a mesa do SENHOR é desprezível” (1.7). Mesa aqui é uma metáfora do altar onde as ofertas eram servidas. Vem daí a ideia da mesa do Senhor, à qual nos assentamos para comer o pão e beber o vinho.

Em outras palavras, a resposta de Deus é: “Eu não aceito suas ofertas porque são imundas. Podem até ter sido trazidas com a melhor das intenções, mas não estão dentro do padrão que estabeleci”. As pessoas podem até querer adorar a Deus do seu modo, mesmo estando cheias de boas intenções, mas quem regula o culto a Deus é ele mesmo, não nós. Não devemos inventar uma maneira própria de adorar a Deus, pois ele dirá que o que está sobre o altar é pão imundo.

Devemos adorá-lo de acordo com a vontade dele. Existe na Bíblia pouca coisa tão regulada como o culto a Deus. Ele nos deu liberdade em uma série de áreas. Por exemplo, Paulo fala em sua primeira carta aos Coríntios (1Co 8-10) que Deus nos deu liberdade para fazer determinadas coisas que não ferem a fé e que devem ser regulamentadas pela consciência cristã cativa à Palavra. Porém, no tocante ao culto, regulado desde o Antigo Testamento, Deus deixa claro que, se estiver fora do padrão, ele não aceita o que lhe é oferecido.

Deus disse aos próprios sacerdotes que eles consideravam a mesa do Senhor desprezível. Eles pareciam pensar: "Ah, isso tudo a respeito do culto não passa de bobagem! Por que devemos nos preocupar com isso? Vamos fazer de qualquer jeito. O templo já não é mais o mesmo, não tem a mesma glória dos dias de Salomão, de modo que vamos fazer do jeito que der". Havia essa atitude displicente por parte dos pastores daqueles dias.

Quando os pastores em nossos dias, que deveriam assumir a responsabilidade de manter a pureza no culto, tratam-no com essa atitude de desprezo e descaso, por certo também não oferecem um culto aceitável a Deus. Há dois motivos pelos quais Deus não aceita o culto a ele oferecido: primeiro, quando não está dentro do padrão que ele estabeleceu e, segundo, quando está contaminado por uma atitude de desprezo, pouco caso ou indiferença. Quem pensa que esse princípio mudou no Novo Testamento está redondamente enganado. Na verdade, o Antigo Testamento é sombra e figura de uma realidade espiritual que já chegou.

Portanto, foi por esses dois motivos que Deus não estava aceitando o culto que lhe era oferecido. Veja o que diz Malaquias 1.8. Os animais que estavam trazendo eram cegos, coxos e enfermos. Eles estavam sacrificando animais expressamente proibidos pela Lei de Moisés e, portanto, fora do padrão estabelecido por Deus. Como podemos ver em Deuteronômio 15.21, a ordem era clara: “Mas, se houver algum defeito nele, por exemplo, se for aleijado, ou cego, ou tiver qualquer outro defeito, não o sacrificarás ao SENHOR, teu Deus”.

Malaquias fez até uma comparação, dizendo a eles que apresentassem aquele animal ao governador e vissem se Deus o aceitaria! O governador era uma autoridade que morava em Jerusalém e representava o domínio persa ali. Era uma pessoa importante, da mais alta patente naquele local, honrada o tempo todo. Então Deus diz: “Esse animal que trouxeram para me oferecer, experimentem levar ao palácio, ofereçam ao governador e vejam se ele aceitará essa oferta, e se ele se agrada de vocês. Ora, se ele, um simples homem como vocês, não aceitaria esse presente, como podem esperar que eu, o Senhor, o aceite?”.

Em 1.9, vemos Deus lançar um desafio ao povo e aos sacerdotes: “Suplicai, agora, o favor de Deus, para que tenha compaixão de nós. Com esse tipo de oferta, será que ele vos atenderá? — pergunta o SENHOR dos Exércitos”. Deus lança um desafio: “Tragam esses animais a mim, com a expectativa de que eu vou aceitá-los, dizendo: ‘Ó Deus, estou trazendo uma oferta pelos meus pecados, pela minha gratidão, oferta por isso ou por aquilo. Senhor aceita minha oferta e a mim’. Façam esse teste

para ver se me agrado de vocês. Tragam a mim o que é de segunda mão em sua vida e vejam se eu vou aceitar seu culto”.

Deus, portanto, adverte o povo: “Tragam ofertas e prestem culto que estejam em desacordo com aquilo que eu ordenei, e esperem para ver se serei favorável a vocês!”.

Deus também declarou: “Eu não tenho prazer em vós, nem aceitarei vossa oferta” (veja 1.10). Por que ele dizia isso? Imagine que você tenha uma criação de ovelhas e precise levar sua oferta a Deus. Então olha para o pasto e vê aquela ovelha bonita, gorda, sem defeito, o orgulho do rebanho, e pensa: “Vou matar um animal como esse para oferecer em sacrifício? Por que não posso levar aquela ovelha cega ali, ou aquela manca?”. Ou então: “Encontrei no campo uma ovelha que foi morta e dilacerada por um leão ou urso. Será que não posso oferecer esse animal morto? Afinal de contas, a vida está tão difícil!”, e a mostra ao sacerdote. Este deveria dizer: “Não, meu filho, você tem de trazer a Deus o melhor daquilo que tem. Deus não aceita animais defeituosos como oferta em seu altar”.

No entanto, o que estava acontecendo? O povo estava apertado financeiramente, vivia um momento de desânimo e levava a Deus os animais mais desprezados, os piores do rebanho. Se não serviam para mais nada, diziam: “Vou dar para Deus” — e davam a ele os que custavam menos, o refugo. Qual era o dever dos sacerdotes? Na hora em que o indivíduo chegasse com esse animal, o sacerdote deveria dizer com firmeza: “Este aqui não serve, pois não está de acordo com o padrão que Deus prescreveu”. Mas o que o sacerdote fazia? “Você só tem

isso, meu filho? Não tem nada melhor?”. E o indivíduo respondia: “Não tenho, não”. Então, o sacerdote dizia: “Ofereçamos este mesmo. Deus não irá se importar; acabará aceitando. O que importa é o que estamos fazendo. O que vale é a boa intenção!”.

Em seguida, o sacerdote colocava o animal que Deus disse que não aceitaria sobre o altar. A questão não é que Deus não fosse sensível à situação daquele israelita, mas sim uma questão de princípio. Deus queria que o seu povo o priorizasse, desse a ele o seu melhor, que o amasse em primeiro lugar e que as coisas de Deus tivessem um lugar de honra em sua vida. Portanto, o problema não era o animal em si, mas o que ele representava naquele momento — a quebra da aliança e da Lei.

Os sacerdotes tornaram-se cúmplices do povo em rebaixar o nível do culto que era prestado, e Deus considerava isso como falta de respeito e de honra, como desobediência.

2. Deus diz que não aceitava aquele tipo de culto

Quando o culto não é aceitável, é melhor fechar a porta da igreja.

O mais espantoso é o que Deus diz no versículo 10: “Ah, se houvesse entre vós alguém que fechasse as portas, para que não acendêsseis em vão o fogo do meu altar! Eu não tenho prazer em vós, nem aceitarei vossa oferta, diz o SENHOR dos Exércitos”. Em outras palavras: “Vão embora para casa, pois não quero saber do culto de vocês. Quem dera houvesse um sacerdote que dissesse: Basta!”. Ou oferecemos um culto a Deus com a disposição correta,

da maneira que ele determinou e é digno de receber, ou é melhor fechar as portas para que não se acenda em vão o fogo do altar.

O fogo do altar era onde eram queimados os animais. Deus diz que aquele fogo era aceso em vão quando o povo trazia para serem queimados no altar animais de segunda classe, ofertas fajutas, meras sobras. Era melhor que houvesse levitas que fechassem as portas, as lacrassem, e dissessem: “Se não pararem de profanar o culto a Deus e sua mesa, vamos fechar as portas do templo, apagar o fogo, até que de fato voltem a servi-lo de todo o coração”.

Isso mostra quanto Deus zela por seu culto, o quanto ele o leva a sério.

Deus diz que não aceitaria aquelas ofertas, pois elas não estavam de acordo com sua vontade. Depois expressa o desejo de que houvesse quem fechasse a porta do templo.

Em seguida, afirma que haverá um dia em que o culto será de acordo com a sua vontade: “Mas o meu nome é grande entre as nações, do oriente ao ocidente; e em todo lugar oferecem ao meu nome incenso e uma oferta pura; porque o meu nome é grande entre as nações, diz o SENHOR dos Exércitos” (1.11). Algumas traduções da Bíblia sentem dificuldade de colocar os verbos no presente, pois, quando é dito que em todo lugar entre as nações é queimado incenso e são trazidas ofertas puras a Deus, supostamente teríamos um problema teológico ao dizer que Deus aceita o culto pagão. Ora, o culto a Deus só tinha sido revelado à nação de Israel. O culto pagão é

rejeitado totalmente por Deus, do começo ao fim. Aliás, foi por isso que ele ordenou a destruição daquelas nações ao redor de Israel — por causa dos seus cultos profanos, em contraste com o verdadeiro culto que ele havia revelado ao seu povo. Então, como é que agora Malaquias diz que em todo lugar estão trazendo incenso e ofertas puras ao nome de Deus? Porém, se traduzirmos o verbo aqui como futuro, o que é perfeitamente possível, o problema está resolvido.

Podemos ler o texto da seguinte maneira: “Mas o meu nome *será* grande entre as nações, do oriente ao ocidente; e em todo lugar *oferecerão* ao meu nome incenso e uma oferta pura; porque o meu nome é grande entre as nações, diz o SENHOR dos Exércitos”. Algumas traduções da Bíblia trazem os verbos para o futuro (ARC). É provável, portanto, que Malaquias esteja olhando aqui para o futuro, para o dia em que o culto a Deus será restaurado. Não naqueles dias, mas naquele grande dia, quando Deus vier para reunir para sempre seu povo, ele receberá uma adoração verdadeira.

Deus, portanto, está dizendo: “Olhem, eu não me agrado do culto de vocês, mas um dia vou receber o respeito de que sou digno e a honra que mereço. Um dia, meu nome será honrado e respeitado por todas as nações. Chegará o dia em que meu culto se espalhará por todo o mundo, e receberei a glória que me é devida”. Conseqüentemente, esse versículo aponta para aquele grande dia em que Cristo voltará, e seu povo, formado por pessoas de todas as raças, tribos e nações, será unido a ele, e viveremos em culto eterno a Deus.

3. Deus volta a dizer que o culto que eles estavam oferecendo era uma profanação

No final, Deus volta a dizer que o culto de Israel é uma profanação (1.12,13). Os sacerdotes estavam enfadados de seu ofício, e traziam de qualquer jeito as ofertas ao Senhor. Isso não ocorria só naquela época. Há muitas pessoas hoje que já não suportam oferecer culto a Deus. Estão entediadas e enfadadas. Infelizmente há também muitos pastores que chegaram a esse ponto: já perderam o zelo pelas coisas de Deus, o temor, o primeiro amor. Cumprem sua rotina, mas o coração já não está mais no ministério, envolvido com as coisas de Deus. Seu amor esfriou, a paixão que lhes queimava o coração extinguiu-se. Mas Deus, que conhece os corações, diz que não vai aceitar esse tipo de culto de seu povo. Esse culto não é digno dele, não o interessa: seria melhor que fechassem o templo e apagassem o fogo do altar.

4. Deus termina amaldiçoando o enganador — aquele que pretende prestar culto a Deus prometendo algo, mas não o faz como deveria

Vamos para a última parte da passagem (1.14), na qual Deus amaldiçoa esse adorador que tenta enganá-lo: “Maldito seja o enganador que, tendo animal macho sem defeito no seu rebanho, promete oferecê-lo, mas sacrifica ao Senhor um animal defeituoso. Pois eu sou grande rei, e o meu nome é temível entre as nações, diz o SENHOR dos Exércitos”.

Deus amaldiçoa aquele que, tendo condições de dar o melhor, de oferecer o que agrada a Deus — seu tempo, seu talento, sua vida —, promete fazê-lo, todavia lhe oferece

o que é defeituoso e ainda tem o cinismo de aparecer no culto e desejar que Deus o abençoe.

Hoje já não trazemos mais animais como oferta de gratidão a Deus ou oferta pelo pecado. Porém, trazemos a Deus nosso louvor, nossa presença, nosso coração. Trazemos nossas ofertas, oferecemos a ele nossos talentos. O princípio é o mesmo. Deus continua a querer o melhor de nós; as nossas primícias. Ele não vai aceitar nada que seja inferior, pois o culto a Deus é expressão da lealdade, da devoção que temos para com ele. É no culto que dizemos publicamente: “Tu és o primeiro em minha vida, és meu Pai e Senhor, e estou aqui para te respeitar e honrar, para te dar o melhor de mim e daquilo que tenho”. Esse é o significado do culto. Por isso Deus estava chamando a atenção dos sacerdotes e do povo em Malaquias, porque estavam trazendo para o culto o que não deviam, o que não era aceitável aos olhos do Senhor.

Conclusão e aplicações

Em resumo, o que precisamos fazer para prestar um culto que agrade a Deus?

O primeiro passo para termos um espírito correto de culto é nos conscientizarmos de quem é Deus.

O problema dos sacerdotes e do povo em Malaquias é que eles tinham uma visão míope de Deus, uma visão diminuta.

Como dissemos, o culto a Deus nada mais é que a expressão daquilo em que acreditamos. Se você tem pensado em Deus em termos pequenos, seu culto a Deus será proporcional ao entendimento que tem dele. Mas, se você

vir a Deus como ele se revela, como um Deus grande e temível entre todas as nações, como o criador dos céus e da terra, o Deus que é Pai e Senhor, certamente não desejará cultuá-lo da maneira como as pessoas da época de Malaquias.

Por que tantas pessoas oferecem a Deus um culto sem sentido e significado, sem expressão e envolvimento? Porque elas têm uma visão diminuta de Deus. Tais pessoas, diante de um Deus que as ama profundamente, deveriam ser sensíveis à grandeza do Ser divino e oferecer a ele um culto que estivesse à altura do que merece. Deveriam oferecer a ele um culto digno de sua glória e majestade. O culto que oferecemos é um reflexo do que pensamos acerca de Deus.

O segundo passo para termos um espírito correto de culto é entendermos que existe um princípio regulador do culto. Esse princípio ensina o seguinte: só podemos adorar de acordo com o que Deus revelou. Não podemos inventar um culto a Deus, nem devemos inventar uma maneira de cultuá-lo que ele não vá aceitar.

As partes do culto a Deus e o que devemos fazer nele estão prescritos na Bíblia, na sua Palavra, na sua revelação, e não podemos acrescentar nem tirar nada do que Deus revelou no que diz respeito a como ele deseja ser adorado.

Quando comparamos o Novo Testamento com o Antigo, encontramos mudanças em alguns elementos. Isso ocorre porque esses elementos eram tipos ou figuras que apontavam para Cristo e tinham um caráter transitório. Mas também encontramos elementos de caráter permanente: os louvores a Deus, a pregação de sua Palavra e a leitura

da sua Palavra. E encontramos ainda uma atitude de reverência ou respeito, de consagração da nossa vida, um culto prestado a Deus no Espírito e em verdade, sem invenções.

É justamente aqui que temos diferenças significativas entre protestantes e católicos sobre o culto público. Esse princípio regulador foi um divisor de águas na Reforma protestante. Se você perguntar a um católico se podemos cultuar a Deus com velas no culto, ele dirá que sim, pois a Bíblia não proíbe. Se você fizer a mesma pergunta a um protestante, ele dirá: “Não posso, porque a Bíblia não ordena que façamos isso”.

Essa é a diferença entre protestantes e católicos. Os católicos entendem que o que não é proibido na Bíblia é permitido; os protestantes entendem que não é pelo fato de que Deus não proíbe na Bíblia que algo é permitido. No culto a Deus, só é permitido aquilo que ele estabeleceu como elemento de culto.

Isso tem relação com a queixa que Deus tinha com respeito aos sacerdotes na época de Malaquias. Qual era essa queixa? O fato de eles estarem cultuando a Deus com aquilo que não era permitido ou com aquilo que não lhes fora ordenado.

Hoje encontramos algumas igrejas que fazem a mesma coisa. Observamos práticas absurdas naquilo que chamam de culto a Deus, desde uso de objetos que o Novo Testamento baniu completamente a uma série de práticas estranhas que nos faltaria tempo e espaço para enumerar. Até mesmo em algumas igrejas que deveriam zelar pelo culto, por causa de sua herança teológica, vemos certas práticas litúrgicas estranhas às Escrituras.

Todos nós somos responsáveis pelo culto, mas a responsabilidade maior é dos pastores e presbíteros; observe que a censura é dirigida primeiramente a eles. A culpa da igreja se manifesta nesses acréscimos feitos à liturgia que nos afastam do verdadeiro culto a Deus, com pastores que conduzem o povo por um caminho que Deus não criou.

Eu não sei o que você pensa de tudo isso, mas saiba que o Deus de Malaquias é o mesmo ontem e hoje. Ele continua não aceitando um culto que não esteja de acordo com o que ele estabeleceu, que fica apenas com as sobras, que não esteja de acordo com a vontade dele, enfim, um culto em que o coração não esteja presente. Deus continua não aceitando esse tipo de culto.

Por isso, gostaria que pensasse em sua atitude quando cultua. Gostaria que pensasse em sua vida como um todo, pois o culto é a expressão externa do que a igreja é, mas também é expressão do nosso compromisso interno para com o Senhor. Se o culto que você presta a Deus é insignificante ou superficial, isso significa que outras partes de sua vida também são, que Deus não é o Senhor de sua vida e não está exercendo a função de Pai e Senhor absoluto de sua história. Oremos, portanto, para que possamos nos conscientizar de quem é Deus, e para que possamos oferecer a ele o que temos de melhor.

CULTUAR A DEUS EXIGE FIDELIDADE NA PREGAÇÃO DA PALAVRA

Malaquias 2.1-9

Sacerdotes, esta advertência agora é contra vós. Diz o SENHOR dos Exércitos: Se não ouvirdes com atenção e não dispuserdes o coração para honrar o meu nome, enviarei maldição contra vós e amaldiçoarei as vossas bênçãos. Eu já ás tenho amaldiçoado, porque não dedicais o coração para me honrar.

Destruirei a vossa descendência, e esfregarei esterco no vosso rosto, sim, o esterco dos vossos sacrifícios; e com ele sereis lançados fora.

Então sabereis que eu vos fiz esta advertência, para que a minha aliança com Levi continue, diz o SENHOR dos Exércitos.

Minha aliança com ele foi de vida e paz. E dei-lhe isso para que me temesse; e ele me temeu e tremeu por causa do meu nome.

A verdadeira instrução estava em sua boca, e a maldade não se achou em seus lábios. Ele andou comigo em paz e retidão e desviou muitos da maldade.

Os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca os homens devem procurar a instrução na lei, porque ele é o mensageiro do SENHOR dos Exércitos.

Mas vos desviastes do caminho; fizestes tropeçar a muitos pela vossa instrução; quebrastes a aliança de Levi, diz o SENHOR dos Exércitos.

Por isso também fiz com que fôsseis desprezados e humilhados diante de todo o povo, pois não guardastes os meus caminhos, mas mostrastes parcialidade na aplicação da lei.

Deus nos ama e quer ser honrado

Introdução

Nas duas mensagens anteriores vimos o diálogo entre Deus e seu povo em torno do relacionamento que Deus tinha para com eles e também a respeito do culto. Na primeira parte (capítulo 1) vimos que Deus disse que sempre tinha amado seu povo, e o povo retrucou de maneira cínica: “Em que o Senhor nos amou?”. O povo ainda estava sob a opressão de seus inimigos e passava por tempos difíceis. Muitas coisas que os profetas haviam prometido não estavam acontecendo. Então em que o Senhor amou o seu povo? No fundo, é como se dissessem: “Nós não temos nenhuma prova concreta do teu amor”.

A resposta de Deus foi que seu amor se manifestava na escolha soberana que fizera de Jacó, o pai da nação

israelita, e não de Esaú, o pai dos edomitas, contra quem Deus tinha se voltado para todo o sempre. Esaú é um símbolo daqueles que estão fora da aliança, que não temem a Deus. Essa, então, foi a resposta de Deus ao questionamento do povo. O amor dele pelo povo não deveria ser medido pelas bênçãos materiais e prosperidade auferida, mas pelo fato de ser o povo escolhido que Deus havia chamado para si e porque não faria parte daqueles contra quem Deus está irado para sempre.

Em seguida (capítulo 2), vem o segundo diálogo: Deus denuncia os sacerdotes por não estarem desempenhando adequadamente suas funções. Eles não estavam se empenhando tanto quanto deveriam no seu ofício. Estavam trazendo animais defeituosos e inadequados para as ofertas, demonstravam uma atitude de desprezo para com o culto a Deus, para com o altar do sacrifício, e faziam o seu trabalho com enfado. Estavam entediados, cansados de fazer a obra de Deus e ainda respondiam de maneira insolente a esta acusação que Deus fizera por intermédio de Malaquias: “Vocês estão profanando o meu culto”. Com atrevimento eles retrucavam: “Mas em que estamos profanando o teu culto?”.

Deus então respondeu, apontando para os sacrifícios defeituosos que eles estavam trazendo e para a falta de zelo no cumprimento de suas funções sacerdotais.

Agora mais uma vez Deus fala, por meio de Malaquias, contra os sacerdotes. Dessa vez, porém, não há diálogo. Deus anuncia o castigo dos ministros, o castigo dos pastores do povo de Deus no Antigo Testamento, por terem se desviado de sua função.

Elucidação

A denúncia desta feita foi a seguinte: os sacerdotes não estavam pregando a Palavra de Deus com fidelidade. Na primeira denúncia, o foco voltava-se para o culto em particular, pois um dos elementos do culto estava sendo corrompido, a saber, os sacrifícios. Agora a denúncia volta-se para a ministração da Palavra de Deus.

Podemos dividir o texto (2.1-9) em três partes. Na primeira parte, Deus chama os sacerdotes ao arrependimento e ordena que eles o respeitem como devem, desempenhando suas funções corretamente (2.1-3). Na segunda parte, ele menciona a aliança que tinha firmado com Levi e os sacerdotes (2.4-7). Na terceira parte, mais uma vez Deus denuncia os pecados dos sacerdotes e anuncia o castigo (2.8,9).

O contexto

Aqui já percebemos o declínio da função sacerdotal. Esse é o último livro do Antigo Testamento e termina com essa nota de que os ministros da antiga aliança estavam se corrompendo. Isso foi escrito quatrocentos anos antes de Cristo e, a partir daí, Deus se calou, não falou mais. Ele só volta a falar por intermédio de João Batista, cerca de quatrocentos anos depois.

Durante esse período de quatrocentos anos de silêncio, houve uma reforma em Israel, conhecida como a Revolta dos Macabeus. Isso não está escrito em nenhum livro canônico, mas sim nos livros apócrifos, como os quatro livros de Macabeus. Os protestantes não os aceitam como livros inspirados por Deus, pois contêm muitos

ensinos que contrariavam a revelação de Deus nos livros canônicos. Porém, historicamente os livros apócrifos nos informam que, quando os gregos dominaram o mundo, e Israel inclusive, eles tinham a proposta de tornar grego todo o mundo de então, um processo conhecido como helenização. Alexandre, o Grande, tinha o desejo de que todos os povos viessem a adotar a cultura, a religião e a filosofia gregas.

Entretanto, quando quiseram impor o processo de helenização à nação de Israel, cerca de 150 anos antes de Cristo, os judeus se revoltaram, liderados pela família de um sacerdote chamado Matatias. Ele e seus seis filhos formaram o clã dos Macabeus e comandaram a reforma dos judeus contra a tentativa de dissolução da fé de Israel.

Foi nesse período que surgiu o partido dos hassideus (ou “homens santos”), que se revoltaram de fato, formando mais tarde o partido dos fariseus. Eles queriam manter o culto a Deus e falar da necessidade de se voltar à observância da Lei. Houve, de fato, uma reforma no sacerdócio e na vida do povo.

Eles sofreram grande perseguição; porém, quando os romanos posteriormente derrubaram o Império Grego, concederam certa liberdade para que o povo de Israel voltasse a cultuar a Deus da maneira estabelecida na Lei.

Esse espírito do sacerdócio que observamos nos dias de Malaquias, marcado pela ociosidade e indiferença, depois da Revolta dos Macabeus tornou-se o oposto, pendendo para um zelo extremado e chegando até mesmo a ir além da Palavra de Deus, por meio da introdução de novas leis que Deus nem sequer havia estabelecido. Transformou-se

num legalismo absurdo, de maneira que Jesus, posteriormente, foi peremptório em afirmar que a religião judaica de seu tempo precisava passar por uma reforma.

Assim, vemos que, mesmo com a denúncia de Malaquias, o sacerdócio levítico permaneceu inalterado, sendo que essa denúncia é a última palavra de Deus para a religião do Antigo Testamento.

Mas, afinal, o que a denúncia de Malaquias revela sobre a função dos sacerdotes? Em outras palavras, o que Deus esperava deles?

No Antigo Testamento, a função dos sacerdotes levíticos resumia-se basicamente a três tarefas:

Primeira tarefa: oferecer o sacrifício do povo de acordo com a Lei de Moisés, o que consistia em cumprir todo o ritual, separando os animais puros ou sem defeitos dos impuros, e separando as partes que deviam ser queimadas no templo e fora dele. Uma dessas leis dizia que se devia queimar fora do templo o couro do animal, sua carne e o excremento. No altar eram queimadas apenas suas entranhas. Esta era a primeira função dos sacerdotes, oferecer o sacrifício de acordo com a Lei.

Segunda tarefa: guardar o templo e zelar por ele. É curioso observar hoje em dia pessoas que dizem ter o dom de levita pelo simples fato de saberem tocar um instrumento e cantar. O levita no Antigo Testamento não era apenas alguém que sabia fazer isso; era responsável por guardar o templo e zelar por ele. Era a pessoa que limpava o templo e o sangue dos animais, pois eram muitos os animais sacrificados. O levita zelava para que o templo estivesse sempre limpo e organizado. Desem-

penhava todas essas funções que hoje são atribuídas ao zelador da igreja.

Terceira tarefa: instruir o povo na Lei de Deus e liderá-lo no louvor a ele, o que incluía cânticos e o uso de instrumentos musicais. O rolo da Lei naqueles dias era guardado no templo, e cabia aos sacerdotes ler a Lei de Deus e instruir o povo a seu respeito. Isso depois viria a ser feito pelos escribas, quando o povo, no cativeiro, por não ter mais o templo, passou a se reunir na sinagoga e receber dos escribas, que também eram descendentes de Levi, a leitura e interpretação da Lei. Porém, na época em que Malaquias exerceu seu ministério profético, o povo já havia voltado do cativeiro, e a função dos sacerdotes havia sido restaurada.

Os sacerdotes eram totalmente separados para a função que exerciam e sustentados pelos dízimos do povo. Essa era a aliança que Deus tinha com eles. Eram o veículo de Deus para instruir o povo e eram aqueles que zelavam por seu culto. Quando os sacerdotes eram infiéis, o culto em Israel se corrompia. Em muitas ocasiões, os sacerdotes fizeram o povo se desviar (cf. Lm 4.13). Por causa das suas maldades e dos seus desvios de função, fizeram o povo se desviar do que era correto em relação ao culto e em seu serviço, e em consequência disso veio o castigo de Deus.

Em Oseias 5, Deus classifica os sacerdotes e os reis de Israel como um laço para o povo dele. Toda vez que os sacerdotes se desviavam, o povo também caía, e agora eles estavam prestes a fazer a mesma coisa.

*O texto**1. Deus chama os sacerdotes ao arrependimento*

No trecho de 2.1-3 Deus, através de Malaquias, chama os sacerdotes ao arrependimento e já anuncia o castigo deles: “Sacerdotes, esta advertência agora é contra vós” (2.1). Algumas versões usam a palavra “mandamento” em lugar de “advertência”. Seu uso nesse contexto é um trocadilho, pois os sacerdotes, ou seja, aqueles que deveriam ensinar o mandamento, precisavam agora ouvir o mandamento que Deus tinha para eles. Em que consistia esse mandamento ou advertência de Deus para os sacerdotes? “Diz o SENHOR dos Exércitos: Se não ouvirdes com atenção e não dispuserdes o coração para honrar o meu nome, enviarei maldição contra vós e amaldiçoarei as vossas bênçãos. Eu já as tenho amaldiçoado, porque não dedicais o coração para me honrar” (2.2).

Eles deveriam ouvir e se propor de coração a honrar o nome de Deus, algo que não estavam fazendo. Tinham de executar suas funções com zelo, segundo o que lhes era ordenado, respeitar o nome de Deus e falar dele o que era reto.

Se os próprios ministros não honram o nome de Deus, muito menos o povo o fará, pois como aprenderá a honrar e respeitar a Deus? Ora, o povo aprende observando aqueles que Deus colocou em posição de instruí-lo e dirigi-lo; aprende seguindo o exemplo dos que Deus encarregou de dirigir o seu culto. Se estes são os primeiros a desrespeitar a Deus, a desonrar seu nome, o povo também falha em seu dever de cumprir as obrigações da aliança.

No tocante a isso, as igrejas evangélicas diferem das seitas e da igreja católica, onde a palavra do dirigente deve ser obedecida sem questionamento. Nas igrejas evangélicas, particularmente nas históricas, o poder reside na assembleia, de modo que o povo tem condições de questionar, de dizer que não aceita o que está sendo feito, de exonerar os pastores que não estejam agindo de acordo com a Palavra de Deus. No entanto, apesar dessa liberdade, por causa da natureza do nosso próprio povo, a comunidade geralmente segue seus líderes, e se a liderança cai, o povo cai também. Por isso nem sempre há esse discernimento e essa vontade do povo de se levantar contra uma liderança má, usando os meios legítimos para restaurar o culto ou a verdade de Deus em determinada congregação. Embora isso seja possível, raramente acontece — o que é uma pena. Mas é um direito e um dever que deveriam ser exercitados mais vezes.

Mas voltando ao texto, o que aconteceria com os sacerdotes se eles não dessem ouvidos a Deus? Deus aqui faz cinco ameaças que viriam a se cumprir. Como dissemos anteriormente, com o declínio do sacerdócio levítico, que começa aqui, Deus virá a instituir um novo sacerdócio em Cristo Jesus.

Estas são as cinco ameaças aos sacerdotes:

Primeira ameaça: Deus enviaria sobre eles a maldição pactual (2.2): “Diz o SENHOR dos Exércitos: Se não ouvirdes com atenção e não dispuserdes o coração para honrar o meu nome, enviarei maldição contra vós”. A maldição a que Malaquias se refere diz respeito aos castigos previstos na aliança, que encontramos em Deuteronômio

28, os quais Deus mandaria se o povo não andasse em seus caminhos.

Segunda ameaça: Deus transformaria em maldição as bênçãos com as quais os sacerdotes abençoavam o povo (2.2): "... e amaldiçoarei as vossas bênçãos". Já imaginou uma coisa dessas? O povo trazia suas ofertas e seus sacrifícios, e o sacerdote o dizia: "Deus o abençoe, que o Senhor vá à sua frente e o proteja". Deus iria transformar tal bênção em maldição. Já imaginou a hipótese de alguém ser abençoado por um sacerdote que Deus amaldiçoou? Essa pessoa não receberá bênção nenhuma da parte de Deus, mas sim maldição. O Senhor ameaça os sacerdotes e diz que vai transformar o ministério deles não em bênção, mas em maldição para o povo, em prejuízo para o povo, pois eles não estavam cumprindo adequadamente suas funções e haviam se desviado daquilo que Deus determinara.

Terceira ameaça: Deus afirma que eles já estão amaldiçoados (2.2): "Eu já as tenho amaldiçoado, porque não dedicais o coração para me honrar". Aqui se encontra a causa da miséria que o povo estava sofrendo. O povo estava reclamando de Deus, dizendo que o Senhor não os amava, não era fiel nem justo, pois servia ao Senhor e ao mesmo tempo estava ficando pobre e se achava sob o domínio dos inimigos — uma situação realmente difícil. Mas aqui está a causa disso: Deus já estava amaldiçoando o povo e as supostas bênçãos dos sacerdotes. Por quê? Por causa do ministério corrupto daqueles que deveriam conduzir o culto a Deus. Deus estava cumprindo os termos da aliança: "Quando vocês

se desviarem do meu caminho, virei com maldição, juízo e castigo contra vocês”.

Quarta ameaça: Deus reprovaria a descendência dos sacerdotes (2.3): “Destruirei a vossa descendência”. Naquele tempo, o sacerdócio era perpetuado pela linhagem familiar. Se meu pai fosse sacerdote, então eu também seria. Hoje em dia não é mais assim. Sabemos que vocação não tem nada a ver com linhagem familiar. Mas naquela época era assim, e Deus diz nessa passagem: “Eu não quero vocês nem seus filhos. Vou reprovar completamente esses sacerdotes com os quais um dia fiz uma aliança, pois não estão me seguindo como deveriam”.

Quinta ameaça: Deus iria desprezá-los publicamente. Da mesma forma que os sacerdotes estavam desprezando a Deus, o Senhor os desprezaria. Malaquias expressa isto fazendo uma comparação. O sacerdote deveria queimar o excremento animal junto com o couro e a carne fora do arraial. O excremento tinha que ser lançado fora, pois o contato com ele, de acordo com a lei de Moisés, tornava uma pessoa impura. Deus, então, diz que vai tomar aquele excremento dos animais sacrificados e esfregar no rosto dos sacerdotes. Já imaginou um sacerdote com o rosto lambuzado de excremento? Isto o tornaria imundo e ele teria de ser tirado do templo: “...esfregarei esterco no vosso rosto, sim, o esterco dos vossos sacrifícios; e com ele sereis lançados fora” (2.3).

Essa era a maneira de Deus dizer aos sacerdotes: “Da mesma maneira que vocês me desprezam, vou desprezá-los também, vou envergonhá-los publicamente. O povo zombará de vocês da mesma maneira que vocês

zombam de mim”. Mas qual era o objetivo de tudo isso? “Então sabereis que eu vos fiz esta advertência, para que a minha aliança com Levi continue, diz o SENHOR dos Exércitos” (2.4).

Deus queria a renovação da aliança, desejava sacerdotes fiéis que continuassem no espírito do sacerdócio original. Aqueles sacerdotes dos dias de Malaquias estavam desonrando a Deus e seu culto. Por isso o Senhor disse que também iria desonrá-los, amaldiçoar seu ministério, transformar em maldição as suas bênçãos e envergonhá-los diante de todo o povo. Por que Deus faria isso? Porque ele queria um sacerdócio que fosse de acordo com a aliança que havia feito. Ele queria ministros de acordo com o pacto que fizera com a tribo de Levi.

Portanto, a rejeição que vemos aqui aponta para a necessidade de outro tipo de sacerdócio. Esse que é retratado em Malaquias não estava de acordo com a vontade de Deus, pois os sacerdotes haviam se desviado dos caminhos do Senhor. É por isso que Hebreus 7.1-28 nos diz que Deus rejeitou o sacerdócio levítico e estabeleceu um novo sacerdócio. Repare no contraste estabelecido ali pelo autor de Hebreus: o sacerdócio levítico era exercido por meio de homens falhos, cujas ofertas de sacrifícios precisavam ser feitas todos os dias, pois eram incapazes de purificar o pecado. Esses sacerdotes eram humanos, mortais; por isso tinham de ser substituídos. Então, Deus levanta um novo sacerdote: seu eterno Filho Jesus Cristo, sacerdote de uma ordem superior, a de Melquisedeque, e não mais da linhagem de Levi. Ele é um sacerdote eterno, pois ressuscitou, venceu a morte e por isso jamais

será substituído — ele vai ser sempre o mesmo e ofereceu um sacrifício perfeito de uma vez por todas. Não precisará oferecer sacrifícios continuamente, pois ofereceu a si mesmo em sacrifício perfeito a Deus; seu sangue purifica completamente todos os pecados.

Aqui vemos a rejeição do sacerdócio, sendo essa apenas a primeira parte do que Deus tem a dizer.

2. Deus recorda a aliança com Levi

Agora precisamos falar um pouco dessa aliança de Deus com o povo. Que aliança é essa que ele menciona em Malaquias 2.4,5,8? Dentre o povo de Israel, Deus havia escolhido o irmão de Moisés, Arão, da tribo de Levi, e a sua descendência, para serem sacerdotes e exemplo para seu povo (Êx 28.1-12; Nm 6.3-6,11,13). Em outras palavras, Deus chamou Arão e sua descendência para serem ministros dele, cuidarem do serviço do culto e desempenharem uma série de funções.

Deus ratificou essa aliança no episódio de Fineias, filho de Eleazar, quando o povo se desviou, começou a fazer uma orgia, e Arão não soube como proceder. Moisés se entristeceu, e de repente veio um homem trazendo uma mulher pagã diante de Moisés, Arão e todo o povo. Ele levou essa mulher ímpia para sua tenda, a fim de ter relações sexuais com ela, e um sacerdote chamado Fineias ficou indignado com aquilo. Ele pegou uma lança, entrou na tenda e atravessou os dois, matando-os com um único golpe de lança. Deus imediatamente disse a Moisés que aquela aliança levítica fora confirmada em Fineias. Aquele sacerdote, que teve zelo pelo culto a

Deus, pela pureza do povo de Deus, era o tipo de ministro que ele desejava. Deus não queria sacerdotes como os que ficaram apenas olhando enquanto o pecado se disseminava no meio do povo, mas sim como Fineias, que zelava pela casa de Deus. O Senhor então ratifica a sua aliança, dizendo que era uma aliança de vida e paz (Nm 25.6-13).

Portanto, esses episódios do Antigo Testamento falam da aliança com os levitas como sacerdotes, como guardiões da Palavra de Deus, da verdadeira fé e do verdadeiro culto.

Embora já tenhamos comentado isto na introdução, quero chamar atenção sobre um ponto que o profeta destaca nesse trecho de Malaquias: o modo como o sacerdote levita, no começo, se comportou em seu ministério.

Em primeiro lugar, ele temia a Deus: “Minha aliança com ele foi de vida e paz. E dei-lhe isso para que me temesse; e ele me temeu e tremeu por causa do meu nome” (2.5). A primeira qualidade do sacerdote, o que se requer dele, é que trema e tema diante de Deus, que esteja consciente de quem é Deus, da santidade divina e da nobreza do seu ofício. É por isso que ele teme e treme. É por essa razão que Paulo pergunta: “Quem, porém, é suficiente para estas coisas?” (2Co 2.16, ARA). E ele responde que não são os que se oferecem para ser sacerdotes, mas aqueles a quem Deus chamou.

Fico impressionado hoje com a superficialidade, a falta de motivação e de consciência vocacional de muitas pessoas que entram no seminário, querem ser pastores, mas não entram para o ministério com temor e tremor;

antes, consideram-no um simples meio de vida. Quando Levi recebeu a aliança de Deus, ele a recebeu com temor e tremor. Foi isso que levou Fineias a fazer o que fez; ele temeu e tremeu diante do nome de Deus, e então fez justiça no meio do povo.

Em segundo lugar, o sacerdote levita trazia em sua boca a verdadeira instrução: “A verdadeira instrução estava em sua boca, e a maldade não se achou em seus lábios. Ele andou comigo em paz e retidão e desviou muitos da maldade” (2.6). Essa era a função do sacerdote, e Levi a cumpriu. Ou seja, ele ensinou a Palavra de Deus em verdade e com zelo.

Em terceiro lugar, ele agia com santidade e piedade (2.6). Era um homem reto que temia a Deus e fazia o que era correto.

Em quarto lugar, era diligente em seu ministério: “Ele andou comigo em paz e retidão e desviou muitos da maldade” (2.6). Essa é a função do sacerdote, do ministro de Deus, do pastor e do presbítero: apartar muitos da iniquidade. E como se faz isso? Ensinando a Palavra de Deus com verdade, disciplinando com mansidão os que resistem, respondendo às argumentações, derrubando os sofismas, instruindo o povo na Palavra de Deus. Esse é o verdadeiro ministério que Deus confiou aos sacerdotes do Antigo Testamento e que hoje passou a ser (por analogia, não por continuidade histórica) o trabalho de todos os que o Senhor chama para exercer o ministério da Palavra em meio ao seu povo. Essa era a principal função do sacerdote: “Os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca os homens devem

procurar a instrução na lei, porque ele é o mensageiro do SENHOR dos Exércitos” (2.7). O sacerdote era o mensageiro do Senhor dos Exércitos; portanto, as pessoas iriam buscar e ouvir da boca do sacerdote a instrução de Deus, sua vontade, seus caminhos.

3. Deus anuncia o castigo

Todavia, o que estava acontecendo? Aqueles sacerdotes não só estavam trazendo ao altar sacrifícios que Deus não aceitava ou não estavam desempenhando suas funções como deveriam. Eles também não estavam cumprindo sua tarefa principal: pregar a Palavra de Deus. Ensinar a Palavra de Deus ao povo é a única maneira de fazê-lo se desviar da iniquidade. O sacerdote é o mensageiro do Senhor dos Exércitos. Há um trocadilho interessante aqui, pois, em hebraico, Malaquias significa “meu mensageiro”, a mesma expressão que aparece nesse versículo (2.7) em referência aos sacerdotes. Ele é o mensageiro do Senhor dos Exércitos, um enviado de Deus.

O capítulo termina, portanto, com o anúncio do castigo dos sacerdotes (2.8,9) que, além de não estarem cumprindo suas funções, traíam seu chamado de ensinar a Palavra de Deus.

Conclusão e aplicações

O que devemos aprender desse texto com relação ao culto?

Primeiro, devemos aprender, mais uma vez, que Deus zela por seu culto. Não convém pensar que o culto a Deus é algo secundário, de menor importância. Deus dá

a maior importância a como o seu povo o cultua. O culto é a expressão pública da teologia da igreja, do que ela heredita, das suas convicções práticas, de sua própria vida e maturidade espiritual — tudo isso desemboca no culto a Deus, quando a igreja está reunida para louvá-lo em assembleia, como povo de Deus. E, se o Senhor zela por esse culto, não podemos ter em relação ao culto uma atitude trivial, mas devemos dar importância a tudo que diga respeito a ele, como está estipulado na Palavra de Deus.

Pode ser que alguém diga: “Ora, mas isso é coisa do Antigo Testamento, não vale mais para hoje”. Deus é o mesmo em ambos os Testamentos; o que acontece tão somente é que a mesma aliança foi administrada em duas dispensações diferentes. Deus é o mesmo e seu culto em essência também não é diferente. O culto na antiga dispensação era regulado por determinadas leis, enquanto o culto na nova dispensação não mais é regido por essas mesmas leis, pois elas tinham um caráter simbólico, típico das realidades espirituais em Cristo Jesus. Contudo, os princípios permanecem os mesmos. Deus zela por seu culto. O Senhor deseja que o culto seja verdadeiro, esteja de acordo com a sua revelação, e quer que nos acheguemos a ele com uma atitude correta. Tudo isso ele requer de nós ainda hoje.

Segundo, devemos aprender que uma das principais funções do ministério sacerdotal no culto é a instrução da Palavra de Deus. Quando falamos da centralidade da Palavra de Deus, fazemos isso com base bíblica. Por que Deus estava chamando a atenção dos sacerdotes? Porque eles

não estavam cumprindo sua função de pregadores da Palavra de Deus no culto nem ensinando o povo corretamente.

Por isso, quando insistimos na centralidade da Palavra de Deus no culto como algo superior e mais eficaz do que os modismos e outras atividades que as pessoas introduzem no culto, não o fazemos por um zelo farisaico calvinista, puritano. Agimos assim simplesmente porque esse é o ensino das Escrituras, estabelecido na Palavra de Deus. Não deveríamos ter vergonha de dizer que o centro do nosso culto é a pregação da Palavra de Deus. Não deveríamos nos envergonhar disso! Às vezes alguém pergunta como é o nosso culto, e ficamos constrangidos por não usarmos os mesmos artifícios para a adoração que são usados na igreja de nosso interlocutor. Será que o culto deve ser “muito legal”, ter um ‘louvorzão’ de uns quarenta minutos, cantor *gospel*, testemunho, um pastor ‘maneiro’ que só faz uma breve reflexão de quinze minutos”, porque esse é o tempo que sobra? Será esse realmente o culto que está de acordo com a Palavra de Deus? Não penso assim. Creio que uma das coisas em que a igreja tem de insistir e preservar é a centralidade da Palavra de Deus, exposta em verdade, porque é isso que vai desviar muitos da iniquidade.

Terceiro, devemos aprender que é responsabilidade do povo não aceitar um culto corrompido, no qual a Palavra de Deus não seja ensinada com fidelidade. Se o nosso povo fizesse isso, então teríamos uma reforma de baixo para cima. Se o povo, em vez de baixar a cabeça e pedir a Deus que remova o pastor (nem que seja por meio da morte dele!) dissesse: “Nós não aceitaremos a ministração de pastores ou presbíteros que não estão ensinando a

Palavra de Deus com verdade”. Teríamos uma mudança muito grande. Não devemos aceitar que pastores e presbíteros que se desviam dos caminhos de Deus continuem a exercer suas funções. Se tivéssemos esse tipo de atitude, certamente ocorreriam mudanças.

Termino esta seção com a seguinte pergunta: Como vemos hoje tudo isso que a mensagem de Malaquias ensina sobre o culto? Se essa mensagem conseguir nos lembrar da importância do culto a Deus, já teremos dado um grande passo.

Concluo este capítulo solicitando a você que ore por meu pastor e sua igreja, pois hoje vivemos momentos difíceis na igreja em relação ao culto público.

CULTUAR A DEUS EXIGE VIDA PESSOAL E MORAL RETA

Malaquias 2.10-16

Não temos todos o mesmo Pai? Não fomos criados pelo mesmo Deus? Por que então somos infiéis uns aos outros, quebrando a aliança de nossos pais?

Judá tem sido infiel. Uma abominação foi cometida em Israel e em Jerusalém; porque Judá profanou o santuário do SENHOR, o qual ele ama, e se casou com a filha de um deus estrangeiro.

O SENHOR eliminará das tendas de Jacó o homem que fizer isso, seja quem for, e o que traz ofertas ao SENHOR dos Exércitos.

Além disso, ainda cobris o altar do SENHOR de lágrimas, choro e gemidos, porque ele não olha mais para as ofertas, nem as aceita da vossa mão com prazer.

Mesmo assim, perguntais: Por quê? Porque o SENHOR tem sido testemunha entre ti e a esposa que tens desde a

juventude, para com a qual foste infiel, embora ela fosse tua companheira e a mulher da tua aliança matrimonial.

Não foi o Senhor que fez deles um só? Eles lhe pertencem em corpo e espírito. E por que um só? Porque ele queria uma descendência santa. Cuidai de vós mesmos, portanto, e que ninguém seja infiel para com a sua esposa desde a juventude.

Pois eu odeio o divórcio e também odeio aquele que se veste de violência, diz o SENHOR Deus de Israel. Portanto, cuidai de vós mesmos, diz o SENHOR dos Exércitos, e não sejais infiéis.

Deus busca a fidelidade de seu povo

Introdução

Dois aspectos muito ligados ao culto, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, são a pureza e a identidade do povo de Deus. Deus deseja ser cultuado e adorado; porém, segundo as Escrituras, ele deseja ser cultuado e adorado por verdadeiros crentes, por pessoas que de fato sejam seus filhos e filhas e estejam vivendo vidas santas. Esse é um ponto que vemos apresentado e explicitado de muitas maneiras no Antigo Testamento.

Os casamentos mistos era um dos fatores que, segundo observamos no Antigo Testamento, afetavam a vida e a santidade do povo de Deus. Por várias vezes na história do povo de Deus, o culto foi ameaçado por questões relacionadas a esse fator que funcionava como uma porta de entrada para a ruína espiritual. Em outras pala-

bras, sempre que começavam a perder sua identidade como povo de Deus e os níveis moral e espiritual começavam a cair, a coisa mais comum em Israel eram os casamentos mistos, causando a mistura entre ímpios e o povo de Deus.

O Antigo Testamento está repleto de exemplos ou ocasiões registradas em que os israelitas começaram a se casar com mulheres pagãs que não pertenciam ao povo de Deus. E o que acontecia, então? Em vez de essas mulheres se converterem ao Deus de Israel, elas acabavam convertendo os israelitas aos deuses pagãos e, em decorrência disso, o culto a Deus começava a se tornar sincrético. Essas mulheres, que não eram tementes a Deus, adoravam outros deuses e seduziam seus maridos para que adorassem os deuses delas. E os maridos, para agradá-las, frequentavam os cultos que elas ofereciam aos deuses pagãos. Com isso as famílias padeciam e os filhos que eram criados nesse lar ficavam divididos, pois havia duas religiões na família, duas práticas. E assim o culto a Deus ia pouco a pouco se enfraquecendo na vida da nação.

Existem muitos exemplos disso no Antigo Testamento. Isso, aliás, foi uma das causas do cativoiro.

Tudo isso trazia transtorno para a vida espiritual do povo. E agora, como ressalta Malaquias, mesmo depois de ter sido castigado pela idolatria (que no passado também havia entrado pela porta do casamento misto), o povo estava fazendo a mesma coisa de novo. Ou seja, depois de 70 anos de cativoiro, o povo ameaçava se misturar aos pagãos outra vez, e o que era pior: os homens estavam

abandonando suas esposas para ficarem com mulheres pagãs. Portanto, o problema encarado por Malaquias nesta seção agora era duplo: o divórcio sem causa e o casamento misto (do qual decorria a questão da perda de identidade). Os homens estavam abandonando a mulher com quem tinham se casado e trocando-a por outra que não fazia parte do povo de Deus.

Malaquias, então, denuncia na passagem acima esses dois pecados do povo, pois via essas duas coisas como um empecilho ao culto a Deus, algo que prejudicava e enfraquecia a igreja. Esses (dentre outros pecados listados por Malaquias) acabavam fazendo com que Deus não aceitasse o culto que o povo lhe prestava.

A questão dos casamentos mistos

Malaquias começa fazendo uma pergunta que é uma declaração: “Não temos todos o mesmo Pai? Não fomos criados pelo mesmo Deus? Por que então somos infiéis uns aos outros, quebrando a aliança de nossos pais?” (2.10).

O contexto do versículo se refere ao povo de Deus. Malaquias parte da seguinte premissa: nós todos – homens e mulheres – temos o mesmo Pai; nós todos fomos criados pelo mesmo Deus, à sua imagem e semelhança, e eleitos por ele para fazer parte do seu povo. Deus é o nosso Pai e criador.

Daí vem a pergunta: “Por que então somos infiéis uns aos outros, quebrando a aliança de nossos pais?”. Ora, se a minha esposa é minha irmã em Cristo, filha do mesmo Deus, criada pelo mesmo Pai, por que então ser desleal a ela? Essa é a pergunta de Malaquias ao povo. No final do

versículo 10 o profeta diz que essa deslealdade acontece quando profanamos a aliança de nossos pais.

Mas de que aliança Malaquias fala aqui? Uma vez que os casamentos daquela época eram arrumados pelos pais, isso pode ser uma referência à aliança feita pelos pais dos noivos. Ou seja, ao quebrar essa aliança, a pessoa estava contrariando aquele pacto que tinha assumido voluntariamente, diante de Deus, na presença dos próprios pais e dos pais da esposa. No momento em que decidia abandonar a esposa para ficar com mulheres estrangeiras, o homem israelita estava profanando essa aliança. Essa é uma possibilidade de interpretação.

A outra possibilidade é que esse termo, “aliança de nossos pais”, é uma referência à aliança feita com os patriarcas (Abraão, Isaque e Jacó). Nesse caso, a aliança referida é aquela que Deus fez com Abraão, Isaque e Jacó, no sentido de que a descendência deles seria povo exclusivo de Deus, um povo separado por Deus e para Deus. Na medida em que o povo exclusivo de Deus começa a se misturar com outros povos, está quebrando a aliança que Deus fez com os patriarcas. Esta é provavelmente a melhor interpretação e a que vamos seguir aqui.

Em linhas gerais, Malaquias aponta primeiro para o fato de que os israelitas tinham uma aliança que Deus fez com seus pais (Abraão, Isaque e Jacó) de que ele seria Deus deles e que eles seriam seu povo. Em segundo lugar, ele aponta para o fato de que as mulheres com quem os homens do povo de Deus tinham se casado eram filhas do mesmo Deus e foram criadas pelo mesmo Pai. Então, diante de tudo isso Malaquias pergunta: Por que vocês

estão sendo desleais? Por que estão abandonado a mulher de sua mocidade?

No versículo 11 Malaquias vai, então, direto ao assunto. O que começara sob a forma de perguntas, que no fundo colocavam certas premissas, acaba por levar a uma introdução do assunto no final do versículo 11 (em um mecanismo semelhante ao usado por outros profetas).

Assim, Malaquias passa a denunciar o erro do povo: “Judá tem sido infiel. Uma abominação foi cometida em Israel e em Jerusalém; porque Judá profanou o santuário do SENHOR, o qual ele ama, e se casou com a filha de um deus estrangeiro”. Judá, a principal tribo de Israel, estava profanando o santuário do Senhor casando-se com a filha de um deus estrangeiro.

É desta forma que Deus via o casamento misto? Como deslealdade, abominação. Por que abominação? Porque em várias passagens do Antigo Testamento, como as que falam da aliança (Êx 34.1, Dt 7, Js 23), Deus com clareza diz ao seu povo: vocês são meu povo exclusivo, não se misturem com outros povos, pois isso os enfraquecerá e enfraquecerá também a lealdade que têm a mim. Portanto, permaneçam dentro dos limites da nação em termos de casamento.

Mas Judá foi desleal a essa aliança e, como vemos no versículo 11, profanou o santuário do Senhor. Veja como tudo se volta para a questão do culto.

Malaquias afirma que eles profanaram o santuário de Deus. Note como o profeta ressalta o fato de que não se trata de um santuário qualquer, mas do “santuário do SENHOR, o qual ele ama”. Mas, afinal, como eles profa-

naram o santuário de Deus? Casando-se com mulheres que eram “filha(s)” ou adoradoras de um deus estrangeiro (no hebraico, literalmente, *se casou com a filha de deus estranho*). Era assim que as mulheres pagãs eram chamadas (filhas de um deus estranho). Da mesma forma que somos chamados de filhos de Deus, o pagão é chamado de filho de um deus estranho. Enfim, eles se casaram com mulheres que não adoravam nem temiam ao Deus de Israel.

A ideia da profanação aqui está no fato de que esses maridos traziam suas mulheres para adorar a Deus, mas, mesmo estando no meio do povo de Deus, o coração delas estava apegado a seus ídolos. Malaquias diz que isso é uma profanação.

Costumamos convidar pessoas que não são crentes para vir aos cultos e ouvir a Palavra de Deus; aqui, porém, Malaquias está falando de um contexto diferente. Esses homens não estavam trazendo pessoas para ouvir a Palavra de Deus; eles estavam trazendo essas mulheres em lugar de suas esposas, das quais, inclusive, estavam se separando para ficar com elas. Portanto, trazê-las para o culto a Deus nessa circunstância, como se elas fizessem parte do povo de Deus, o profeta diz que é uma abominação ao santuário e ao culto a Deus.

Vemos, assim, que tudo isso acaba afetando o culto. Ele é expressão daquilo que a igreja acredita e pratica, daquilo que as pessoas pensam a respeito de Deus. Logo, a partir do momento em que o povo se sentia à vontade para trazer filhas de deuses estranhos para participar do culto a Deus naquela situação, em um verdadeiro

sincretismo, isso já mostra em que condição espiritual se encontrava aquele povo e a mentalidade que tinha com relação a Deus e ao culto que devia ser prestado para ele.

O versículo 12 traz a ameaça de Deus: “O SENHOR eliminará das tendas de Jacó o homem que fizer isso, seja quem for, e o que traz ofertas ao SENHOR dos Exércitos”. Mais uma vez temos uma referência ao culto. Eles faziam tudo o que foi denunciado e ainda traziam ofertas para o Senhor dos Exércitos. Isso de nada adiantaria, pois a mão de Deus pesaria sobre eles, e o Senhor não faria diferença em relação a quem fizesse aquilo, fosse quem fosse. Se estava profanando o culto, a mão de Deus pesaria sobre ele. Podia ser até que se tratasse de alguém que trazia regularmente as ofertas, um judeu praticante; se sua vida não fosse reta, se ele não estivesse vivendo de acordo com a Palavra de Deus, então aquelas ofertas que ele estava trazendo eram em vão. Deus iria eliminar essas pessoas do meio do seu povo.

A quebra da aliança pelo divórcio

Deus anuncia pelo profeta que não aceita o culto que está sendo oferecido: “Além disso, ainda cobris o altar do SENHOR de lágrimas, choro e gemidos, porque ele não olha mais para as ofertas, nem as aceita da vossa mão com prazer” (2.13).

Os judeus estavam enfraquecendo o povo de Deus com esses casamentos mistos. Estavam desobedecendo a Deus, fazendo o que sabiam que não era certo, mas não perdiam um culto. E quando chegavam ao templo, ainda

iam lá para frente do altar, deitavam sobre ele e choravam: “Ó Deus, por que o Senhor não está nos ouvindo, por que não responde às nossas orações?”

E gemiam, cobrindo o altar de Deus com lágrimas e choro, suplicando a Deus: “Por que o Senhor não nos ouve, por que não somos abençoados?” O povo desobedecia a Deus e ainda tinha coragem de fazer isso.

Por que aqueles homens estavam cobrindo o altar de Deus de choro e lágrimas? Porque Deus já não aceitava mais o culto que eles lhe prestavam. A oferta que traziam a Deus era rejeitada, justamente porque estavam desobedecendo a Palavra de Deus. Existe uma relação estreita entre a minha vida, a minha conduta moral e o culto que Deus aceita. Podemos trazer ofertas, cobrir o altar de choro, dançar e sapatear no louvor, mas se a nossa vida não for reta diante de Deus, ele dirá: “Eu não aceito o culto de vocês, podem chorar o quanto quiserem. Se quiserem que aceite seu culto, devem primeiro consertar sua vida”.

Apesar desta severa advertência, os judeus, como sempre, cnicamente, param de chorar e perguntam: “Por quê?” (2.14). Em outras palavras, estavam dizendo: “Por que Deus não aceita nosso culto? Não estamos trazendo ofertas, não estamos aqui presentes, por que Deus não aceita?”

E Deus responde, por meio de Malaquias: “Porque o SENHOR tem sido testemunha entre ti e a esposa que tens desde a juventude, para com a qual foste infiel, embora ela fosse tua companheira e a mulher da tua aliança matrimonial” (2.14). A resposta aponta não somente

para toda aquela questão do casamento misto, mas também para a questão do divórcio e da quebra da aliança, da infidelidade.

Do versículo 14 ao 16 Deus dá três motivos pelos quais ele não aceitava o divórcio.

O primeiro motivo é a quebra da aliança, citada no versículo 14. Deus havia sido testemunha do casamento que eles estavam rompendo. E ainda tem quem diga que o casamento como instituição é algo que não se encontra na Bíblia, que a Bíblia não fala de casamento como algo oficial. A Bíblia de quem diz isso não deve ter o livro do profeta Malaquias. Essas pessoas precisam ler o livro do profeta Malaquias inteiro, não só a parte que trata dos dízimos.

O profeta faz referência ao casamento como uma aliança, “aliança matrimonial”, assumida perante os pais e diante de Deus, um compromisso que deve ser honrado. Esta é a primeira razão pela qual Deus diz em Malaquias ser contra o divórcio. O divórcio implica na quebra da aliança que homem e mulher haviam contraído quando se casaram. Deus era testemunha daquela aliança, daquele compromisso assumido diante dos pais, diante do povo e de Deus. Então quando um israelita abandonava sua mulher para se casar com uma mulher pagã estava profanando a aliança.

O segundo motivo pelo qual Deus não aceitava o divórcio era o fato de que homem e mulher foram criados por ele. O argumento de Deus começa aqui com uma pergunta: “Não foi o Senhor que fez deles um só?” (2.15).

A expressão “um só” é uma referência a Gênesis, quando Deus criou o homem e a mulher e disse que ambos deixarão pai e mãe e se tornarão uma só carne. Deus formou o homem e a mulher com o propósito de que eles se tornassem um. Por isso o texto diz que Deus “fez deles um só”.

Por isso o casamento não pode ser entre dois homens nem entre duas mulheres. Deus fez os dois — homem e mulher — e dos dois ele fez um só. Esse é o argumento que Jesus usa em Mateus 19.4-6, ao tratar do divórcio, quando diz: “Não lestes que desde o princípio o Criador os fez homem e mulher, e ordenou: Por isso o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher; e serão os dois uma só carne? Assim, não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus uniu o homem não separe”. Esse é o mesmo raciocínio de Malaquias. Quando criou a raça humana, Deus fez um homem e uma mulher, para que eles fossem um.

Por que Deus fez deles um só? O profeta explica: “E por que um só? Porque ele queria uma descendência santa” (2.15).

O ponto do profeta aqui é que, quando Deus criou o ser humano, ele fez homem e mulher e os uniu. O objetivo dessa unidade era preservar a família, preservar o casamento, porque Deus queria que da família nascesse aquele que haveria de herdar o mundo, a descendência santa de onde viria o Messias. Portanto, o divórcio quebra esse propósito que Deus planejou desde a criação. Por isso Deus não gosta do divórcio, pois contraria seu plano original.

Assim, o divórcio é uma quebra da aliança e uma quebra do propósito original de Deus para criação.

O terceiro motivo pelo qual Deus não aceitava o divórcio é por odiá-lo: “Pois eu odeio o divórcio e também odeio aquele que se veste de violência, diz o SENHOR Deus de Israel” (2.16). As vestes aqui devem ser uma referência às vestes nupciais usadas pelos noivos quando iam para casa selar o casamento. Essas vestes, que representavam a pureza do casamento, estavam agora manchadas pela violência.

Esse é o único texto da Bíblia onde Deus expressa seus sentimentos em relação ao divórcio e ao repúdio. Em Mateus Jesus cita o Antigo Testamento, dizendo que Deus só admite o divórcio por causa da dureza do coração do homem. Isso não quer dizer que Deus goste do divórcio, que veja o divórcio como solução para os problemas do seu povo. A atitude de Deus é sempre essa, pois ele odeia o divórcio por ser contra o propósito dele, por ser uma quebra da aliança e um ato de violência às vestes nupciais. Portanto, em nenhuma situação Deus aprecia o divórcio, uma vez que ele sempre envolve a quebra da aliança e a violação do seu propósito. Por causa da dureza de nosso coração, no entanto, Deus permite o divórcio em apenas dois casos, conforme entendo: em caso de adultério (Mt 19.9) e quando o cônjuge descrente resolve abandonar, irremediavelmente, o cônjuge crente (1Co 7.15).

O divórcio é um pecado imperdoável? Há perdão para ele? Sim, há perdão. Mas é nocivo para a igreja, o indivíduo e a família.

O que estava acontecendo nos dias de Malaquias é que os homens estavam abandonando suas mulheres para se casarem com outra. Será que estamos vivendo um momento diferente hoje? Isso não acontece do mesmo jeito em nossos dias? Entre o povo de Deus o divórcio acontece em grande parte porque o homem deixa de “gostar” da mulher com quem se casou e quer trocá-la por outra. Há muitos casos até já adulterou primeiro e depois vem a questão do divórcio. Às vezes é a mulher que se cansa do marido e quer trocá-lo por outro. Para justificar, as pessoas vêm com a história de incompatibilidade de gênios, incompatibilidade cultural ou outra coisa do gênero, mas nada que não possa ser resolvido.

Nenhum de nós está livre de passar por esse problema, mas a Palavra de Deus não muda, vale para todos. Será que vamos, então, desprezar quem passou por isso? Não, mas não podemos ignorar qual é a vontade de Deus e, como igreja, devemos zelar por ela e restaurar o caído, mas sem violar a palavra de Deus.

Por fim, no final do versículo 16 temos uma exortação: “Portanto, cuidai de vós mesmos, diz o SENHOR dos Exércitos, e não sejais infiéis” (2.16). Por duas vezes Deus diz aos homens para que cuidem de si mesmos e não sejam infiéis (no final do versículo 15 e do versículo 16 também). O que é que significa isso? Significa que devem vigiar o coração, os olhos, obedecer à Palavra de Deus, seguir o que ela manda, ser de fato o cabeça do lar, amar sua mulher como Cristo amou a igreja. Se os homens cuidarem de si mesmos a situação será bem diferente.

Antigamente as estatísticas de separação de casais crentes e não crentes eram muito diferentes. Enquanto três em cada cinco casamentos entre não crentes acabava em divórcio, na igreja apenas um casamento em cada cinco acabava em divórcio. Hoje, infelizmente, essas estatísticas são quase iguais, pois os crentes não estão ouvindo o que a Palavra diz a respeito do divórcio.

Conclusão e aplicações

Temos lições preciosas para nós na passagem que acabamos de examinar e todas têm relação com o culto a Deus.

Poderíamos começar falando do cuidado de Deus pela identidade do seu povo, pois ele deseja ser adorado por pessoas que de fato o conheçam e que o tenham no coração. A preocupação de Deus é que a devoção do seu povo não seja diluída através de casamentos mistos, que às vezes podem dar certo, mas na maioria das vezes não dão.

No final, quem perde é a igreja, o culto a Deus, as famílias, os filhos que crescem em lares assim, divididos e sem paz. Por isso essa é a primeira preocupação de Deus com relação ao seu culto e à identidade do seu povo, como povo de Deus.

Isso não quer dizer que não possamos convidar nossos amigos e amigas que não sejam crentes para vir ao culto. Eles não vêm para adorar a Deus, pois não têm o status de adoradores, pelo menos não ainda, mas vêm para ouvir a Palavra de Deus e oramos para que possam ser tocados pelo Espírito Santo.

Outra lição que podemos extrair do estudo é que existe uma relação fundamental entre a minha vida pessoal e moral e o culto que presto a Deus. Era por isso que Deus não estava aceitando o culto dos israelitas. Eles levavam uma vida imoral e vinham diante de Deus, choravam e se lamentavam e ainda perguntavam cinicamente por que Deus não aceitava suas ofertas. E a resposta de Deus era: “Vocês estão sendo infiéis, não estão obedecendo à minha Palavra e, portanto, não posso aceitar o culto de vocês nem as ofertas que estão trazendo”.

Portanto, essa passagem deixa claro um chamado ao arrependimento, para que o povo de Deus purifique seus caminhos, conserte sua vida e, só depois, venha prestar de fato culto a Deus.

POR QUE CULTUAR A DEUS SE O MAL EXISTE, OS ÍMPIOS PROSPERAM E OS JUSTOS SOFREM?

Malaquias 2.17—3.1-6

Tendes aborrecido o SENHOR com vossas palavras. E ainda perguntais: Como o temos aborrecido? Quando dizeis que todo aquele que faz o mal passa por bom aos olhos do SENHOR, e que é deste que o SENHOR se agrada, e ainda quando perguntais: Onde está o Deus da justiça?

Enviarei o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim; e de repente o Senhor, a quem buscais, o mensageiro da aliança, a quem desejais, virá ao seu templo. E ele vem, diz o SENHOR dos Exércitos.

Mas quem suportará o dia da sua vinda? Quem permanecerá de pé quando ele aparecer? Pois ele será como o fogo do ourives e como o sabão do lavandeiro.

Ele se assentará como refinador e purificador de prata; purificará os levitas e os refinará como ouro e como prata, até que levem ao SENHOR ofertas com justiça.

Então a oferta de Judá e de Jerusalém será agradável ao SENHOR, como nos dias do passado, como nos primeiros anos.

E irei a vós com juízo. Sem demora testemunharei contra os feiticeiros, contra os adúlteros, contra os que juram falsamente, contra os que exploram o trabalhador em seu salário, a viúva e o órfão, e distorcem o direito do estrangeiro, e não me temem, diz o SENHOR dos Exércitos.

Pois eu, o SENHOR, não mudo; por isso, vós, ó filhos de Jacó, não sois destruídos.

O nosso Deus é o Deus da justiça

Introdução

Um dos dilemas mais antigos para a doutrina cristã é o problema do mal. Existe um termo teológico que dá nome a esse tema: teodiceia, que é o estudo do problema do mal e sua origem. Se Deus é bom, por que existe o mal? Como pode existir o mal em um Universo governado por um Deus justo, bom e todo-poderoso? A teodiceia procura responder a essas perguntas.

Mas a questão vai mais além: Como um Deus justo, bom e todo-poderoso permite que o mal exista em seu Universo, que os ímpios prosperem e pequem abertamente sem ser castigados? E por que ele permite que o justo sofra neste mundo?

Há três respostas básicas para essas indagações:

A primeira resposta é a do ateísmo. Este parte do seguinte raciocínio: se Deus é justo, bom e todo-poderoso, por que o mal existe? Se o mal existe, a conclusão deles

é que Deus simplesmente não existe. A natureza é determinista, não segue qualquer princípio ou ordem moral. O mal faz parte do Universo. Não existe um Deus bom nem um Deus justo que possa impedir a realidade do mal. Essa é a resposta dos ateus.

Muitos adeptos do ateísmo justificam sua posição pelo fato de não poderem conceber ou compreender as desgraças que existem no mundo. Existe um filme muito interessante de Mel Gibson intitulado *Sinais*, que narra a história de um pastor anglicano que se tornou ateu porque perdeu a mulher num grave acidente de carro. É claro que o filme adota concepções que não têm nada a ver com a Bíblia, mas Mel Gibson, como católico praticante, de vez em quando encontra jeito de inserir alguma questão religiosa em seus filmes. Nesse filme, temos um exemplo de como muitas pessoas se tornam ateias, porque não podem compreender a presença do mal num mundo supostamente governado por um Deus bom.

A segunda resposta à questão do mal no mundo é a da chamada teologia relacional ou teísmo aberto. A teologia relacional diz o seguinte: Não é culpa de Deus que o mal exista no mundo, porque Deus não é todo-poderoso nem onisciente. Deus se esvaziou de sua onisciência e de sua onipotência para poder se relacionar de maneira ideal com as pessoas, a fim de que não fôssemos meras peças de um jogo de xadrez em suas mãos.

Essa posição recebeu certa notoriedade por ocasião do *tsunami* que atingiu a costa do sudeste da Ásia, resultando num desastre de proporções mundiais. Toda a mídia estava voltada para aquela região do mundo em

que o *tsunami* havia matado milhares de pessoas e causado grandes prejuízos materiais. Na época um adepto do teísmo aberto publicou em seu *blog* pessoal uma tentativa de justificar a Deus, pois todos estavam perguntando: “Como um Deus bom permite que tantas pessoas sofram e crianças inocentes morram?”. A resposta dele foi mais ou menos esta: “Por que vocês estão culpando a Deus? Ele não sabia que o *tsunami* iria acontecer e não tinha poder para impedi-lo”.

Desta forma, o teísmo aberto tenta explicar a teodiceia negando o aspecto de que Deus é todo-poderoso e que, portanto, tenha o controle total do Universo.

A terceira resposta vem das religiões orientais, como o zen-budismo e outras correntes religiosas que negam o outro lado da equação, ou seja, afirmam a inexistência do mal. Seus adeptos alegam que o mal é simplesmente uma projeção da nossa mente. Para eles, se a pessoa alcançar determinado nível de espiritualidade, entrará em sintonia com a realidade que temos ao nosso redor, na natureza e nas forças que nos cercam. Dessa maneira o mal e a dor deixarão de ser uma realidade para ela. Isso tem tudo a ver com a meditação transcendental, que tenta resolver o problema do mal negando a própria existência do mal.

Como o cristianismo histórico resolve esse problema? Nós mantemos os dois lados da equação: Deus é todo-poderoso e bom, e o mal existe no universo. Não podemos negar que Deus existe, que ele é bom, justo e todo-poderoso. Por outro lado, não podemos negar também que o mal existe, é real, que muitas vezes ele passa impune e aqueles que cometem atrocidades não recebem a devida

punição. Vemos servos de Deus, que o temem, passarem por sofrimentos de grandes proporções neste mundo, de maneira que as pessoas perguntam: "Vale a pena seguir a Deus, já que não parece existir diferença entre os que o servem e os que não o servem, na medida em que o mesmo mal acomete a todos? Quando cai um avião, morrem crentes e descrentes; quando há uma recessão no país, crentes e descrentes perdem o emprego; quando há uma crise econômica, empresas de crentes e de descrentes podem igualmente ir à falência".

Isso é o que a realidade mostra, e por isso as pessoas se perguntam se, no contexto de um mundo onde aparentemente Deus parece não se importar com mal, vale a pena servi-lo.

A resposta do cristianismo é que o nosso serviço a Deus independe dessas coisas, pois ele é bom, justo e todo-poderoso, mas permite a existência do mal. E assim o permite porque tem o propósito de mostrar sua soberania ao castigar os ímpios, naquele dia que ele já preparou, e igualmente de mostrar sua misericórdia ao salvar aqueles que são seus neste mundo tenebroso. Portanto, mesmo que não possamos entender os motivos por que Deus permite que o mal atinja determinadas pessoas, podemos afirmar que ele é justo, santo, bom, todo-poderoso, que o mal existe neste mundo por permissão dele e está dentro dos seus planos. Embora nem sempre possamos entender isso claramente, de uma coisa podemos ter certeza: haverá um dia que Deus julgará todo o mal.

Essa questão da teodiceia estava ocupando a mente do povo de Israel no tempo em que Malaquias exerceu seu

ministério profético. Era uma questão antiga. Podemos ver isso, por exemplo, no Salmo 73, que trata da prosperidade dos ímpios. O livro de Jó ocupa-se desse mesmo assunto. Jó era um homem temente a Deus, mas perdeu tudo que tinha, até mesmo a saúde. O livro de Eclesiastes também trata desses questionamentos, e agora, em Malaquias, vemos que o povo daquela época punha em xeque outra vez a justiça de Deus, questionando se, de fato, ele era justo em sua maneira de lidar com as pessoas.

Malaquias 2.17—3.1-5 trata exatamente disso. Portanto, vamos analisar o que esse trecho tem a ver com o culto à medida que desenvolvermos sua exposição. Para tanto, adotaremos a mesma estrutura já utilizada em capítulos anteriores: uma declaração de Deus, um questionamento capcioso do povo e a subseqüente resposta de Deus.

A declaração de Deus

Malaquias declara: “Enfadais o SENHOR com vossas palavras” (2.17, ARA). Essa era a mensagem que Malaquias pregava nas ruas de Jerusalém ou quem sabe nos átrios do templo, isto é, onde quer que encontrasse pessoas para ouvi-lo. Ele trazia a mensagem da parte de Deus, e uma de suas assertivas era esta: “Vocês estão enfadando Deus com suas palavras”.

No hebraico, enfadar significa irritar, provocar e aborrecer e, assim, gerar cansaço, desânimo e enfado. O povo estava irritando, provocando e aborrecendo Deus com suas palavras e seus questionamentos, e Deus já estava cansado, enfadado do povo. É isso que o profeta está dizendo: “Vocês estão aborrecendo Deus com esse

tipo de questionamento que levantam contra ele. Deus é paciente, mas a paciência dele também tem limite, e chegou o momento em que o Senhor diz: 'Já basta; é demais!'. A situação, portanto, havia chegado a esse ponto.

Mas o que o povo estava dizendo que aborrecera a Deus?

O questionamento do povo

O povo estava questionando o amor de Deus, sua fidelidade e agora, especialmente, sua justiça: "E ainda perguntais: Como o temos aborrecido? Quando dizeis que todo aquele que faz o mal passa por bom aos olhos do SENHOR, e que é deste que o SENHOR se agrada, e ainda quando perguntais: Onde está o Deus da justiça?"

Percebe, então, o que estava aborrecendo a Deus? O fato de o povo dizer que Deus era injusto na maneira de tratar as pessoas, acusá-lo de não fazer diferença entre o justo e o injusto, dizer que o mesmo mal sobrevinha indistintamente a todos e que até parecia que Deus se agradava de quem fazia o mal, pois os ímpios prosperavam, enquanto os que temiam a Deus e o cultuavam sofriam. E também quando o povo perguntava: "Onde está o Deus da justiça?" Onde está a justiça de Deus?

Todos esses questionamentos se resumem no seguinte raciocínio: Vale a pena servir a Deus, quando parece que ele se agrada mais dos ímpios? Quem é rico neste mundo? Quem é próspero, popular, quem tem mais fama? Justamente os que não temem a Deus, praticam a iniquidade e vivem de forma desregrada, de modo que parece que Deus se agrada deles. E nós, que servimos e cultuamos a

Deus, que tememos o seu nome — o que acontece conosco? Sofremos sob o poder de um povo inimigo, vivemos uma situação financeira caótica, passamos por dificuldades. Ora, não vale a pena servir a Deus; no fim, que diferença faz servir a Deus ou não servir? Era esse o raciocínio dos israelitas daquela época.

O que levou a esse questionamento foi o fato de que, na época de Malaquias, o povo estava vivendo em servidão, era vassalo do Império Persa e pagava pesados impostos, o que gerava dificuldades financeiras muito grandes. As lavouras não prosperavam, o comércio não progredia, enquanto o povo via crescer cada vez mais o Império Persa, ímpio e perverso, e prosperarem as nações ao seu redor — os povos contra os quais Deus dissera estar irado para sempre. A nação de Israel era minúscula, encravada no meio da Palestina, cercada de inimigos por todos os lados e passava por momentos difíceis. O povo então se perguntava: Que diferença fazia servir a Deus?

O pior é que o profeta chegava e dizia: “Vejam, essa atitude de questionar a justiça de Deus, o amor de Deus e a validade de servi-lo está enfadando Deus”. Então, como era típico do povo, eles perguntavam ao profeta: “Ora, em que estamos aborrecendo a Deus?”. O povo de Israel se manifesta mais uma vez, com seu senso próprio de justiça, levantando esse tipo de questionamento, e então temos a resposta de Deus (2.17—3.1-5).

A resposta de Deus

A resposta de Deus consiste, em primeiro lugar, em dizer em que o povo o estava aborrecendo (2.17): “Vocês estão

me acusando de favorecer o ímpio e desfavorecer o justo”. A segunda parte da resposta de Deus é completamente diferente daquilo que talvez os israelitas pudessem estar esperando. Talvez eles esperassem ouvir uma resposta assim: “Está bem, vou castigar todos os ímpios e abençoar vocês, para todos verem que há diferença entre servir a Deus e não servir. Todos verão que favoreço meu povo e castigo os ímpios”.

Mas a resposta de Deus foi inesperada. Ele diz ao povo: “Querem ver justiça? Querem que eu mostre a diferença entre o justo e o injusto? Então farei isso, mas vou começar por vocês. Vou punir o ímpio, mas começarei com os ímpios que estão no meio de vocês. Eu vou fazer diferença entre ímpios e justos, mas não em relação aos que são de fora. Antes, farei essa diferença entre os que estão no meio de vocês, entre aqueles que são verdadeiramente meus servos e os que não são”. Aqui nos lembramos das palavras de Pedro: o juízo de Deus começa por sua própria casa (1Pe 4.17).

No final do livro de Malaquias, veremos que Deus diz que também fará diferença entre o seu povo e os que não são seu povo, mas isso será mais adiante. O fato é que aqui fica claro que Deus começa com o juízo em sua própria casa.

Não creio que os israelitas tenham gostado dessa resposta, assim como, obviamente, nenhum de nós gostaria. Imagine se perguntássemos a Deus qual é a vantagem em servi-lo, e ele respondesse: “Mostrarei qual é a vantagem em me servir, mas primeiro começarei tratando do caso de vocês; depois pensaremos nos outros, nos ímpios. Vamos

deixar o problema da teodiceia para depois [a questão de por que os ímpios prosperam]. Começarei purificando o meu próprio povo”. Seria algo muito difícil de ouvir.

A profecia

A resposta vem, então, nesses termos, ou seja, em forma de profecia. A profecia de Malaquias sobre o futuro começa exatamente aqui. Até esse ponto o leitor deve ter notado que grande parte do trabalho do profeta foi de exortação. Agora ele faz uma profecia a respeito do futuro.

Como já disse anteriormente, a tarefa principal do profeta não é falar do futuro. Ele é o homem que Deus levanta em determinado momento para exortar o povo e chamá-lo de volta aos seus caminhos. Eventualmente o profeta proclamava o que Deus iria fazer no futuro em virtude da reação do povo.

Essa profecia, em linhas gerais, diz o seguinte: “Farei distinção no meio do povo entre aqueles que são meus e os que não são. Como farei isso? Primeiro, enviarei um mensageiro que vai preparar o meu caminho; em seguida, eu, pessoalmente, vou ao encontro de vocês, habitarei no meio de vocês e farei essa distinção. Eu mesmo, aquele que vocês tanto desejam, entrarei no meu templo e purificarei os sacerdotes, para que me ofereçam um culto verdadeiro, e me porei contra aqueles dentre vocês que desobedecem à minha Lei”.

Aqui Malaquias profetiza sobre a vinda de Jesus, precedida por João Batista. É isso que o profeta nos anuncia em resposta ao questionamento do povo.

*A primeira parte da profecia:
o anúncio do mensageiro*

Malaquias, em hebraico, significa “mensageiro”. Alguns acham que esse “mensageiro” citado em Malaquias 3.1 refere-se à pessoa do próprio Malaquias, o qual estaria preparando o povo para a chegada de Deus. Mas a melhor maneira de lidarmos com a questão é verificando como o Novo Testamento interpreta esse ponto. E o Novo Testamento interpreta-o como sendo uma referência a João Batista (Mt 3.3; Mc 1.2; Lc 3.4).

Deus diz: “Mandarei meu mensageiro diante de mim e ele habitará no meio de vocês; mas, primeiro enviarei outro, alguém que irá preparar o meu caminho”.

Esse era um procedimento muito comum naquela época. Quando um rei se dirigia a uma cidade, ele enviava um mensageiro à sua frente, um emissário com delegação de poderes para remover todas as dificuldades do caminho do rei, a fim de que este pudesse chegar com tranquilidade, sem empecilhos burocráticos, diplomáticos ou de qualquer outra natureza.

O emissário que Deus enviou para preparar sua chegada no meio do povo foi João Batista. Essa promessa levou quatrocentos anos para se cumprir. Malaquias é o último livro do Antigo Testamento e, quatrocentos anos depois desses eventos, aparece João Batista no deserto, chamando o povo ao arrependimento: “Arrependei-vos porque o reino do céu chegou” (Mt 3.2), ou seja, o Rei do céu, o Todo-poderoso, está vindo; então, preparem-se para a chegada dele.

Como alguém se prepara para isso? Arrependendo-se dos seus pecados. E a mensagem de João Batista dizia

que o Rei já estava com o machado colocado à raiz da árvore, e lançaria no fogo toda árvore que não produzisse bom fruto, como também estava com a pá nas mãos para recolher o trigo e guardá-lo em seu celeiro. Ele estava vindo com poder para batizar com o Espírito Santo e com fogo, trazendo condenação àqueles que estavam no meio do seu povo e não queriam se sujeitar a ele (Lc 3.9,16,17). Era essa a mensagem de João Batista, e foi assim que Deus preparou a sua vinda para executar justiça e juízo.

***A segunda parte da profecia:
o aviso sobre a chegada do mensageiro***

Agora observe o que diz o texto de Malaquias 3.1-3:

... e de repente [no hebraico, “logo em seguida”] o Senhor, a quem buscais, o mensageiro da aliança, a quem desejais, virá ao seu templo. E ele vem, diz o SENHOR dos Exércitos. Mas quem suportará o dia da sua vinda? Quem permanecerá de pé quando ele aparecer? Pois ele será como o fogo do ourives e como o sabão do lavandeiro. Ele se assentará como refinador e purificador de prata; purificará os levitas e os refinará como ouro e como prata, até que levem ao SENHOR ofertas com justiça.

Temos aqui a segunda parte da profecia. Na primeira parte, Deus diz que vai mandar o mensageiro; na segunda, avisa que ele mesmo vai chegar.

Deus diz que ele virá como o mensageiro da aliança, no devido tempo, repentinamente, de maneira inesperada. E, quando chegar, o que ele fará? Ele se assentará como o ourives. Essa profissão é muito antiga. O ourives

pegava o bloco de ouro, que sempre vinha em estado bruto, como fora extraído do garimpo, acendia o fogo e ali o purificava, refinava, separando o ouro das impurezas. Ao chegar a um determinado grau de aquecimento, o metal precioso derrete e se separa das impurezas, pois seu ponto de fusão é inferior ao de outras substâncias. O ourives sabe muito bem que o fogo ardente que derrete o ouro serve para separá-lo do que intrinsecamente não faz parte dele.

Portanto, na profecia Deus está dizendo que, quando chegar, fará com os sacerdotes esse mesmo trabalho do ourives. Ele submeterá os sacerdotes ao fogo da purificação, a fim de que o seu culto lhe seja agradável, para que eles voltem a trazer, como antes, ofertas justas e aceitáveis a Deus.

Lembra-se da queixa de Deus de que os sacerdotes não estavam cumprindo sua função, pois estavam trazendo ao altar animais defeituosos, ofertas que não eram dignas de Deus? Agora Deus diz: “Pois querem justiça? Então vou começar a fazer justiça por seus pastores e, quando eu vier, primeiro vou purificá-los, como um lavandeiro o faz utilizando a potassa”.

Deus tiraria as manchas do seu povo para que este, uma vez purificado, pudesse voltar a lhe oferecer um culto que lhe fosse agradável. Observe que, mais uma vez, tudo que Malaquias fala acaba se voltando para as “ofertas agradáveis”, para o culto aceitável diante de Deus.

Mas quando essa profecia se cumpriu?

Primeiro, cumpriu-se com a vinda de João Batista e, depois, com a vinda de Cristo, quando o próprio Deus surge no meio do seu povo, na pessoa de Jesus de Nazaré.

Na cruz do Calvário, Jesus derramou seu sangue, que é muito mais poderoso que o fogo e a potassa para tirar as manchas do pecado do seu povo. O sangue do Filho de Deus purifica o sacerdócio, o templo e os adoradores, e é somente dessa maneira que Deus pode ter um culto que o agrade. Aquele culto do Antigo Testamento era simbólico, figurativo e estava com os dias contados. Deus aqui anuncia, por meio de Malaquias, que um novo tempo, uma nova era seria inaugurada; que as pessoas seriam purificadas, não mais pelo fogo ou pela potassa, pois essas coisas não podem tirar as manchas do nosso coração, mas pelo precioso sangue do seu Filho. Seu povo — a igreja —, purificado, iria então apresentar a ele um culto agradável.

Será que Deus se agrada dos ímpios ou dos que praticam o mal? A resposta é não, pois ele mesmo virá para purificar seu povo de todo mal, a fim de que essa comunidade tenha acesso a ele e possa adorá-lo no Espírito e em verdade.

Isso aconteceu há mais de dois mil anos. A Bíblia diz que Deus veio purificar para si um povo seu, zeloso em boas obras (Ef 2.10).

***A terceira parte da profecia: o aviso
sobre a testemunha que promoverá o juízo***

Passemos à terceira parte da profecia (3.5): quando Deus vier, não haverá apenas de purificar seu povo para que lhe renda um culto verdadeiro, mas será testemunha veloz, aquele que haverá de condenar os ímpios que estão no meio do seu povo.

Mas quem são eles, afinal? São os que praticam a feitiçaria, os adúlteros, os mentirosos, os que juram falsamente, defraudam o salário do trabalhador, os desonestos, os que oprimem a viúva e o órfão, os que torcem o direito do estrangeiro e os que não temem a Deus.

Portanto, vemos que a resposta de Deus à pergunta do povo “Onde está o Deus da justiça?” é: “Vocês me buscam? Então eu virei para o meio de vocês, mas quem poderá suportar o dia da minha vinda? Porque virei para purificar primeiro o meu povo, com fogo e potassa (hoje sabemos que foi com o sangue do seu Filho, muito mais precioso), e serei testemunha contra aqueles dentre vocês que não obedecem à minha palavra, contra os mentirosos, os imorais, os desonestos, os opressores e os hipócritas que não temem o meu nome”.

Quando isso aconteceu? Cumpriu-se com a vinda de Jesus Cristo. O culto não mais foi realizado por meio de sacerdotes impuros, mas de um novo sacerdócio do qual o sumo sacerdote é Jesus, por intermédio de quem chegamos a Deus. O culto onde os adoradores são purificados pelo sangue de Cristo é hoje o único aceitável a Deus, pois é oferecido pela mediação do seu Filho Jesus Cristo.

A seguir, Deus explica por que ele fará tudo isso (3.6): “Pois eu, o SENHOR, não mudo; por isso, vós, ó filhos de Jacó, não sois destruídos”. Deus não muda em seu propósito de ter um povo, não muda em sua aliança com seu povo. Em vez de destruir os filhos de Jacó porque já não prestavam um culto que lhe fosse agradável, ele mesmo iria purificá-los e julgar os que, dentre o seu povo, não o temiam e praticavam toda sorte de iniquidade.

Por ser imutável é que Deus não destruiu aquele povo na Antiguidade. Por ser imutável é que Deus nos tem como seus filhos. Porque Deus não muda, ele manteve a aliança, purificou-a e renovou-a, para que continuasse a ter para si um povo querido, especial, resgatado pelo sangue de seu Filho. A confiança que temos no acesso a Deus está em sua imutabilidade e no fato de que ele mesmo veio nos purificar.

Por que não somos destruídos? Porque Deus não muda (3.6) e desde a eternidade nos predestinou para si, escolheu-nos para ser seu povo peculiar, veio para nos purificar por meio do sangue de Jesus, para que pudéssemos cultuá-lo.

Conclusão e aplicações

O que isso tem a ver com o culto hoje? O que podemos aprender?

Em primeiro lugar, aprendemos que Deus busca um culto que lhe seja agradável. Deus gosta de ser adorado. Ele se compraz quando seu povo se reúne para cultuá-lo no Espírito e em verdade. Ele está presente em nosso meio para receber a adoração do seu povo. Veja todo o empenho de Deus para que pudesse ter **um** povo que lhe trouxesse uma oferta agradável. Ele se empenhou a ponto de dizer: “Eu vou para o meio de vocês resolver esse problema. Os sacerdotes não estão conseguindo. Mandarei o mensageiro da aliança ao templo; ele é quem vocês buscam”.

Isso mostra como Deus busca adoradores que o adorem no Espírito e em verdade. O culto não é coisa de

pouca importância nem algo secundário, mas está no próprio coração de Deus. É a alma da igreja, a expressão de fé mais importante que temos diante do mundo, quando o cultuamos da maneira correta.

Em segundo lugar, aprendemos que a única maneira pela qual podemos prestar um culto que agrade a Deus é sendo purificados pelo sangue precioso de Jesus. A obra de purificação do ourives pelo fogo e de lavagem das nossas manchas com potassa pelo lavandei-ro é figura da limpeza que Cristo, com seu sangue, faz em nosso coração e nossa alma.

Cristo é o ourives e o lavandei-ro e, com seu sangue, purifica-nos de nossos pecados. Ele transforma o nosso coração para que possamos prestar a Deus um culto agradável. Por isso Deus não aceita culto de quem não é regenerado. Deus não aceita culto de quem não foi purificado de seus pecados, de quem não passou por esse processo de transformação. Deus deseja a adoração de pessoas que foram lavadas no sangue de Jesus e assim podem se acercar diante da sua santidade.

Um dos pontos da Reforma Protestante foi exatamente este: somente Cristo (*solus Christus*), enfatizando que somente Jesus nos possibilita prestar um culto verdadeiro. Quando esse *slogan* foi afirmado, os protestantes estavam reagindo contra a mediação dos santos e de Maria no culto a Deus. As pessoas pensavam que podiam chegar a Deus mediante os méritos dos santos e de Maria. Mas o brado da Reforma disse que isso só era possível por meio de Cristo, pois somente ele nos purifica da nossa iniquidade e nos dá livre acesso à presença de Deus.

Hoje, infelizmente, vemos o catolicismo voltando a influenciar o meio evangélico, quando algumas igrejas introduzem mediações ou caminhos para chegar a Deus, como objetos ungidos, pessoas que têm orações mais poderosas que as outras e que se apresentam como mediadoras entre Deus e os homens, ou que se intitulam apóstolos e coisas desse gênero. Mais uma vez a mensagem de Malaquias, resgatada pela mensagem da Reforma, deve se fazer ouvir em nosso país. Somente por meio de Jesus podemos ter acesso a Deus e prestar-lhe um culto verdadeiro, pois seu sangue nos purifica como o fogo e a potassa, nos limpa de todas as manchas. Não é a confiança em apóstolos, bispos, pastores ou em objetos supostamente capazes de nos transmitir a graça de Deus que vai fazer com que eu me acheque a Deus, mas somente a fé em Jesus Cristo, minha confiança nele e minha entrega total a ele. Essa é a segunda coisa que aprendemos aqui.

Em terceiro lugar, aprendemos que vale a pena, sim, cultuar a Deus, mesmo que a diferença entre o ímpio e o justo não se evidencie no momento presente. Pois o próprio Deus veio ao nosso meio, na pessoa de seu Filho Jesus, para purificar o seu povo. Ele não resolveu o problema da teodiceia ainda (veremos isso mais adiante), mas a resposta inicial de Deus é: “Resolverei primeiro o problema do meu povo. Purificarei o meu povo, os que são meus, e serei uma testemunha veloz contra aqueles que não são”.

Portanto, será que vale a pena cultuar a Deus? Vale, sim! Devemos cultuar a Deus mesmo que os ímpios apa-

rentemente prosperem e permaneçam impunes em seus pecados. Devemos cultuar a Deus mesmo que às vezes soframos neste mundo e passemos por dificuldades.

Em quarto lugar, aprendemos que devemos aguardar aquele grande dia em que poderemos cultuar a Deus com toda a liberdade. Mesmo purificados pelo sangue de Jesus, ainda trazemos para o culto nossa natureza pecaminosa, nossas intenções erradas. A purificação que Jesus começou a fazer terminará naquele grande dia, quando ele vier. O dia em que ele finalmente fará diferença entre o justo e o injusto e se manifestará em toda a sua glória. Então, o grande culto eterno terá início, no qual serviremos a Deus em pureza e santidade verdadeiras, por toda a eternidade.

Tudo isso deve nos levar a refletir: Em que situação me encontro hoje?

Será que as manchas do pecado em minha vida já foram purificadas pelo sangue de Jesus? Nada mais pode agradar a Deus e de nenhuma outra maneira podemos chegar até ele.

Mesmo depois que nos convertemos, as manchas do pecado continuam a dificultar nossa comunhão com Deus. Esse processo de purificação é contínuo, como diz o apóstolo: “Se dissermos que não temos pecado algum, enganamos a nós mesmos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1Jo 1.8,9).

CULTUAR A DEUS EXIGE OBEDIÊNCIA

Malaquias 3.7-12

Desde os dias de vossos pais vos desviastes dos meus decretos e não os guardastes. Voltai para mim, e me voltarei para vós, diz o SENHOR dos Exércitos. Mas perguntais: Como devemos voltar?

Pode um homem roubar a Deus? Todavia vós me roubais, e ainda perguntais: Como te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas.

Estais debaixo de grande maldição, pois me roubais; a nação toda me rouba.

Trazei todos os dízimos ao tesouro do templo, para que haja mantimento na minha casa, e provai-me nisto, diz o SENHOR dos Exércitos, e vede se não abrirei as janelas do céu e não derramarei sobre vós tantas bênçãos, que não conseguireis guardá-las.

Por vossa causa também repreenderei a praga devoradora, e ela não destruirá os frutos da vossa terra, nem as vossas videiras no campo perderão o seu fruto, diz o SENHOR dos Exércitos.

E todas as nações vos chamarão bem-aventurados; pois a vossa terra será aprazível, diz o SENHOR dos Exércitos.

O nosso Deus é o Deus da aliança

Introdução

A melhor maneira de compreendermos todo o livro de Malaquias é à luz da doutrina da aliança, por diversas vezes mencionada nessa profecia. Mas em que consiste essa aliança?

Quando Deus chamou Abrão e o tirou da terra de Ur dos Caldeus, firmou uma aliança com ele. Essa aliança está mencionada em Gênesis 12, e em Gênesis 17 ela é ratificada. De sua parte, Deus se comprometeu a ser o Deus de Abraão e de toda a sua descendência para sempre. Deus haveria de protegê-los e abençoá-los. Prometeu lhes dar uma terra, um reino e que a descendência de Abraão seria o canal da bênção de Deus para toda a terra (Gn 12; 15; 17). Quais seriam então as condições que Abraão e sua descendência teriam de cumprir?

Eles teriam de obedecer a Deus, e o conteúdo dessa obediência viria mais tarde, por meio de Moisés, a quem Deus entregou os Dez Mandamentos e as leis relacionadas ao culto e a diversos aspectos da nação. Os descendentes de Abraão, o povo de Israel, deveriam obedecer às leis de Deus e segui-las de todo o coração. O selo dessa aliança era a circuncisão, o selo da fé que o povo tinha nas promessas de Deus, motivo pelo qual todos os israelitas do sexo masculino eram circuncidados.

Portanto, os termos da aliança eram estes: se o povo obedecesse a Deus, este o abençoaria; mas, se o povo desobedecesse a ele, seria castigado. Essa era a dinâmica da aliança, e podemos ver essa dinâmica em ação, com muita clareza, no Antigo Testamento. Quando o povo desobedecia a Deus, ele enviava o castigo; quando o povo se arrependia e se voltava para Deus, ele suspendia o castigo e passava a abençoá-lo tanto espiritual quanto materialmente.

Há muitos exemplos dessa dinâmica no Antigo Testamento. Na verdade, a história da aliança no Antigo Testamento é marcada por altos e baixos. Picos de obediência e de glória são seguidos por períodos em que o povo de Deus desce ao mais profundo abismo. O exemplo mais crítico disso foi o desterro, quando Deus levou seu povo em cativeiro para a Babilônia. Em Deuteronômio 28 encontramos os termos da aliança definidos de maneira clara em bênçãos e maldições.

As maldições ou castigos eram chamados “a espada da aliança”. Toda vez que o povo quebrava a aliança com Deus, voltava-se para outros deuses e desobedecia aos mandamentos, Deus desembainhava a espada da aliança e vinha atrás dele. A dinâmica sempre era esta: obediência, bênçãos; desobediência, maldição.

Essa aliança não foi revogada em Jesus Cristo, mas sim ratificada nele. A nova aliança no Novo Testamento não anula a aliança anterior — ainda hoje essa aliança está em vigor (cf. Rm 9—11). A diferença é que hoje ela tem um mediador maior. O mediador da antiga aliança era Moisés; o mediador da nova aliança é Jesus Cristo. A nova aliança tem uma ratificação em um selo maior.

No Antigo Testamento, os animais que eram sacrificados apontavam para o favor de Deus. Jesus ratificou essa nova aliança com seu sangue e fez uma coisa que não podemos fazer: cumpriu os termos da aliança por nós. Sua obediência como nosso representante faz com que hoje sejamos abençoados e recebamos de Deus a maior de todas as bênçãos, o perdão dos pecados e o acesso pleno a ele.

Logo, a aliança ainda está em vigor. Ainda hoje, quando um filho de Deus resolve quebrar a aliança, virar as costas para Deus e andar em descaminho, desobedecendo a Deus, ele vem corrigir esse filho, às vezes com severos castigos (veja Hebreus 12). E Deus também promete abençoar-nos em todos os sentidos, quando andamos humildemente diante dele, pela fé em Cristo Jesus e em comunhão com ele. Assim, vemos que essa aliança é perpétua; ela apenas foi administrada em duas dispensações, no Antigo Testamento e no Novo Testamento.

No trecho que lemos, Malaquias 3.7-12, podemos ver os termos da aliança em ação. Seguiremos em nossa análise a estrutura já conhecida do livro de Malaquias: uma declaração de Deus, um questionamento ardiloso do povo e a resposta de Deus.

A declaração de Deus

Em 3.7, Deus se queixa do povo. Ele diz que o povo desde o início da sua existência vem quebrando a aliança: “Desde os dias de vossos pais vos desviastes dos meus decretos e não os guardastes. Voltai para mim, e me voltarei para vós, diz o SENHOR dos Exércitos. Mas perguntais: Como devemos voltar?”.

Nesse versículo há uma queixa pesarosa de Deus, por meio de uma constatação: quando lemos a história do povo de Israel, desde Abraão até a época de Malaquias, podemos notar uma história recorrente de desobediência. Houve momentos de glória, mas foram poucos. Na maior parte dos períodos dos juizes, dos reis e dos profetas, vemos um povo rebelde contra Deus, que se esquecia da aliança, inclinava-se para outros deuses, voltava as costas para o culto a Deus e aderira a um culto sincrético a deuses estranhos, provocando a ira de Deus.

Daí a queixa que Deus faz contra o povo, por meio de Malaquias, o mensageiro: “Desde os dias de vossos pais [os patriarcas] vos desviastes dos meus decretos e não os guardastes”. Em outras palavras, esta era a mensagem do profeta: “Vocês são iguais a scus pais. Sempre desobedecem ao Senhor e não guardam a aliança de Deus. É por essa razão que estão passando por momentos tão difíceis de aflição financeira, falta de chuva, colheitas que não prosperam, pragas de gafanhotos que devastam tudo que estão plantando”. Em seguida Deus, em sua infinita misericórdia, faz um apelo exatamente nos termos da aliança: “Voltai para mim, e me voltarei para vós” (3.7). “Voltem para mim”, diz o Senhor, “arrependam-se dos seus pecados, guardem os termos da aliança, renovem a aliança comigo, e eu, como prometi nesse pacto, me voltarei para vocês. Vou abençoá-los, protegê-los e agraciá-los em todas as suas necessidades”.

Deus faz esse apelo: “Voltem para mim”, “tornem para mim”. O verbo hebraico usado por Malaquias aqui é o verbo padrão do hebraico para arrependimento, que significa

dar uma meia-volta. “Arrependam-se, retornem para mim, pois estão se desviando dos meus caminhos”. Podemos ver aqui os termos da aliança em ação. Deus está tratando o povo nos termos da aliança que haviam celebrado.

O questionamento do povo

Qual foi, porém, a reação do povo? Temos mais uma prova de como aquele povo era cínico. Eles disseram: “Mas em que havemos de tornar? Do que o Senhor está falando? Não estamos entendendo o que o Senhor está dizendo: Arrependem-se de quê? Em que estamos pecando contra o Senhor? O que estamos fazendo de errado?” (cf. 3.7b).

E Deus responde a essa indagação do povo com apenas um exemplo da quebra da aliança, fazendo uma pergunta: “Pode um homem roubar a Deus?” (3.8). À primeira vista parece algo ridículo e impossível, não é? Como um homem poderia roubar a Deus? Ele é o dono de todas as coisas. Como uma criatura poderia roubar a Deus? Mas, quando nos lembramos dos termos da aliança, vemos que é possível um homem roubar a Deus, pois um de seus preceitos é que aqueles que estavam sob a aliança deveriam honrar a Deus com os seus bens (no caso, com um porcentual de dez por cento de tudo aquilo que recebesse). Segundo os termos da aliança, se sua propriedade prosperasse, seu rebanho se multiplicasse, ou se sua produção de cereais aumentasse, a pessoa havia de separar dez por cento de tudo, porque pertencia a Deus. E a isso somavam-se ainda outras ofertas especiais, ofertas voluntárias, ofertas de gratidão.

Aqui Deus menciona os dízimos e as ofertas apenas como um exemplo, para mostrar ao povo em que este havia quebrado a aliança. Mas por que esse exemplo e não outro? Porque ele tem tudo a ver com o culto a Deus, pois esses dízimos e essas ofertas deveriam ser levados ao culto. Malaquias se utiliza desse exemplo porque, como já vimos, está preocupado com o culto.

E aí vem mais uma vez a pergunta cínica do povo: “Como estamos te roubando?” (3.8). A resposta: “Nos dízimos e nas ofertas”.

Em seguida, Deus passa a mostrar a causa da carestia entre o povo, mostrar por que suas colheitas não estavam produzindo, por que havia praga de gafanhotos e não chovia, por que o povo era vassalo de uma nação estrangeira. Ele, enfim, mostra o verdadeiro motivo de tudo isso, como lemos em 3.9: “Estais debaixo de grande maldição, pois me roubais; a nação toda me rouba”.

No hebraico, o termo maldição vem acompanhado do artigo, de modo que ficaria assim: “Com [a] maldição sois amaldiçoados” (ARA). Trata-se, portanto, de uma maldição específica. No caso, daquela maldição mencionada em Deuteronômio 28. O povo era amaldiçoado com “a” maldição. Ou seja, Deus estava trazendo sobre a nação a maldição da aliança, a espada da aliança. Por quê? Porque o povo estava quebrando a aliança, desviando-se dos caminhos de Deus; o fato de não entregar o dízimo era um exemplo concreto disso, embora certamente não fosse o único.

Mas a questão era que Deus estava amaldiçoando a nação inteira, a “nação toda”. O não cumprimento dos termos da aliança, o fato de não trazer para o culto aquilo

que Deus havia determinado na Lei (dez por cento de tudo que a pessoa possuía e ainda as ofertas alçadas) tornara-se uma prática generalizada.

Essa prática configurava roubo, pois isso, segundo a aliança, pertencia a Deus por direito. Quando o povo retinha consigo o dízimo estava roubando a Deus. O verbo traduzido por “roubar” no hebraico significa se apossar com violência daquilo que pertence a outrem. Existe mais um verbo no hebraico que pode ser traduzido por roubar, mas o que é usado aqui em particular indica uma ação dolosa, ação de alguém que tira algo do seu próximo com violência. Assim, Deus estava sendo roubado nesse sentido, uma vez que os dízimos e as ofertas eram dele, e não do povo. O povo estava se queixando de dar a Deus o que já era de Deus, e não deles. Por isso o ato era chamado de roubo e quebra da aliança, motivo pelo qual a maldição estava sobre o povo.

Mas por que será que a ira de Deus não destruía essa nação de ladrões? Já vimos em 3.6 por que isso não acontecia: “Pois eu, o SENHOR, não mudo; por isso, vós, ó filhos de Jacó, não sois destruídos”. Mesmo quando quebramos a aliança que ele fez conosco, Deus não diz algo assim: “Eu não quero mais saber desse povo, vou destruí-lo, acabar com tudo”. Não, Deus não age dessa maneira, embora pudesse assim proceder. Ele é fiel à sua palavra, imutável em seus propósitos, e não um deus caprichoso que muda de ideia por qualquer coisa. Ele permanece constante em seu propósito de assegurar para si um povo. Assim, como parte da aliança, temos acesso à graça e à misericórdia de Deus. O simples fato de ele fazer uma

aliança conosco, miseráveis pecadores, já é um sinal de sua misericórdia.

A resposta de Deus

Então Deus lança ao povo um desafio: “Trazei todos os dízimos ao tesouro do templo, para que haja mantimento na minha casa, e provai-me nisto, diz o SENHOR dos Exércitos, e vede se não abrirei as janelas do céu e não derramarei sobre vós tantas bênçãos, que não conseguireis guardá-las” (3.10).

“Façam um teste”, diz o Senhor a eles. Essa é uma das poucas vezes em que Deus chama os homens a prová-lo. Em geral, a Bíblia ensina que é Deus quem prova o homem, mas aqui é uma das raras vezes em que vemos essa inversão, pois Deus está dizendo: “Provem-me, submetam-me a um teste. Provem minha palavra, e vejam se ela funciona ou não”.

O teste consistia no seguinte: “Obedeçam à minha aliança, sejam obedientes à minha palavra, tragam-me todos os dízimos”. A melhor tradução do hebraico é “o dízimo todo”. Algumas vezes as pessoas interpretam isso como toda sorte de dízimos, mas no hebraico consta o “dízimo todo”, pois parece que o povo, para não dizer que não estava trazendo o dízimo, trazia apenas parte dele.

Nós sabemos que é perfeitamente possível acontecer isso. No Novo Testamento, vemos o exemplo de Ananias e Safira. Eles não eram obrigados a trazer aos apóstolos o valor da propriedade que tinham vendido, mas o que fizeram? Venderam a propriedade, ficaram

com a metade do valor e trouxeram apenas a outra metade, dizendo que essa metade era o valor total. Ora, o pecado deles não foi o fato de terem dado apenas a metade; o pecado foi mentir (At 5.1-11). Isso mostra que às vezes as pessoas acham que podem enganar a Deus, trazendo-lhe a parte como se fosse o todo. Isso parecia ser verdade na época de Malaquias, por isso Deus diz: “Tragam-me o dízimo todo”, demonstrando ao povo que sabia que eles o estavam fraudando, trazendo apenas parte do dízimo e ainda julgando que estavam cumprindo a exigência de Deus.

Ora, o teste proposto por Deus era este: “Obedeçam fielmente à aliança. Tragam o dízimo todo (não apenas parte dele) à casa do tesouro”. A casa do tesouro era um depósito onde os cereais, o gado e tudo o mais eram armazenados antes de serem distribuídos entre os sacerdotes. Malaquias 3.10 diz que eles deveriam fazer isso para que houvesse mantimento na casa de Deus.

Os dízimos eram usados para o sustento dos levitas, o restante ia para os órfãos e as viúvas, e uma parte era queimada em sacrifício. Enfim, considerando que o povo estava sonogando os dízimos e as ofertas, em desobediência a Deus, acabava criando um problema social, porque muitos órfãos e viúvas viviam do serviço do templo, mediante os dízimos que eram trazidos. O teste, então, era para que o povo obedecesse aos termos da aliança, no caso, trazendo com fidelidade os dízimos, para que houvesse sustento na casa do Senhor, e vissem se Deus não iria abençoá-los.

Mas como Deus iria abençoá-los? A bênção que Deus promete é tríplice.

Primeiro, ele diz que abrirá as janelas do céu. Abrir as “janelas do céu” é uma expressão do Antigo Testamento que significa enviar chuva (Gn 7.11). É evidente que se trata de uma linguagem figurada. A linguagem bíblica figurada deve ser entendida a partir da perspectiva do observador. Ela não descreve um processo científico; contudo, para quem observa o fenômeno descrito, é como se Deus de fato estivesse abrindo as comportas ou janelas do céu. Então, essa é a impressão do observador e a bênção prometida é a chuva sobre as colheitas.

Segundo, ele diz que “Por vossa causa [ou seja, se vocês me obedecerem e se voltarem para mim] também repreenderei a praga devoradora, e ela não destruirá os frutos da vossa terra” (3.11). A praga devoradora ou o devorador, como aparece em algumas versões, é um tipo de gafanhoto. Há vários tipos de gafanhotos mencionados no Antigo Testamento. Quem melhor os descreve é o profeta Joel. Se fizermos uma análise do livro de Joel, encontraremos pelo menos três espécies de gafanhotos mencionados (cf. Jl 1.4; 2.25). “Devorador” era uma espécie que vinha em bando e cobria o céu, como se o tempo estivesse fechado; era, na verdade, uma nuvem de gafanhotos. Eles pousavam sobre a colheita e, em cerca de meia hora, acabavam com tudo. Quando levantavam voo, não deixavam absolutamente nada para trás. Eram gafanhotos enormes, muito temidos no Oriente Médio, por serem capazes de arrasar a colheita de uma vila inteira em questão de minutos. Deus promete que repreenderia os gafanhotos, ou seja, que com seu poder e sua providência impediria que essas pragas chegassem à colheita.

Terceiro, Deus também promete em 3.11 que “nem as vossas videiras no campo perderão o seu fruto”. A plantação de uvas era outra fonte de renda do povo. Das uvas, o povo fazia vinho, passas e se utilizava delas como alimento. Eram essenciais na alimentação. Contudo, com a falta de chuva, a vinha não produzia frutos, ficava estéril. Assim, Deus promete abençoar a colheita também.

E, por fim, em função de todas essas bênçãos, a prosperidade viria e todas as nações chamariam os israelitas de “bem-aventurados; pois a vossa terra será aprazível, diz o SENHOR dos Exércitos” (3.12). Haveria abundância, fartura de sobra, tudo que era necessário para o suprimento deles, e ainda abençoariam outros. “Façam esse teste comigo e verão que o que lhes digo é verdade”, assim Deus desafia o povo a obedecer-lhe.

Conclusão e aplicações

Mais uma vez surge a pergunta: O que isso tudo nos ensina a respeito do culto? Quero fazer alguns destaques aqui.

Em primeiro lugar, aprendemos que devemos entender o culto como expressão de nossa obediência, na condição de povo de Deus, à aliança que ele firmou conosco. Pelo fato de estarmos estudando um texto do Antigo Testamento, alusivo ao culto, não devemos pensar que ele não tenha nenhuma relação conosco hoje. O culto público que prestamos continua a fazer parte da aliança que Deus fez conosco, aliança essa que foi ratificada no sangue precioso de Jesus Cristo. Então, ao considerar o culto, devemos pensar nele em termos dessa aliança. É no culto,

inclusive, que celebramos o selo da aliança (o sangue de Jesus derramado por nós) e o batismo (o selo externo dessa aliança que nos identifica como povo da aliança).

Sendo assim, vejamos como tudo no culto pode ser pensado em termos da aliança: o batismo; a ceia; a pregação da Palavra, por meio da qual aprendemos os termos da aliança; e a Palavra em si, que nos chama a obedecer à aliança que Deus fez conosco. Portanto, é no culto que celebramos o amor de Deus, por meio do louvor, dos cânticos, em gratidão por sua misericórdia demonstrada na aliança. É no culto que suplicamos a Deus que cumpra suas promessas nos termos da aliança: “Senhor, não permitas que meus filhos se desviem, não permitas que eles saiam do meio do seu povo. Tu prometeste abençoar a mim e à minha descendência”. O culto, na verdade, só pode ser entendido à luz do pacto, da aliança que Deus tem conosco e nós com ele, em Cristo Jesus. Creio que essa é a principal lição que podemos extrair do texto que estudamos.

Em segundo lugar, aprendemos que a obediência traz bênção e a desobediência, maldição. Isso continua válido até o dia de hoje tanto para o culto quanto para nossa vida em geral. E nesse ponto, por desdobramento, chegamos à questão dos dízimos e das ofertas. Existem diferentes opiniões sobre o dízimo na nova aliança. Não acho que seja o caso de discutirmos se o dízimo é válido ou não nos dias de hoje. Afirmo que sim, mas como um referencial, não uma lei, pois na nova aliança Deus pede que ofertemos não dez por cento, mas tudo que é nosso para a glória dele. Se falamos em dez por cento é porque já temos um referencial consagrado, o do Antigo Testamento. Aliás, o referencial do

Novo Testamento é até mais rigoroso nesse aspecto. Mas a questão aqui é a obediência a Deus. Quer no Antigo Testamento quer no Novo Testamento, faz parte da aliança contribuirmos com o que temos para o serviço de Deus, a manutenção do seu reino, o sustento dos seus ministros, o atendimento aos órfãos, às viúvas e a outros necessitados entre o povo de Deus, bem como a outras causas sociais que o reino de Deus demanda. Portanto, ofertar faz parte da aliança, e Deus espera isso de nós.

Gostaria de examinar essa questão de maneira dissociada da ideia defendida pela pregação da teologia da prosperidade, pois essa teologia faz uma leitura fora do contexto. As pessoas fazem uma relação imediata entre uma coisa e outra. Elas perguntam: “Você quer ser próspero? Quer ser abençoado financeiramente? Dê o dízimo”. Mas não é isso que o texto em evidência ensina. A questão que o texto destaca é a desobediência a Deus. Veja como ele começa: “Desde os dias de vossos pais vos desviastes dos meus decretos e não os guardastes. Voltai para mim, e me voltarei para vós” (3.7).

Logo, a questão não é dizer algo como: “Está bem, vou dar o dízimo para ver se Deus cumpre a sua palavra e eu prospero”. Se seu coração não se converteu, você pode dar até três vezes o dízimo; caso não esteja obedecendo aos termos da aliança, andando em retidão diante de Deus, vivendo uma vida santa e reta na presença dele, não importa quanto você oferte, pois de nada adiantará. O que Deus abençoa não é o dízimo em si que você consagra a ele (ora, ele não abençoou a humilde oferta da viúva, embora ela não tenha deixado de ser pobre?). O que ele

abenção é a obediência, o coração reto, o desejo de agradar a Deus. Portanto, quero fazer essa dissociação, pois há muitos crentes fiéis que amam a Deus e são dizimistas, mas não são prósperos neste mundo. Vivem apenas com o suficiente para suprir suas necessidades e pode ser que passem a vida inteira nessa condição financeira. Na verdade, a maior parte da igreja no mundo inteiro é composta de pessoas pertencentes em sua maioria às classes mais baixas. Portanto, a igreja no mundo todo não é uma igreja rica. Logo, esse ensino dos televangelistas adeptos da teologia da prosperidade faz uma leitura errada de Malaquias e da Palavra de Deus como um todo. Eu devo dar o dízimo como expressão da minha obediência à aliança que tenho com Deus, e cabe ao Senhor, então, no tempo e na forma dele, abençoar-me. O que Deus quer de mim e de você é obediência; ele quer que nos sujeitemos aos termos da aliança e o sirvamos de todo o coração.

Assim, o culto é uma expressão da aliança que Deus fez conosco e que nós fizemos com ele, em Cristo Jesus, pela fé. E o culto manifesta essa aliança, bem como minha atitude em relação a ela: se temo a Deus, desejo obedecer-lhe, sou grato a ele, aprecio sua graça em Cristo Jesus e entendo o sacramento como o selo da aliança. Deus não busca adoradores que o adorem apenas com os lábios, cujo coração esteja longe dele, mas sim aqueles que o adorem no Espírito e em verdade.

CULTUAR A DEUS EXIGE TEMOR AO SEU NOME

Malaquias 3.13—4.1-6

As vossas palavras foram hostis contra mim, diz o SENHOR. Mas perguntais: O que falamos contra ti?

Falastes que é inútil servir a Deus. Que vantagem tivemos por ter cuidado em guardar os seus preceitos e por termos lamentado diante do SENHOR dos Exércitos?

Pois agora consideramos felizes os orgulhosos; os que cometem maldades prosperam; eles desafiam a Deus e escapam ilesos.

Então aqueles que temiam o SENHOR falaram uns com os outros; e o SENHOR os ouviu com atenção, e diante dele se escreveu um memorial, para os que temiam o SENHOR, para os que honravam o seu nome.

E naquele dia que prepararei, eles serão meus, diz o SENHOR dos Exércitos, minha propriedade exclusiva; terei

compaixão deles, como um homem tem compaixão de seu filho, que o serve.

Então vereis outra vez a diferença entre o justo e o mau; entre o que serve a Deus e o que não o serve.

Diz o SENHOR dos Exércitos: Aquele dia virá, abrasador como fornalha; todos os presunçosos e todos os que cometem maldade serão como palha; e o dia que virá os queimarás, não sobrarás raiz nem ramo.

Mas para vós, os que temeis o meu nome, nascerá o sol da justiça, trazendo cura nas suas asas; e vós saireis e saltareis como bezeros soltos no curral.

Pisareis os maus, porque serão como pó debaixo da planta de vossos pés naquele dia que prepararei, diz o SENHOR dos Exércitos.

Lembrai-vos da lei de Moisés, meu servo, dos estatutos e das normas que lhe mandei em Horebe para todo o Israel.

Eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e temível dia do SENHOR; e ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos aos pais; para que eu não venha e fira a terra com maldição.

Deus fará justiça no grande e temível dia do SENHOR

Introdução

Essas são as últimas palavras de Deus no Antigo Testamento. A próxima revelação de Deus será por intermédio de João Batista, cerca de quatrocentos anos depois que essas palavras foram registradas.

Aqui temos o último diálogo de Deus com o povo por meio do profeta Malaquias. É similar ao que vimos de 2.17 em diante, um diálogo em que os judeus da época de Malaquias questionavam o proveito do culto a Deus. Mais uma vez o povo volta ao assunto do problema do mal, a teodiceia. De que adianta servir a Deus, se observamos que a mesma coisa que acontece ao perverso e ao ímpio acontece também ao justo, não parecendo haver diferença neste mundo entre a pessoa que é boa, que serve a Deus e o teme, e a que não serve a ele? Aliás, ao observar o dia a dia, parece que os que cometem perversidade e praticam o mal escapam de qualquer castigo, prosperam e enriquecem, enquanto os que temem a Deus se veem em muitos apertos.

Era esta a conclusão dos israelitas. E aí levantam outra vez a questão: “Qual é a vantagem de cultuar a Deus, servi-lo e andar nos seus caminhos?”.

Temos, em seguida, a resposta definitiva de Deus. Na primeira vez que essa pergunta foi feita, Deus disse que ele mesmo viria habitar no meio do povo e o purificaria, assim como aos sacerdotes, para que eles prestassem um culto que lhe fosse agradável, e que se colocaria contra aqueles do seu povo que praticavam o mal (Ml 2.17—3.5).

Só que dessa vez Deus responde que vale a pena servi-lo e informa, por intermédio do profeta Malaquias, sobre o dia que ele preparou, no qual vai resolver esse problema de uma vez por todas, mostrando que ele faz, sim, a diferença entre o justo e o mau; entre o que serve a Deus e o que não o serve.

Portanto, o texto que estudaremos gira em torno desse tema, e segue a mesma estrutura que já conhecemos: uma declaração de Deus, o questionamento cínico do povo e, em seguida, a resposta de Deus esclarecendo o assunto.

A declaração de Deus

Deus diz ao povo: “As vossas palavras foram hostis contra mim” (3.13).

Ele sentia-se ferido com as palavras hostis do seu povo. Eram palavras duras contra ele. Deus estava aborrecido, magoado por causa daquilo que o povo dizia e que entristecia seu coração de Pai e Senhor.

O questionamento do povo

O povo então retruca: “O que falamos contra ti?” (3.13). O que nos impressiona nesse livro todo é o cinismo do povo de Deus e a falta de arrependimento, de quebrantamento, de disposição para assumir seus pecados, pois a cada vez que Deus diz: “Vocês estão fazendo tal coisa”, o povo replica: “Nós? Em quê? Como? Em que temos ofendido o Senhor, o que falamos contra o Senhor, em que estamos roubando o Senhor? Por que o Senhor não aceita o nosso culto?”, e assim por diante.

Não é pecado perguntar a Deus por que as coisas estão acontecendo de determinada forma. O problema é a atitude com que faziam isso. Na verdade, os israelitas não queriam uma resposta franca. Com esse tipo de questionamento cínico, tentavam esconder o verdadeiro estado do seu coração.

Ao longo dos anos, tenho descoberto em minha experiência de pastor e professor que as dificuldades que as pessoas levantam contra o cristianismo em geral não são de teor intelectual. No fundo existe um problema moral, um problema espiritual, que as pessoas ocultam sob a forma de um questionamento intelectual a respeito do cristianismo, de Deus, da sua existência, da sua justiça, da questão da teodiceia e de outros aspectos. Isso se tornou um padrão. Não é que as pessoas tenham de fato um problema intelectual e que queiram uma resposta ou estejam prontas para ouvi-la. Em geral, o que existe é um problema moral mesmo. Eu sei que há exceções, mas são poucas. As pessoas não querem saber de Deus, do evangelho e, para se justificar, levantam obstáculos e questionamentos de ordem intelectual para obscurecer, como uma cortina de fumaça, suas verdadeiras razões para não se submeterem a Deus. Admito que nem sempre é este o caso, mas em minha experiência quase sempre é assim mesmo.

Esse é caso do povo de Israel. O profeta chegava, mostrava o erro, e o povo reagia com perguntas, com questionamentos, ou levantando polêmica acerca da justiça de Deus e da forma com que ele tratava as pessoas. Tudo isso é um reflexo, portanto, daquela atitude de endurecimento e cinismo que o povo de Israel havia adotado em relação a Deus.

Deus havia dito a eles: Tragam todos os dízimos à casa do tesouro, façam prova de mim, convertam-se a mim, guardem os termos da aliança, e verão que eu vou abençoá-los (Mt 3.10-12). Mas qual foi a resposta do povo? “Ah, não

precisamos disso, nem precisamos testar o Senhor, pois na prática já estamos vendo que quem serve a Deus vive em opressão, passa por dificuldades. Mas os ímpios prosperam. Já estamos convencidos de que não adianta servir a Deus”.

Essa era a atitude do povo contemporâneo de Malaquias e tem sido a de muita gente hoje, diante das demandas do evangelho, da convocação e dos desafios que a Bíblia faz para que sirvamos a Deus de todo o coração. A reação sempre é questionar, e às vezes essas dúvidas não são honestas, pois, mesmo quando esclarecidas, as pessoas continuam do mesmo jeito, sem passar por mudança.

Não é pecado apresentar a Deus dúvidas sinceras, desde que queiramos saber realmente a resposta. Uma vez os fariseus chegaram a Jesus e perguntaram: “Com que autoridade fazes essas coisas? Quem te deu essa autoridade?”. Essa não era uma pergunta honesta. Os fariseus não queriam uma resposta, desejavam apenas provocar Jesus.

Então Jesus respondeu-lhes com outra pergunta: “De onde era o batismo de João? Do céu ou dos homens?” (cf. Mt 21.23-25). Com essa pergunta-resposta, Jesus estava querendo dizer o seguinte: “Se vocês tivessem reconhecido que o batismo de João era do céu, e que ele agia com a autoridade de Deus, com certeza teriam aceitado a minha autoridade, porque João falou a meu respeito, ele foi meu precursor. Por isso eu não vou responder à pergunta que fizeram, porque não é sincera, e vocês não querem submeter-se à minha autoridade”.

O que nos impressiona aqui é que, apesar do cinismo do povo, Deus ainda responde, ainda envia o profeta

Malaquias para trazer uma palavra àquele povo, que no fim não foi obedecida de maneira alguma. Ainda assim, de qualquer forma a misericórdia de Deus e a sua compaixão sempre nos encantam.

A resposta de Deus

Mas voltemos ao texto e leiamos o próximo versículo: “Falastes que é inútil servir a Deus. Que vantagem tivemos por ter cuidado em guardar os seus preceitos e por termos lamentado diante do SENHOR dos Exércitos?” (3.14). Essas eram as palavras hostis que o povo estava proferindo contra Deus, acusando-o de ser injusto e ingrato, dizendo que não adiantava servi-lo, não valia a pena prestar-lhe culto, nem guardar sua Lei, pois continuavam pobres e cercados por problemas. Se as coisas eram assim, de que adiantava prestar culto a Deus, servi-lo?

Eles alegavam que o que estavam vendo é que os ímpios prosperavam, que os soberbos provocavam Deus com os seus pecados, mas não caía sequer um raio do céu contra eles. A impressão que tinham era que os ímpios faziam tudo isso, enriqueciam cada vez mais, e não acontecia nada... Os céus estavam calados! Diziam: “Vejam as nações pagãs ao nosso redor: elas prosperam e dominam sobre nós. Então, onde está a vantagem de servir a Deus?”.

Por que essas palavras eram duras? Eram duras porque questionavam, em primeiro lugar, a justiça de Deus. Se Deus era de fato justo, se ele de fato recompensava o piedoso e castigava o perverso, por que na experiência

deles não se via isso? Eles estavam questionando o amor de Deus para com o seu povo e a fidelidade de Deus à sua aliança, às suas promessas; tratava-se de uma total ingratidão e cegueira por parte do povo.

Por outro lado, note o cinismo dos israelitas: eles queriam prosperar, mesmo trazendo a Deus animais defeituosos, roubando a Deus nos dízimos, abandonando a legítima esposa, casando-se com mulher estrangeira, e ainda queriam ser abençoados, indagando a Deus: “Por que o Senhor não nos abençoa?”.

Lemos em 3.14 que eles vestiam luto diante de Deus, chorando, jejuando, cobrindo o altar com lágrimas e clamando: “Ó Deus, abençoa-nos!”. Mas isso não surtia efeito algum, pois uma atitude de cinismo absoluto, totalmente contrária a Deus e à aliança, era o que os caracterizava. Eles estavam praticando todo tipo de coisas contrárias a Deus, indignas dele, trazendo ofertas que Deus não tinha determinado. Sua vida moral era inteiramente reprovável, roubavam a Deus nos dízimos e nas ofertas e ainda diziam: “É inútil servir a Deus”.

A atitude do povo retrata o cúmulo do descaramento. Estavam prestando esse tipo de culto ao Senhor e ainda ousavam reclamar da justiça de Deus e de sua fidelidade. Vemos hoje entre os evangélicos o mesmo perigo e a mesma armadilha em que o povo de Israel caiu, nos quais muita gente ainda cai hoje, ao medir as bênçãos e o favor divinos pelos bens materiais. Desde o começo, o profeta vem dizendo: “Deus os ama”. Só que a medida do amor de Deus se percebe em outras coisas: na sua aliança e na escolha soberana de Deus pelo seu povo.

O povo, porém, insistia em medir o amor de Deus pelas bênçãos materiais.

Esse é o erro de algumas igrejas evangélicas brasileiras que, por meio da teologia da prosperidade, ensinam que o maior sinal do favor de Deus, de que uma pessoa foi de fato aceita por ele, é quando ela prospera financeiramente. Daí vem toda uma série de práticas que se tornaram padrão nas igrejas neopentecostais, que estão comprometidas com a teologia da prosperidade e dispostas a medir o amor e o favor de Deus pela prosperidade.

A resposta de Deus, depois de dizer quais eram as palavras hostis que o povo estava proferindo, foi revelar que ele preparou um dia em que julgaria o mundo. Mas não agora, ainda não. Por enquanto, seu povo terá de viver pela fé. Vamos ter de conviver, por enquanto, com a prosperidade dos ímpios, a presença do mal, a aparente falta de castigo para o mal. Teremos de cultuar a Deus pela fé, sem esperar dele qualquer recompensa, a não ser o privilégio de estar em sua presença, enquanto Deus não vier com o juízo, naquele dia que ele preparou, em que ele mostrará a diferença entre aquele que o teme e o que não o teme, entre o que serve a Deus e o que não o serve. Contudo, enquanto esse dia não chega, seu povo terá de andar pela fé.

E é isso que fazemos hoje. Nós servimos e cultuamos a Deus pela fé, mesmo que o nosso culto e serviço a Deus e a aceitação disso por parte dele pareçam não ter reflexo em nosso dia a dia, não fazer diferença entre nós e os pagãos, que adoram outros deuses e inventam outras religiões. Mas nós o adoramos em esperança, vivemos em

expectativa, olhando para aquele dia que Deus preparou, o dia em que o mundo verá que há uma diferença entre quem serve a Deus e quem não o serve.

Naquele dia Deus poupará os que são dele:

Então aqueles que temiam o SENHOR falaram uns com os outros; e o SENHOR os ouviu com atenção, e diante dele se escreveu um memorial, para os que temiam o SENHOR, para os que honravam o seu nome. Naquele dia que preparei, eles serão meus, diz o SENHOR dos Exércitos, minha propriedade exclusiva; terei compaixão deles, como um homem tem compaixão de seu filho, que o serve (3.16,17).

Deus fala que poupará naquele dia os que são dele. Malaquias 3.16 fala de uma reunião de crentes. Havia um remanescente fiel no meio do povo, um grupo que temia a Palavra de Deus, o qual, quando ouviu o povo se queixando de Deus, pronunciando palavras duras contra o Senhor, reuniu-se e “falaram uns com os outros”. Não se diz o que eles falavam, mas apenas as palavras duras que aqueles malévolos proferiam. No entanto, os que temiam a Deus se juntaram e talvez disseram: “Vamos orar porque a situação é dramática. O povo está falando contra Deus”. O fato é que eles se juntaram e começaram a falar uns aos outros, talvez confortando-se mutuamente, consolando uns aos outros, suplicando a Deus. O versículo diz que Deus estava observando com atenção; o Senhor os ouviu. É como se Deus estivesse ali presente, ouvindo aqueles servos temerosos do que viria a acontecer. O texto diz que Deus estava lá com o seu “memorial”, literalmente, no hebraico, “rolo de lembrança”, onde estava escrevendo

para lembrança futura o nome daquelas pessoas e aquilo que elas estavam falando; um memorial escrito diante dele para os que temem o Senhor e os que se lembram do seu nome.

Para que Deus estava anotando tudo aquilo? Para que no dia que ele já preparou, no qual vai punir o perverso e castigar todo o mal, ele tenha a relação dos que são dele. A Bíblia chama esse memorial de livro da vida (cf. Fp 4.3; Ap 3.5; 17.8; 20.12,15; 21.27). Deus tem o registro dos nomes de todos aqueles que lhe pertencem, dos seus eleitos, daquilo que falam e das suas obras. Ele guarda esse registro de maneira muito especial e carinhosa, de modo que se refere ao seu povo como “minha propriedade exclusiva” (3.17) ou “particular tesouro”, como aparece em algumas versões (ARA; ARC). Um tesouro é alguma coisa preciosa, que Deus guarda com muito cuidado e poupará nesse grande dia do juízo.

O texto continua: “Terei compaixão deles, como um homem tem compaixão de seu filho, que o serve” (3.17). Naquele tempo os filhos serviam ao pai. Veja, por exemplo, a parábola do filho pródigo. Havia dois filhos, um que servia ao pai, que era o mais velho, e outro, que era um malandro, perdulário, que desperdiçou a fortuna de seu pai (cf. Lc 15.11-32). Na cultura do Oriente Médio, os filhos que serviam ao pai e tinham mais privilégios eram poupados de determinadas coisas; da mesma forma Deus poupará seu povo que o serve.

E o que acontecerá com os ímpios? “Então vereis outra vez a diferença entre o justo e o mau; entre o que serve a Deus e o que não o serve” (3.18). Naquele dia, Deus

poupará o seu povo, não permitirá que os que o temem — aqueles cujos nomes ele registrou no livro da vida e que o servem — partilhem daquele castigo. Mas que castigo será esse? “Diz o SENHOR dos Exércitos: Aquele dia virá, abrasador como fornalha; todos os presunçosos e todos os que cometem maldade serão como palha; e o dia que virá os queimará, não sobrarão raiz nem ramo” (4.1). Várias vezes na Bíblia o dia do juízo, o julgamento e o castigo dos ímpios, é comparado a um fogo, uma fornalha. O inferno é comparado na Bíblia a um fogo que não se apaga, a um lago que arde com fogo e enxofre, e há no texto bíblico várias outras maneiras de descrever o destino dos perversos, todas elas relacionadas com o fogo. Por que o fogo? O fogo traz a ideia de destruição. Ele consome, inflige dor, queima, e nós tememos o fogo pelo mal que pode causar. O profeta usa a figura da “fornalha” como símbolo do juízo de Deus naquele grande dia, o dia da ira de Deus e do castigo eterno para os ímpios.

Em Malaquias 3.15, o povo havia dito que considerava felizes os soberbos, porque eles praticam o mal e saem ilesos. A resposta de Deus em 4.1 é que todos os soberbos e todos os que cometem iniquidades serão queimados como restolhos. Portanto, a respeito daqueles que o povo valorizava, os perversos, que cresciam e prosperavam, Deus diz: “No dia que eu preparei, serão consumidos na fornalha, assim como o fogo queima a palha, incendeia toda a plantação, e não sobra absolutamente nada”.

Os perversos que hoje prosperam — os ímpios, os corruptos, os que desobedecem a Deus e cometem iniquidade e opressão, os imorais —, embora sejam famosos, ricos

e prósperos, Deus os está reservando para aquele dia. Naquele dia eles servirão de combustível para um fogo que vai arder e consumi-los eternamente. Então todos verão a diferença entre aqueles que temem a Deus e os que não o temem.

No entanto, o que acontecerá com os que pertencem a Deus? Confira Malaquias 4.2. Aqui são descritas três coisas que Deus fará com os que são dele naquele dia.

Em primeiro lugar, ele irá poupá-los. Já falamos sobre isso. Em segundo lugar, eles receberão a justiça que tanto almejam e a salvação como o sol que nasce. Deus diz que nascerá para eles o sol da justiça, trazendo salvação em suas asas, uma figura belíssima. Quando o sol nasce no horizonte, sua luz dissipa as trevas, e belos tons começam a colorir a linha do horizonte. Essa é a figura que Deus usa aqui para dizer aos que agora vivem tempos de penúria que finalmente o sol da justiça brilhará, trazendo em suas asas a salvação que aguardam, como a luz que vem com o raiar do dia. Em terceiro lugar, o texto fala também que haverá entre o povo de Deus grande alegria e exultação, imagem retratada na figura de bezerros soltos no curral. As pessoas que vivem no campo dizem que um bezerro, quando é solto, fica todo alegre, e sai pulando de um lado para o outro, eufórico. Essa é a figura que Malaquias usa aqui para falar da exultação e da felicidade do povo de Deus naquele dia.

Veja também o que diz Malaquias 4.3: “Pisareis os maus, porque serão como pó debaixo da planta de vossos pés naquele dia que prepararei, diz o SENHOR dos Exércitos” (4.3). Isso pode parecer vingança, mas o fato é que o povo

de Deus gostaria de pisar, sim, certos ímpios: pessoas que se levantaram contra Deus, mataram crentes, perseguiram a igreja, desonraram o nome de Deus. Mas devemos aguardar aquele dia, quando participaremos do juízo de Deus contra os perversos — isso está escrito inclusive no Novo Testamento (cf. 1Co 6.2). Até o diabo vai ser julgado por Deus nesse dia, e os cristãos vão participar desse julgamento.

De que maneira, então, devemos nos preparar para o dia do Senhor?

Os versículos finais de Malaquias nos falam disso.

Em primeiro lugar, devemos lembrar-nos da Lei de Moisés, conforme descrito em Malaquias 4.4: “Lembraivos da lei de Moisés, meu servo, dos estatutos e das normas que lhe mandei em Horebe para todo o Israel”. Em outras palavras, Deus diz: “Lembrem-se da aliança, do compromisso que vocês assumiram comigo, selado no sangue precioso, no sangue de Jesus, prefigurado na Lei de Moisés por meio dos sacrifícios”. É assim que devemos nos preparar para o dia da vinda do Senhor, quando aquele culto eterno terá início: lembrando e guardando a aliança pela graça de Deus.

Em segundo lugar, devemos lembrar-nos de que temos uma promessa (Ml 4.5,6). Temos a promessa de que Deus enviaria o profeta Elias antes do dia do Senhor. Elias foi o profeta mais poderoso do Antigo Testamento. Ele é considerado o representante dos profetas, pois lutou contra o culto a Baal durante o período dos reis e restaurou o culto a Deus. Ele é o símbolo da purificação do culto, o símbolo do zelo pela verdadeira fé, e subiu ao céu milagrosamente

num redemoinho (2Rs 2.11), não provando a morte. Deus o chamou para si.

Malaquias diz que Deus enviará Elias antes que chegue o grande e temível dia do Senhor. Esse dia do Senhor na verdade já começou, com a vinda de Cristo. Nós já estamos vivendo o dia do Senhor, em que ele está primeiro chamando um povo para si e reservando os ímpios para o dia do juízo. Esse dia do Senhor terminará com o último dia, chamado de dia do juízo final, no qual Deus finalmente vai fazer a diferença entre aqueles que o adoram e o servem e aqueles que são ímpios.

João Batista é o Elias que veio. Jesus disse isso quando os discípulos perguntaram se ele era Elias: “Elias já veio, e eles não o reconheceram; mas fizeram-lhe tudo o que quiseram” (Mt 17.12). Ele se referia a João Batista, que foi o precursor do Redentor. Ele veio pregando a mensagem de conversão dos pais aos filhos e dos filhos aos pais, ou seja, da união do povo de Deus, do arrependimento e do perdão de pecados. A igreja, portanto, deve ser como uma família unida em que pais e filhos se amam, compreendem-se e participam da mesma fé.

Elias veio para preparar a vinda do dia do Senhor, e fez isso. O Senhor já veio no seu dia. Ele pisou aqui em nosso chão, respirou o nosso ar, bebeu da nossa água, comeu da nossa comida, morreu a nossa morte, ressuscitou e agora aguarda o grande dia em que virá para julgar os vivos e mortos.

Portanto, tendo em mente tudo isso que aprendemos no livro de Malaquias, espero que o culto possa ter um novo sentido em nossa vida, um novo significado. Não

vejamos o culto como uma obrigação pesada, mas sim como um privilégio de chegar à presença de Deus, de celebrar a aliança que temos com ele, aguardando o dia quando finalmente ficará clara a diferença entre quem serve a Deus e quem não o serve.

Conclusão e aplicações

Temos aqui, portanto, a resposta de Deus para o questionamento: “Vale a pena servir a Deus?”. A resposta é uma só: “Vale, só que a recompensa não virá agora”. Aqui neste mundo estamos sujeitos a toda sorte de lutas, problemas e dificuldades, como as demais pessoas. Neste mundo, estamos sujeitos a ver os ímpios prosperarem e os que praticam o mal não serem punidos, porque Deus reservou um dia em que haverá o ajuste de contas. Um dia que vem como fornalha, como fogo ardente, símbolo da sua ira e do seu castigo, em que Deus destruirá os ímpios e os perversos e lhes aplicará o castigo que merecem. Nesse dia, ele mostrará que nos ama, porque nos poupará. Não seremos incluídos nesse juízo, mas separados por Deus como um tesouro especial, pois ele tem um memorial diante dele no qual estão registrados os nomes dos que lhe pertencem, os eleitos por quem Cristo morreu, os que ele purificou com seu sangue, conforme vimos, como o ourives purifica com o fogo a prata e o ouro, como o lavandeiro tira com a potassa as manchas da roupa suja. Se fomos limpos pelo sangue de Jesus, se fazemos parte do povo de Deus, se somos o seu tesouro especial, a nossa recompensa virá naquele dia. Lembre-se de que,

desde o início, Malaquias diz: “Não meçam o amor de Deus pelo que lhes cabe aqui neste mundo, no qual vocês são peregrinos; antes, meçam o amor de Deus pelo fato de que ele os amou, os destinou e escolheu. No dia do juízo, portanto, ele irá poupá-los e lhes dar o reino. Sua salvação virá como o sol que nasce. Vocês se alegrarão como o bezerro que salta de felicidade. E exultarão como aqueles que esmagam os inimigos debaixo de seus pés”.

Portanto, nossa felicidade é futura, por isso temos sempre de nos ver como peregrinos neste mundo, peregrinos que olham para a cidade celestial, para esse grande dia, que para o ímpio será o dia da fornalha, mas para nós, o dia em que brilhará o sol da justiça. Assim, essa é a resposta dada no livro de Malaquias ao problema do mal.

Vale a pena cultuar a Deus em tempos difíceis, de opressão e de dificuldades? A resposta é um sonoro sim! Sempre vale a pena cultuar a Deus e servi-lo de todo o coração, porque seu amor por nós é medido pelo livramento que nos dará, pois nos separou para viver com ele por toda a eternidade.

RESUMINDO OS PRINCÍPIOS DO CULTO A DEUS

Durante nosso estudo do livro de Malaquias vimos que o profeta aborda vários temas diferentes. Ele fala a respeito da eleição e da predestinação, da necessidade da consagração total do seu povo a Deus, do ministério dos líderes e sacerdotes, do casamento misto, divórcio, da vinda de Cristo no dia do juízo, dos dízimos e ofertas, do problema do mal, da prosperidade dos perversos e da aliança de Deus com o seu povo, incluindo a aliança de Deus com os sacerdotes e com o casamento.

O livro é bastante variado, com temas muito importantes. É uma pena que Malaquias seja conhecido apenas como o profeta do dízimo, uma vez que a única passagem que fala acerca do dízimo constitui uma parte relativamente pequena de toda a profecia.

Muito embora Malaquias tenha falado de tantos temas diferentes, todos estão relacionados com a principal preocupação do profeta: o culto a Deus. Essa era sua inquietação maior, porque ele viveu numa época em que o culto a

Deus estava corrompido. Os sacerdotes tinham se corrompido: eram ineptos, descuidados, enfadados com o serviço prestado a Deus e não cumpriam corretamente sua função. O povo, por sua vez, não ficava atrás: questionava a justiça de Deus, sua bondade, seu amor, sua lealdade, trazia ofertas defeituosas para serem oferecidas em sacrifício, sonegava os dízimos e as ofertas, levava uma vida irregular no casamento, tanto que se casava com mulheres estrangeiras, assim contribuindo para corromper o povo de Deus, bem como se divorciava sem justa causa, quebrando a aliança com a mulher da sua mocidade, a esposa com a qual contraíra matrimônio.

Malaquias aparece nesse contexto do culto corrompido e traz uma mensagem da parte de Deus para uma renovação da aliança, arrependimento, conversão e restauração do culto a Deus. Portanto, trata-se de um livro em que podemos aprender vários princípios a respeito do culto que devemos tributar a Deus. Nesta conclusão enumerarei apenas alguns deles para que possamos fixá-los. Será uma espécie de sinopse do que vimos no decorrer do nosso estudo até aqui.

Quais são esses princípios, essas lições que aprendemos em Malaquias para o culto?

1. O culto é a celebração pública e visível da aliança que temos com Deus

Essa é uma das grandes ênfases de Malaquias. Ele fala do Deus da aliança por diversas vezes. Essa aliança foi feita com o seu povo. Por meio dela, Deus se compro-

meteu a abençoar o povo, ser o Deus deles, cuidar da sua descendência e lhes dar vida eterna; e, da parte do povo, havia o compromisso de servir a Deus e andar nos seus caminhos.

Os termos dessa aliança estão expressos nos Dez Mandamentos, em toda aquela legislação que Deus deu ao povo de Israel no Antigo Testamento. Porém, havia também a espada da aliança, que era o castigo de Deus para quem não a cumprisse. Esta era a dinâmica da aliança: “Se vocês guardarem a minha aliança e me obedecerem, serão abençoados; se me desobedecerem, serão castigados”. A aliança com o povo era selada pelos sacrifícios de animais no templo e pela circuncisão, que era seu selo externo.

Na época de Malaquias, essa aliança estava sendo quebrada pelos sacerdotes e pelo povo, quando profanavam o culto a Deus, trazendo a ele o que não deveriam, sonegando o que era de Deus, quebrando a aliança que tinham feito com a mulher da sua mocidade, da qual Deus era testemunha. Em consequência disso, Deus estava cumprindo o que havia prometido: estava deixando de abençoar o povo, não aceitava o seu culto, as colheitas eram minguadas, havia pragas e falta de chuva. É nesse contexto que Malaquias chama o povo a voltar ao contexto da aliança. “Voltem-se para mim, e eu voltarei para vocês, diz o Senhor; façam prova de mim e vejam se eu não vou abençoá-los”. Assim, o culto a Deus voltaria a ser aceitável.

O mesmo ocorre conosco. Essa mesma aliança está em vigor ainda hoje, só que agora ela é chamada de nova

aliança, a nova aliança em Cristo Jesus. É uma aliança superior, pois temos um mediador, Jesus Cristo, cujo sangue derramado é superior ao sangue dos animais. O culto que prestamos a Deus expressa exatamente isso.

Os sacramentos que celebramos no culto, o batismo e a ceia do Senhor, são selos dessa aliança. A Palavra que é pregada no culto nos ensina os termos da aliança, mostra qual é a parte que cabe a Deus, o seu amor e a sua fidelidade, e qual a parte que cabe a nós, que é viver em seus caminhos. Nossas orações são feitas com base nas grandes promessas do Deus da aliança. Os louvores que entoamos são os do Deus da aliança, o Deus gracioso. As ofertas que trazemos são expressões da nossa gratidão a esse Deus. Por isso, essa questão é extremamente sensível e precisa ser resgatada. O culto hoje é a celebração pública e visível da aliança que temos com Deus. Tudo que fazemos no culto tem a ver com essa aliança.

Quando temos essa visão aliancista do culto, as várias aberrações idolátricas ficam do lado de fora. O culto passa a ter mais sentido, pois entendemos por que estamos reunidos como povo para louvar a Deus.

2. Devemos cultuar a Deus, independentemente das circunstâncias

Um questionamento constante do povo na época de Malaquias é que não fazia diferença servir a Deus ou não. Eles perguntavam: “Onde está o Deus da justiça?”. Os ímpios cometiam pecados, prosperavam e escapavam impunes, e os que serviam a Deus passavam por dificul-

dades. Então qual era a vantagem de servir a Deus? É inútil servir a Deus, concluíaam eles.

Palavras hostis e duras foram proferidas contra o Senhor, e a resposta de Malaquias foi que Deus nos ama porque ele nos escolheu. Essa é a maior prova do seu amor para conosco. Deus punirá o ímpio e recompensará o piedoso, mas isso só acontecerá no dia que ele já preparou. Até lá, devemos cultuá-lo, independentemente das circunstâncias. Quer estejamos bem financeiramente quer não, quer estejamos bem de saúde quer não, quer nossa vida esteja descomplicada quer não. Devemos cultuá-lo pela fé e pelo que ele é. Ele é o grande Deus, e seu nome é grande e temível. Ele é o Deus que firmou uma aliança conosco, nosso Pai e Senhor.

Esse princípio vale para nós hoje, numa época em que as pessoas são incentivadas a cultuar a Deus em troca da prosperidade, de um apartamento novo, de um emprego, de um casamento, da restauração da saúde. É esse o ape-lo que se faz hoje para que as pessoas venham cultuar a Deus, servi-lo, agradá-lo com ofertas e sacrifícios, com dízimos e compromissos. Mas isso é completamente diferente da mensagem de Malaquias, pois ele nos fala de cultuar a Deus em tempo de desesperança, de dificuldades, mesmo quando as coisas não estão dando certo.

Se pertenço a Deus e faço parte do seu povo, o culto que presto a ele não depende das circunstâncias. É no culto que compareço diante de Deus e digo: “Tu tens um pacto comigo, com os meus filhos, com a minha família em Cristo Jesus, e eu venho a ti com essa confiança, para te pedir, te suplicar e alcançar o teu perdão e favor”. Cultuamos a

Deus nas épocas de dificuldades lembrando daquele grande dia em que Deus poupará os que são seus, mostrando-lhes que vale a pena servi-lo.

3. Devemos cultuar a Deus da forma que ele revelou

Não podemos alterar nem acrescentar nada ao culto a Deus. Ele revelou com clareza na sua Lei o culto que desejava. Encontramos isso com muita clareza no Antigo Testamento. Ele revelou que tipo de ofertas deveriam ser trazidas e de que maneira deveriam ser apresentadas, os animais que poderiam ser sacrificados e a maneira de fazê-lo. Ele falou a respeito de quem poderia oferecer o sacrifício — os sacerdotes e levitas —, determinou a tarefa de cada um deles e instituiu leis e normas para que seu culto expressasse a sua vontade em relação a como ele deveria ser adorado.

Na época de Malaquias, o povo e os sacerdotes estavam oferecendo a Deus um culto fora do padrão que ele havia determinado. Traziam animais defeituosos, traziam apenas uma parte do dízimo, ofertas do que sobrava, e cometiam várias outras irregularidades, a ponto de Deus dizer: “Era melhor que um sacerdote dentre vocês fechas-se a porta do templo e apagasse o fogo do altar, porque não aceito o culto que me oferecem; ele está fora do padrão que estabeleci”.

A mesma coisa acontece hoje. É claro que todas aquelas normas e leis do Antigo Testamento, detalhadas com relação aos sacrifícios e ministérios dos sacerdotes,

eram provisórias, temporárias, pois apontavam para o grande sacrifício de Jesus Cristo na cruz do Calvário. O Novo Testamento não prescreve normas detalhadas para o culto, não apresenta uma ordem litúrgica como havia no Antigo Testamento. Contudo, os elementos do culto a Deus são muito claros: as orações, os cânticos, a pregação da Palavra, os sacramentos e outros, os quais o Novo Testamento diz com clareza que fazem parte do culto a Deus.

Não podemos inventar elementos de culto. Não nos cabe introduzir no culto invenções humanas, ainda que a pretexto de ser algo prático, de boa intenção, ligado à tradição, à antiguidade ou mesmo algo que todo mundo faz. Isso seria corromper o culto a Deus. Deus zela por seu culto e quer que o adoremos no Espírito e em verdade, com simplicidade e singeleza de coração, sem invenções humanas, sem essas coisas que hoje impregnam e contaminam o culto a Deus, como infelizmente vemos em certas igrejas no meio evangélico: desde objetos supostamente capazes de transferir a graça de Deus, todo tipo de aberrações vindas até mesmo do candomblé e do baixo espiritismo, até a introdução de antigos rituais judaicos no culto. Há segmentos evangélicos que querem trazer de volta ao culto as antigas práticas da comunidade de Israel, quando todas elas já passaram.

Portanto, esta é a terceira lição que aprendemos com Malaquias: devemos adorar a Deus de acordo com sua Palavra, sem inventar partes ou elementos do culto para chegarmos diante do Senhor.

4. Devemos cultivar a Deus com a atitude apropriada

Devemos cultivar a Deus com sinceridade de coração. Ele sempre quis que o culto fosse sincero. As regras e leis estabelecidas tinham como objetivo expressar a santidade divina, e o alvo de todas elas era mostrar ao adorador a necessidade da mediação, da purificação de pecados e da graça de Deus, para que o culto fosse agradável a ele.

No entanto, mesmo com toda aquela formalidade, o que Deus desejava de fato era o coração do povo, que este se apresentasse diante dele voluntariamente, com o coração quebrantado e contrito. Todavia, na época de Malaquias os sacerdotes faziam a sua parte com enfado. “Que cansei-ra!”, eles diziam. “Estamos enfadados. Quando esse culto vai terminar?” O povo estava desmotivado, questionava o amor de Deus e só trazia para o culto o que sobrava, não o que tinha de melhor. Com isso, não somente quebrava a Lei de Deus, prestando um culto que não era da vontade dele, mas tinha uma atitude incorreta.

Nada disso mudou para nós hoje. Não basta apenas termos um culto apropriado, simples, bíblico, contendo somente os elementos que Deus prescreveu, porque, no final, acima de tudo, Deus deseja nosso coração. Deus quer que nos entreguemos a ele no culto. Em lugar de sacrifícios, ele deseja que nos ofereçamos inteiramente a ele e que os nossos lábios profiram um sacrifício de louvor ao seu nome. Deus quer que o adoremos com integridade de coração e que o amemos com toda a nossa alma, com

todo o nosso entendimento e com todas as nossas forças. Quando nos aproximamos para cultuá-lo com o coração dividido, metade aqui e metade em outro lugar, quando não participamos de fato, de todo o coração, das orações, do louvor nem ouvimos a Palavra de Deus com atenção, então, mesmo que estejamos num culto ortodoxo, conservador, bíblico no que se refere a seus aspectos externos, não agradamos a Deus, pois ele atenta para o coração dos adoradores.

A melhor maneira de cultuar a Deus de forma adequada é lembrar-nos da aliança que ele tem conosco, de quem ele é e de sua grandeza. Ele é o Senhor dos exércitos; ele é nosso Pai e Senhor. Quando Deus é o foco e o centro do culto, e não o homem, então fica mais fácil manter o espírito de adoração do qual Deus é digno e se agrada.

5. Devemos dar a Deus nosso melhor no culto

Todo culto no Antigo Testamento girava em torno disso. Os dízimos eram os melhores animais que havia no campo; as primícias eram oferecidas a Deus. As ofertas tinham de ser do melhor. Na verdade, o que Deus desejava com isso era demonstrar a importância dele. Ele queria mostrar que tinha de ter a primazia em nossa vida. Deus quer nosso coração, todo nosso ser; por isso não aceitava o culto da época de Malaquias, porque o povo não estava oferecendo a ele o que tinha de melhor.

A mensagem de Malaquias é de entrega total do ser, do coração e também dos bens. Primeiro Deus queria

que o povo tivesse o coração convertido; depois, que se convertesse no que dizia respeito aos bens. Isso também vale para nós, hoje. Ao adorarmos a Deus, devemos apresentar-nos a ele com o melhor do nosso coração, do nosso talento, da nossa disponibilidade e do nosso tempo, com uma atitude que reflita aquilo que Jesus diz: “Mas buscai primeiro o seu reino e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6.33).

6. A aceitação do nosso culto depende também da nossa vida moral e espiritual

O Antigo Testamento enfatiza essa relação entre a vida do povo e o culto que ele prestava a Deus. Leia, por exemplo, Isaías 1.12-18, onde Deus diz:

Quando vindes comparecer diante de mim, quem vos pediu que pisásseis nos meus átrios?

Não continuéis a trazer oferta inútil; para mim é incenso abominável. Luas novas, sábados e convocações de assembleias; não suporto maldade com solenidade!

A minha alma aborrece as vossas luas novas e as vossas festas fixas. Já me são pesadas! Estou cansado de suportá-las!

Quando estenderdes as mãos, esconderei os olhos de vós; e ainda que multipliqueis as orações, não as ouvirei, porque as vossas mãos estão cheias de sangue.

Lavai-vos e purificai-vos; tirai de diante dos meus olhos as vossas obras más; parai de praticar o mal; aprendei a praticar o bem; buscai a justiça, acabai com a opressão, fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva.

Vinde e raciocinemos, diz o SENHOR: ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a lã.

Essa mesma ênfase que há em Isaías encontramos em Amós e Ezequiel. Há uma estreita relação entre a nossa vida moral e o culto que prestamos a Deus. Malaquias, como vimos, denuncia a imoralidade do povo de sua época. Ele denuncia a imoralidade dos sacerdotes, o casamento com mulheres adoradoras de deuses estranhos, o divórcio sem justa causa, e diz: “Deus não aceita o culto de vocês”. É interessante notar que nesse contexto o povo estava chorando no altar. O próprio Malaquias aponta a inutilidade desse lamento: “Além disso, ainda cobris o altar do SENHOR de lágrimas, choro e gemidos, porque ele não olha mais para as ofertas, nem as aceita da vossa mão com prazer” (2.13).

O povo estava chorando diante de Deus, rasgando as suas vestes e Deus dizia: “De nada adianta esse choro, esse lamento, porque a vida de vocês está fora dos padrões da minha aliança. Vocês não estão andando nos meus caminhos, de acordo com a minha Palavra”.

O culto do Novo Testamento não é diferente. O próprio Jesus disse: “Portanto, quando apresentares tua oferta no altar, se ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa diante do altar a oferta e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; depois vem apresentar a oferta” (Mt 5.23,24). O apóstolo Paulo também disse: “Quero que os homens orem em todo lugar, levantando mãos santas, sem ódio nem discórdia” (1Tm 2.8).

Ora, que tipo de mãos levantamos em nossa adoração? Será que nossas mãos estão puras, livres de iniquidade, imoralidade e outras coisas que o Senhor abomina? Existe uma estreita relação entre santidade e pureza de vida e o culto agradável a Deus.

Deus não se agrada quando chegamos para adorá-lo com mãos, pés, coração, mente, enfim, com todo nosso ser impuro. É por isso que no culto sempre há uma oportunidade de confissão de pecados, de contrição, de pedir que Deus nos purifique. Aqueles que são de Deus e estão sinceramente arrependidos de seus pecados têm no culto a oportunidade para se purificarem.

O que diz o apóstolo Paulo sobre a participação na ceia do Senhor? “Por essa razão, quem comer do pão ou beber do cálice do Senhor de maneira indigna será culpado de pecar contra o corpo e o sangue do Senhor” (1Co 11.27). Ele está se referindo à relação que existe entre uma vida digna e a participação no culto a Deus. Que desafio extraordinário esse de Malaquias no sentido de que vivamos uma vida santa para cultuar a Deus.

Diante de tudo que foi dito, quem está apto para servir a esse Deus tão santo?

Vimos que o nosso Deus tem um culto extremamente definido de acordo com aquilo que ele mesmo revelou, que ele é um Deus que sonda os corações, que exige uma atitude correta, uma vida santa. Ora, quem é digno de entrar na presença desse Deus e servi-lo? Quem será capaz de oferecer-lhe um culto que seja aceitável?

Há somente um modo de oferecermos a Deus um culto aceitável: pelo sangue de Jesus. Todo culto do Antigo Testamento tinha o sangue de animais sacrificados. O culto tinha basicamente como centro os sacrifícios de acordo com a Lei mosaica. Os sacerdotes, para que pudessem officiar o culto, tinham de passar por um ritual de purificação, que encontramos descrito no livro de Êxodo e depois em Levítico. Eles tinham de colocar sangue na mão, na orelha e no pé, lavar-se com água pura e vestir a estola sacerdotal para poder adentrar no templo e oferecer sacrifícios de acordo com a Lei de Moisés.

Tudo aquilo apontava para a necessidade de purificação do adorador. Até o sacerdote tinha de oferecer sacrifícios em seu próprio favor, para poder ministrar no templo e entrar na presença de Deus. Mas o que aconteceu com o templo? O sacerdócio e os sacrifícios foram se corrompendo, como vemos pela queixa do profeta Malaquias.

Esse é o último livro do Antigo Testamento. Passados tantos anos de história, isso deveria nos levar a pensar que o livro fala de triunfo, de vitória, e não de uma nota de tristeza, a despeito do cenário que retrata. Os sacerdotes corruptos, os sacrifícios de animais defeituosos, tudo aquilo prefigurava uma mudança de sacerdócio, de sacrifício e de sistema.

É disso que Malaquias fala: o próprio Deus viria ao seu templo e se assentaria como o ourives para purificar o ouro e a prata no fogo. Ele purificaria os sacerdotes. Ele limparia as manchas, como o lavandeiro limpa as manchas dos tecidos com a potassa, e tudo isso se cumpriria na vida e morte do Senhor Jesus Cristo. O mensageiro da

aliança, o Senhor, veio ao templo e ali, com o seu sangue precioso, derramado de uma vez por todas, purificou o seu povo. Ele purificou um povo para si mesmo, zeloso de boas obras, e assim hoje podemos entrar na presença de Deus, no santuário celestial. Não estamos presos entre quatro paredes, mas na presença do próprio santuário celestial, onde Deus está assentado em seu trono, pela mediação de Jesus Cristo, pelo seu sangue precioso que nos purifica de todo o pecado.

Portanto, o culto a Deus é coisa séria, e somente purificados em Cristo podemos chegar diante de Deus e servi-lo de todo o coração. Esse culto, então, que prestamos a Deus aqui neste mundo, pelo sangue de Jesus, é o prelúdio do culto celestial, no qual Deus receberá toda a glória naquele grande dia.



Em nossos dias, assim como na época de Malaquias, o culto a Deus tem sido desvirtuado das mais diversas maneiras. Embora muitos pensem que nada temos a aprender com o Antigo Testamento em matéria de culto, estão enganados. Ao levantarem sua voz contra o povo de Deus de sua época, por haver desvirtuado o culto ao Senhor, os profetas usaram como argumentos princípios relativos à adoração a Deus que certamente se aplicam ao povo de Deus de todas as épocas.

Esta obra tratará desses princípios apresentados por Malaquias a um povo que havia perdido a visão do culto verdadeiro. Entre eles estão:

- A centralidade de Deus no culto;
- As razões corretas para cultuá-lo;
- A relação entre o culto e a nossa vida diária;
- A necessidade de adorarmos a Deus de acordo com o que ele nos revelou e não de acordo com nossa criatividade.

É por essa razão que Malaquias é bastante atual e relevante. E por isso, um livro que estude sua mensagem é igualmente atual e relevante para a igreja de hoje.

